

Análises de filmes no viés das dinâmicas sociais e dos media digitais



Editor:
Élmano Ricarte

ANÁLISES DE FILMES NO VIÉS DAS DINÂMICAS SOCIAIS E DOS MÉDIA DIGITAIS

KADE P R E S S

Título: Análises de filmes no viés das dinâmicas sociais e dos media digitais

Coordenação de volume: Élmano Ricarte

Capa e paginação: Iolanda Azevedo; Élmano Ricarte

Ilustrações: Iolanda Azevedo

Comissão Científica:

- Adriano Charles Cruz Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil
- Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil
- Alexandra Lima Gonçalves Pinto Departamento de Artes e Comunicação, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil e Instituto de Comunicação, da Universidade Nova de Lisboa, Portugal
- Javier Pérez Sánchez Departamento de Comunicación, Facultad de Empresa, Economía, Comunicación Y Relaciones Internacionales, Universidad Europea de Madrid, España
- Madalena Miranda UNIDCOM, IADE, Universidade Europeia, Lisboa, Portugal
- Marcelo Pires de Oliveira Departamento de Letras e Artes, da universidade de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil
- Maria Érica de Oliveira Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil
- Pavel Bautista Sidorenko Facultad de Empresa y Comunicación, Universidad Internacional de La Rioja, España
- Sebastião Albano Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil
- Valquíria Kneipp Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil

ISBN: 978-989-53943-8-8 (PDF)

1º edição: Lisboa, Junho de 2024

IADE PRESS

IADE Press

iade.press@universidadeeuropeia.pt

<http://iadepress.unidcom-iade.pt/>

Av. Dom Carlos | 4

1200-649 Lisboa, Portugal



Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada online e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Internacional 4.0 (CC-BY).



prolegómenos Cândida Almeida	7
--------------------------------	---

Milton Cappelletti	8
--------------------	---

Abertura das análises 10

Quando o cenário comunicacional mediático quotidiano encontra a ficção na linguagem cinematográfica Élmano Ricarte	11
---	----

Uma análise crítica do documentário “Nada é Privado: O Escândalo da Cambridge Analytica” Catarina Cortinhal	13
---	----

O Paradoxo da segurança e da liberdade: Snowden e a vigilância em massa na Era digital Ricardo Sérgio	22
---	----

Breve análise do papel das redes sociais na atualidade a partir do filme “The Social Dilemma” Francisca Sá	30
--	----

O “Exterminador” e a inteligência artificial: as implicações na atualidade Diogo Vergueiro	39
--	----

Transcendência: a Inteligência Artificial e o Pós-Humano Uma análise do filme Transcendence: A nova inteligência Marisa Ferraz da Costa	45
---	----

I Am Mother: Uma relação simbólica entre homem e máquina Viktória Santos	52
---	----

O Perigo das Redes Sociais: #FollowMe João Santos	61
--	----

Interseções digitais: desvendando o impacto das tecnologias na sociedade contemporânea Karen Lino	68
---	----

Breve análise do papel da desinformação a partir de “Hejter” Daniela Ferreira	77
--	----

Disconnect: Desconexões na Era Digital Iolanda Monteiro	83
--	----

“Os Estagiários” A influência da “Self-Perception” nas relações e dinâmicas digitais Dinis Guedes	89
---	----

avant propos

A cultura, o ensino e a criatividade enquanto catalisadores da mudança no IADE

Nas últimas décadas, assistimos a transformações sociais, culturais e ambientais sem precedentes. Não é necessário recorremos ao grande movimento migratório global das áreas rurais para os centros urbanos, no início do século XX, ou às reivindicações feministas que surgiram durante e após a Primeira Guerra Mundial: basta olharmos para a proliferação dos movimentos sociais em todo o mundo; as consequências da Globalização e o advento dos media sociais. De facto, o mundo muda e inspira mudanças.

Enquanto agentes ativos destas transformações, também somos impactados pelas mesmas em vários níveis. Produzimos, deixamo-nos produzir, criamos conteúdos, somos conteúdos... Mergulhamos fundo no nosso ADN cultural e na multiculturalidade global e encontramos inspiração para criarmos novas formas de fazer cultura. De facto, a cultura muda e inspira mudanças.

Diante deste cenário, a construção da aprendizagem dos indivíduos é fortemente impactada: o verbo 'ensinar' reveste-se de 'aprender', numa clara simbiose que envolve diferentes áreas de conhecimento, variadas teorias e muitas formas de promover a prática. A somar a esta dinâmica, basta acrescentarmos os processos tecnológicos para termos uma riqueza nunca vista no Ensino. De facto, ensinar é um ato complexo e que inspira mudanças.

É neste contexto de profunda transformação que o IADE emerge enquanto força atuante na sociedade, na cultura e no Ensino: uma instituição que olha para o passado e constrói o hoje a pensar no amanhã. Que une as suas valências no Design, na Tecnologia, no Marketing e na Comunicação para construir uma experiência de aprendizagem que reflete, por si só, uma visão de futuro partilhada por muitos: são milhares de alunos; ex-alunos e docentes que acreditam na criatividade enquanto elemento propulsor. De facto, a criatividade no IADE é a base para as mudanças.

E no seio desta grande "máquina" que é o IADE, esta obra surge e sintetiza perfeitamente esta reflexão, ao alinhar as dinâmicas sociais,

a cultura e a evolução tecnológica no contexto da Comunicação. Mais incisivamente, trata-se de um trabalho riquíssimo que vê a cultura sob a perspetiva dos filmes, que olha para a sociedade atual mediante os seus diferentes fenómenos e que contextualiza, por fim, a fusão entre tecnologia e processos comunicacionais através dos media digitais.

As próximas páginas revelam os pormenores deste projeto através do testemunho de docentes e do trabalho de investigação de estudantes. São, essencialmente, perspetivas profissionais e académicas que refletem a cultura, o Ensino e a criatividade enquanto parte da mudança que o IADE quer no mundo.

E que honra a minha poder fazer parte dele!

Boas leituras!

Anna Carolina Boechat, Ph.D.

Coordenadora Científica e Pedagógica das áreas de Marketing e Comunicação do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-9252-6602>

As tecnologias da comunicação sob a mira do audiovisual

É com grande satisfação que o Mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia do IADE, Universidade Europeia torna público e acessível a toda comunidade, ensaios críticos de produções audiovisuais de ficção e não-ficção (documentários e biografias) sobre os média sociais, os seus principais atores e as dinâmicas dos meios de comunicação contemporâneos. Desenvolvidos pelos estudantes ingressantes na turma de 2022, os ensaios foram desenvolvidos na unidade curricular de Dinâmicas Sociais e Médias Digitais, sob a gestão editorial do Professor Doutor Élmano Ricarte.

Os ensaios estabelecem pertinentes análises sobre as narrativas filmicas, tendo como base, além do olhar debruçado sobre as técnicas cinematográficas, importantes diálogos com autoras e autores das Ciências da Comunicação. Neste volume, o leitor poderá refletir sobre os impactos das tecnologias digitais na formação social e cultural bem como conhecer os principais autores que estão a refletir sobre as transformações do mundo, e das subjetividades, diga-se, frente à evolução dos meios.

Questões como a segurança de dados, os excessos das conversações em rede, a proliferação de notícias falsas fabricadas para disseminação, a humanização das tecnologias por uma via, a tecnologização do humano por outra, o enfrentamento da inteligência artificial no quotidiano e os impactos psicossociais do uso massivo dos dispositivos móveis são temas que perpassam os textos e trazem questionamentos fundamentais sobre a cultura digital e da conexão.

Este é um volume, o qual ultrapassa as cercanias da academia e do pensamento comunicacional, posiciona-se como um guia das produções audiovisuais sobre o tema ao fazer-se crítica da própria evolução humana pelas lentes de guionistas, diretores e produtores audiovisuais.

Boa leitura!

Cândida Almeida, Ph. D.

Atual coordenadora do Mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5368-2613>

Uma reflexão sobre o cenário comunicacional contemporâneo

O estudo integrado da Comunicação Audiovisual e da Comunicação Multimédia é, concomitantemente, um desafio e uma oportunidade para a academia e mercado.

É um desafio, porque se trata de um campo continuamente em transformações, influenciado sobretudo pelas transformações tecnológicas e pelas tecnologias da informação. Neste sentido, como a Comunicação experimenta contínuos processos de convergência, faz-se necessário estudar os produtos e tecnologias aplicados à Comunicação, de forma a entender as suas características e limitações, além de apontar novos usos para tecnologias já presentes no nosso dia a dia, como as redes sociais, Web, aplicações móveis, videojogos e televisão digital.

Entende-se ainda que se trata de uma oportunidade, pois é da natureza da Comunicação “conversar” com outras áreas científicas, como a Sociologia, Artes e Design, e dentro das suas próprias áreas de atuação, como o Jornalismo, Publicidade e Marketing, de tal modo que se torna uma máquina discursiva de outras disciplinas e de si própria. Assim, apontamos que é um espaço privilegiado para discussões sobre questões de um quotidiano mediado por e através dos media a partir de um ecossistema digital.

Neste duplo contexto, em que a interdisciplinaridade da Comunicação Audiovisual e Multimédia tem vindo a ganhar relevância, o presente livro oferece importantes contributos para a reflexão sobre as dinâmicas sociais com ênfase nos avanços tecnológicos, especialmente dos media digitais, e a sua influência nessas mudanças. Os temas explorados envolvem cibercultura, inteligência artificial, segurança digital e desinformação.

É importante salientar que estes contributos advêm da análise fílmica realizada pelos alunos do Mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia do IADE - Universidade Europeia. Como atividade pedagógica, a análise fílmica contribui para a identificação e compreensão de discursos audiovisuais em diálogo com competências mediáticas sobre os modos de interação e produção de significados do público.

Entendemos que ao decompor e interpretar os elementos audiovisuais e multimédia de um filme, os estudantes/autores puderam exercitar o ato de ver mais e além do que o conteúdo do filme em si. Conforme irão perceber nas próximas páginas, os textos oferecem diferentes perspectivas para o debate interdisciplinar destas mesmas oportunidades e desafios do cenário comunicacional contemporâneo.

Milton Cappelletti, Ph.D.

Coordenador entre anos de 2020 e 2023 do Mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia e atual Coordenador da Licenciatura em Ciências da Comunicação (Universidade Europeia On-line).

OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-6539-6902>

Alecrim Classanálises



Quando o cenário comunicacional mediático do quotidiano encontra

Esse livro é o resultado de um esforço científico e pedagógico sobre as relações sociais e culturais, sejam de indivíduos ou instituições sociais, com os media ou com um conjunto de média. Os ensaios científicos realizados surgem a partir de reflexões cuja base é a análise de filmes, nos quais são encontradas representações de algum contexto no qual os média (ou conjunto deles) são integrados no quotidiano.

Em Ciências da Comunicação, tal processo e as transformações/mudanças/ alterações registadas nas configurações comunicativas (Hepp, 2014) são investigados empiricamente e teoricamente pelos Estudos da Mediatização.

Essa é uma área do Campo da Comunicação, a qual pode também ser compreendida como Sociologia da Comunicação (Hjarvard, 2012). Não se trata de um <<mediacentrismo>>, onde a mídia assume um papel preponderante na análise, considerando que as sociedades e as culturas, por exemplo, estariam imersas nos media (Deuze, 2012). Portanto, um estudo diante da perspetiva da Mediatização vai ao encontro empírico daquelas mudanças sem sua natureza mais sociológica (Hjarvard, 2012; Ricarte, 2019). Um dos vieses para tais estudos seria ao longo do tempo (diacrónico) ou no atual momento (sincrónico) (Hepp, 2014).

O que se aborda nesse livro é, dessa forma, a compreensão científica do que tais relações mediáticas podem suscitar no contexto pedagógico da Unidade Curricular (UC) de Dinâmicas Sociais e Media Digitais, do curso do Mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia, na Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação – IADE, da Universidade Europeia. Como parte da avaliação contínua foi proposto como requisito que os/as estudantes fizessem uma seleção de filmes que trouxesse de modo evidente uma abordagem coerente e coesa com os conteúdos programáticos da UC, embora o foco principal tenha sido mais centrado na Mediatização.

Sendo assim, para materializar essas análises, duas etapas foram aplicadas pedagogicamente. A primeira consistia, para além da seleção, na apresentação e no debate em sala de aula sobre o filme escolhido e os pontos convergentes inseridos na narrativa audiovisual com a teoria discutida em classe. Depois, para registo escrito das comunicações orais, o outro requisito de

avaliação residiana entregade um Ensaio Científico, no qual ficasse condensado o raciocínio de cada estudante com base em diversos autores/as das Ciências da Comunicação.

Por sua vez, o Ensaio dividiu-se em três momentos complementares: (1) uma breve apresentação do filme escolhido e a catalogação de quais marcos teóricos convergiam com a UC; (2) a análise teórica aprofundada e detalhada sobre cada um dos elementos anteriormente identificados e elencados no filme selecionado e (3) uma conclusão sob a ótica da importância da literacia dos/nos media, tendo sobretudo atenção ao contexto que aqueles pontos detetados faziam com a realidade quotidiana no atual momento.

Como resultado, os Ensaios aqui trazidos nesse livro refletem não somente a ampla diversidade de relações mediáticas que tem sido verificada em âmbito social e cultural como também a variedade de transformações que as configurações comunicativas têm sofrido nesses mesmos aspectos. Tal diversidade é uma mais-valia e uma versatilidade que as Ciências da Comunicação têm a partir de sua interdisciplinaridade existente na disciplina de Dinâmicas Sociais e Media Digitais.

Por fim, é importante destacar ainda como a linguagem cinematográfica pode contribuir para uma reflexão sobre o quotidiano vivido atualmente, mobilizando um pensamento crítico sobre a realidade enquadrada pela sétima arte.

Élmano Ricarte, Ph. D., editor

Professor Auxiliar na Universidade Europeia, na Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação (IADE). Investigador Integrado na Unidade de Investigação em Design e Comunicação – UNIDCOM e investigador colaborador no Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa – ICNOVA.

OrcID: <https://orcid.org/0002-8638-3529>

Referências bibliográficas

- Deuze, M. (2012). *Media Life*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Hepp, A. (2014). As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo". *Matrizes*. V. 8 - No 1 jan./jun. 2014 São Paulo - Brasil, p. 45-64.
- Hjarvard, S. (2012). Midiatização: Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In.: *Matrizes*, 4(2), pp. 53-91.
- Ricarte, É. (2019). *O Mundo Mediatizado das Marchas Populares de Lisboa: a configuração comunicativa entrelaçamento mediático [The Mediatized World of Lisbon Popular Marches: the communicative figuration mediatic interweaving]*. (Tese de doutoramento). Retrieved from <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27721>

Uma análise crítica do documentário “Nada é Privado: O Escândalo da Cambridge Analytica”



“Se não estás a pagar, és o produto.”

Catarina Cortinhal

Licenciada em Jornalismo e Comunicação pela Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia.

E-mail: catarinacortinhal@gmail.com.

OrcID: <https://orcid.org/0009-0001-9475-6823>

Introdução

O filme “Nada É Privado: O Escândalo da Cambridge Analytica” (em inglês, *The Big Hack*) (Amer & Noujaim, 2019), é um filme documental que incide sobre um caso mediático a nível internacional relacionado com a recolha, venda e utilização imprópria dos dados pessoais de utilizadores da rede social *Facebook* por parte de uma empresa de análise de dados, a *Cambridge Analytica*.

Em torno de todo o filme são levantadas questões relativamente à privacidade dos utilizadores nas plataformas de redes sociais, a comodificação dos seus dados, o uso abusivo de publicidade direcionada, a sua influência na opinião pública e, consecutivamente, na democracia.

Mais especificamente, o escândalo relacionado com a gigante *Cambridge Analytica* refere-se ao abuso dos dados dos utilizadores do *Facebook* para a campanha de Donald Trump durante as presidenciais de 2016 de modo a conseguir influenciar os resultados da eleição, mas também, relativamente ao referendo de junho de 2016 no Reino Unido sobre a saída da nação da União Europeia.

Este ensaio pretende analisar criticamente de uma forma global a questão da comodificação dos dados pessoais do utilizador, mas mais especificamente, como funciona a recolha de dados dos consumidores por parte do algoritmo da *Cambridge Analytica*; como é que casos como o a ser analisado podem contribuir para a sensação de observação e vigilância; e como é que os governos podem contribuir para a prevenção deste tipo de casos.

A análise vai estar dividida por momentos, ou seja, pretende-se com isto dizer que o presente texto vai recorrer a momentos específicos do documentário para expor e argumentar a minha perspetiva acerca da comodificação de dados e dos restantes sub-temas.

Destaca-se também a atual conjuntura de eventos da sociedade contemporânea, mais principalmente, a necessidade de uma maior preocupação com a privacidade *online* dos indivíduos e de regulamentação relativamente ao tratamento de dados. Ao longo de todo o ensaio, estes fatores são vistos como um direito humano a ser respeitado, porque um abuso dos mesmos coloca em causa a integridade do ser humano como indivíduo, vendendo a sua vida exposta e extrapolada de forma a beneficiar interesses capitalistas.

A comodificação de dados pessoais

O capitalismo protege a privacidade para os ricos e as companhias, mas ao mesmo tempo legitima violações de privacidade para consumidores e cidadãos.
(Fuchs, 2014)¹

Christopher Wylie, o whistleblower de tudo o que se passava e envolvia a *Cambridge Analytica* caracteriza a empresa como muito mais do que é “no papel”, o ex-funcionário refere no documentário que a empresa pode ser considerada uma “full-service propaganda machine” (Amer & Noujaim, 2019, 0:20:14).

¹ Texto traduzido do original em Língua Inglesa: “Capitalism protects privacy for the rich and companies, but at the same time legitimates privacy violations of consumers and citizens.” (Fuchs, 2014, p.158)

Questionando acerca do que realmente integra as redes sociais: segundo Fuchs (2014)1, sites de redes sociais são compostos por diferentes tipos de media, informações e tecnologias de comunicação que reúnem em si um mar de pontos de dados sobre os utilizadores e sobre as conexões que estabelecem entre si. Colocando isto em perspetiva, os utilizadores reconhecem e autorizam que os seus dados estejam à vista do público, despidos de qualquer barreira e possíveis de aceder por todos os seus “amigos”.

Porém, há muito mais para além daquilo que aparenta. Analisemos a citação de Fuchs (2014, p.158) que abre este ensaio: as empresas capitalistas querem ver a sua privacidade protegida, valorizando a privacidade económica como um direito imprescindível no panorama empresarial, no entanto, são essas empresas, como o Facebook (atual Meta) que tornam possível a violação da privacidade de milhões de indivíduos pelo mero custo da criação de uma conta no seu serviço, possibilitando que consigam lucrar os milhares de milhões de euros a que estão acostumados. No ano de 2023, segundo o relatório lançado pela empresa, a Meta terá faturado mais de 39 mil milhões de dólares americanos que representou um aumento de 69% em relação ao ano de 2022 (Curvelo, 2024, fevereiro 2).

A isto é o que podemos chamar de comodificação, o momento em que os dados pessoais dos utilizadores passam a ser o produto do processo produtivo (Castells, 1996, p.119). Castells (1996, p.119) menciona que este paradigma surgiu motivado pela emergência das tecnologias de informação, por serem “mais flexíveis e poderosas”. No entanto, à data em que autor publicava o seu trabalho, as redes sociais como existem hoje nem eram equacionadas, logo, a evolução da possibilidade da comodificação dos dados pessoais foi igualmente evoluindo, mas sem a evolução de leis de proteção dos utilizadores consigo.

No início do documentário, David Carroll, professor de Design de Media na Parsons School of Design, expressa as suas preocupações relativamente ao uso indevido dos nossos dados e quais as repercussões que estes podem vir a ter no futuro dos filhos de todo o mundo (Amer & Noujaim, 2019, 0:07:34) afirmando ainda que “quando o Project Alamo estava no seu auge, gastavam um milhão de dólares por dia em anúncios do Facebook” ao mesmo tempo que a Cambridge Analytica analisava em quais estados estes deveriam ser direcionados, tendo por base cinco mil pontos de dados relativamente a cada eleitor americano (Amer & Noujaim, 2019, 0:08:27). A partir do surgimento desta preocupação e de forma a descobrir o que alimentava esse medo, decidiu pedir à Cambridge Analytica todos os dados que eles tinham recolhido sobre si para a plataforma de dados “Project Alamo”.

Porém, segundo Clarke (2019, p.65), as organizações que pagam para obter cópias dos dados dos utilizadores alcançam múltiplas indústrias, não só o setor dos partidos e candidatos políticos. Inclusive, no texto, o autor menciona que estes se tornaram um setor bastante lucrativo, porque cada vez mais os partidos pretendem alcançar os seus públicos através do targeted advertising de forma a manipular os votos dos eleitores, mas também para alcançar aqueles que já são afiliados – possivelmente para que estes continuem a sentir-se valorizados.

No entanto, este recurso aos dados, para ter uma comunicação mais eficaz, é uma afronta à privacidade individual dos cidadãos que, mesmo cientes de que os seus dados estão a ser coletados para um certo objetivo, acabam por ter os mesmos dados abusados e extrapolados. Clarke (2019, p.64) destaca ainda que falta aos consumidores “o poder institucional para prevenir

os abusos excessivos” a que os dados dos eleitores estão sujeitos. Para além disso, o autor menciona que a aquisição de dados por outras organizações, são muitas vezes camuflados e suavizados ao serem cunhados de “parceria estratégica” no sentido em que ao partilharmos as nossas informações com uma empresa estamos, obrigatoriamente, a partilhá-las com estes “parceiros”, podendo esta lista de parceiros ser extensa e escondida da vista do consumidor que acaba por ceder os seus dados sem estar inteirado de qual vai ser o seu destino.

No documentário, podemos ver Alexander Nix, o então CEO da Cambridge Analytica, a afirmar que “se há uma lição a aprender com o sucedido, é que estas tecnologias podem fazer uma diferença enorme e continuarão a fazê-lo, por muitos anos” (Amer & Noujaim, 2019, 0:15:50). Embora este tipo de tecnologias tenha as suas vantagens, como as diversas aplicações no marketing a favor de melhorar a experiência do consumidor, acaba sempre por ter o seu lado negativo.

O processo de captura de dados e a sua aplicação

Segundo Zelianin (2022), “dados pessoais tornaram-se tão valiosos ao ponto de serem chamados ‘o recurso mais valioso do mundo’ superando o óleo”, sendo que gigantes tecnológicas como a Google, Amazon, Microsoft e Facebook têm aproximadamente um total de 1.2 milhões de terabytes de dados entre si. Carole Cadwalladr, jornalista e investigadora do “The Guardian” afirma, inclusive, que “estas plataformas que foram criadas para nos conectar acabaram por ser transformadas em armas” (Amer & Noujaim, 2019, 1:38:11).

Foi essa mesma jornalista que conseguiu trazer Christopher Wylie a testemunhar o que sabia sobre a companhia. Ex-funcionário e engenheiro de dados, acabou por revelar o método utilizado pela Cambridge Analytica para recolher dados através de aplicações no Facebook.

O processo consistia num teste de personalidade OCEAN – que analisa os cinco grandes tipos de características de personalidade (abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, afabilidade e neuroticismo) -, aparentemente inofensivo que podia ser realizado através da rede social. Com este meio, a empresa conseguiu recolher os dados dos utilizadores não só através das respostas ao inquérito, mas também devido às permissões que os utilizadores davam quando acediam ao mesmo.

Vítimas do desconhecimento dos termos e condições, as pessoas que fizeram uso da aplicação acabaram a partilhar, inclusive, os dados pessoais dos indivíduos que faziam parte da sua lista de amigos. Segundo Christopher Wylie, informações como “atualizações de estado, ‘gostos’ e, nalguns casos, mensagens privadas” (Amer & Noujaim, 2019, 0:21:56) eram recolhidas através da aplicação, sendo que muitas vezes os utilizadores não sabiam que tinham sido alvo deste abuso porque não tinham sido eles a utilizá-la.

Mais concretamente, esta tecnologia era capaz de, não só, alcançar todos os eleitores dos Estados Unidos da América através do uso da aplicação por parte de algumas centenas de milhares de utilizadores, como conseguiam utilizar este algoritmo para delinear estratégias de marketing que acabassem por manipular a opinião pública. Era direcionada publicidade e *fake news* aos chamados “persuadables” – pessoas cuja opinião era facilmente influenciada

por ainda estarem indecisos – que acabavam por transformar estados decisivos em estados vermelhos, dando vantagem aos republicanos.

Em entrevista ao “The Guardian”, Christopher Wylie afirmou que esta prática da Cambridge Analytica “foi uma experiência imoral” por estar a “brincar com a psicologia de um país inteiro, sem o seu consentimento ou conhecimento” no contexto de um processo democrático. Já Brittany Kaiser, a testemunha-chave de todo o caso e que trabalhava diretamente para Alexander Nix como diretora de desenvolvimento de negócios, refere que o método da empresa “atacava as mentes que pensavam que podiam mudar até que estes vissem o mundo da forma que eles queriam” (Amer & Noujaim, 2019, 0:41:21).

Carole Cadwalladr refere não ser mais possível ter “eleições livres e justas” no Reino Unido porque as leis eleitorais não estão adaptadas à realidade construída pelo Facebook. A jornalista destaca que o mesmo se está a passar no resto do mundo, havendo um crescimento de regimes autoritários que se fundamentam nestes tipos de manipulação dos seus públicos através de políticas de ódio e medo como a eleição de Bolsonaro no Brasil, um genocídio no Myanmar e a incitação ao ódio por parte do governo russo nos Estados Unidos da América (Amer & Noujaim, 2019, 1:35:45).

O surgimento da ideia de vigilância

Voltemos a David Carroll, após instaurar uma ação legal em Inglaterra contra a *Cambridge Analytica* para obter o seu perfil de eleitor, exigia que a empresa fizesse uma revelação completa dos seus dados, assim como revelasse o processo de obtenção dos mesmos, como é que estes foram processados, com quem foram partilhados e se os indivíduos têm o direito de proibir tal colheita. Carroll menciona ainda que as pessoas vão ficar chocadas quando virem a extensão da vigilância (Amer & Noujaim, 2019, 0:24:00). Por vigilância entende-se “investigação ou monitorização sistemática de ações ou comunicações de uma ou mais pessoas” (Clarke, 2019, p. 61).

Os indivíduos tomam consciência de que estão sob vigilância, de que dados acerca da sua atividade *online* (e também *offline*) estão a ser recolhidos e armazenados por várias entidades, de que os vestígios digitais que deixam podem ser aglomerados e analisados em formas e para propósitos que desconhecem e em momentos que também são desconhecidos. Neste contexto, seria de esperar que os indivíduos começassem a exercer autodisciplina e auto controlo (Manokha, 2018, p.228).

Segundo Manokha (2018), a ideia de que os indivíduos estão sempre sobre vigilância e a sua consciencialização acerca disso faz como que estes sintam uma necessidade de se autorreprimir. Esse efeito é uma consequência do poder do olhar, uma expressão cunhada por Foucault (1977) que fazia alusão ao poder repressivo do olhar dos observadores. Inicialmente esta expressão era aplicada a pessoas em cargos de poder ou institucionais, como professores, juízes, médicos, entre outros que sem qualquer coação exerciam um certo sentido de disciplina nos indivíduos que acabavam por se conformar às regras para que pudesse encaixar nas expectativas dos observadores (Manokha, 2018, p. 226).

Este impacto nos indivíduos por parte dos observadores faz parte do efeito panóptico desenvolvido por Foucault (1977). O conceito pressupõe a ideia de que numa prisão perfeita, seria possível um único guarda vigiar todos os presos através de uma única torre que apenas tem visão de dentro para fora. À semelhança do livro “1984” de George Orwell [1949 (2023)], é transmitida a sensação de que os indivíduos estão a ser permanentemente observados como forma de controlo das massas.

Na vida moderna, esta conceitualização pode ser aplicada às redes sociais caso coloquemos empresas como a *Meta* na posição do guarda e todos os seus consumidores como os prisioneiros. Isto deve-se ao facto de todos os cliques realizados fornecerem dados e informações às plataformas resultando em publicidade direcionada que gera essa mesma sensação de observação. Por outro lado, temos Clarke (2019) que menciona a existência de um capitalismo de vigilância, termo cunhado por Zuboff (2015; 2016 citado por Clarke, 2019) que se refere ao “objetivo das corporações de prever e modificar o comportamento humano como um meio de produzir receitas e controlar o mercado”. Este tipo de vigilância relaciona-se diretamente com o tema central deste ensaio crítico na medida em que a *Cambridge Analytica* vigiou os indivíduos de forma a prever o seu comportamento e modificar o daqueles que poderiam ser considerados *swing-votes*. Segundo o mesmo autor, “é razoável esperar que desenvolvimentos para um estado de vigilância iria contribuir para um declínio rápido na confiança por parte dos indivíduos não só nos governos, mas nas corporações”. Ou seja, os utilizadores iriam deixar de ser vulneráveis perante plataformas como o *Facebook* (Ayaburi & Treku, 2020, p.3). Caso essa conjuntura de eventos se suceda, as receitas das plataformas online vão sofrer um decréscimo devido a serem vistas “máquinas de vigilância económica e de publicidade que querem guardar, aceder e vender tantos dados dos utilizadores quanto possível de forma a maximizar os seus lucros” (Fuchs, 2014, p. 167).

No entanto, segundo David Carroll, “as pessoas não querem admitir que a propaganda funciona. Porque admiti-lo é a confrontar as suas próprias suscetibilidades, terrível falta de privacidade e desesperada dependência de plataformas tecnológicas que estão a arruinar as nossas democracias em várias superfícies de ataque” (Amer & Noujaim, 2019, 0:26:00).

Acaba por se colocar a questão, será possível estas plataformas voltarem a ganhar a confiança dos seus consumidores? Ou eventos como as revelações de Edward Snowden e o presente evento em análise da *Cambridge Analytica* perpetuaram o seu comportamento nas redes sociais?

Voltar a ganhar confiança através de leis de proteção de dados

Torna-se difícil plataformas como o *Facebook* voltarem a conseguir a confiança dos seus utilizadores quando perante a audição a Mark Zuckerberg para o processo da *Cambridge Analytica*, o mesmo mente, alegadamente, de acordo com o documentário, ao comité dizendo que crê “que os funcionários do Facebook não se envolveram com a *Cambridge Analytica*”. Segundo Brittany Kaiser, a testemunha-chave de todo o processo, esta informação seria mentira, afirmado ter-se reunido com a equipa do *Facebook* (Amer & Noujaim, 2019, 0:52:49).

O fundador do *Facebook* e atual CEO afirma, inclusive, que considera que os 87 milhões de utilizadores da plataforma são vítimas porque “não quiseram que a informação deles fosse vendida à *Cambridge Analytica* por uma programadora” (Amer & Noujaim, 2019, 0:53:34). Porém, estas tentativas por parte da gigante tecnológica de se desculpar relativamente ao processo tornam-se incoerentes a partir do momento em que as suas políticas de privacidade e termos e condições não refletiam essa mesma realidade. Inclusive, Fuchs (2014, p. 256) argumenta que esses mesmos documentos acabavam por ser meramente ideológicos, porque deveriam ser cumpridos e seguidos rigorosamente, no entanto, acabavam por ser violados pelas mesmas empresas que o redigem.

Na sua política de privacidade, o *Facebook* evita falar de vender dados gerados pelos utilizadores, dados demográficos e comportamentais. Ao invés disso, utiliza a frase “partilhar a informação” com terceiros o que é um eufemismo para a comodificação de dados dos utilizadores.

As palavras partilhar/partilha aparecem 85 vezes na política de privacidade do *Facebook* de dezembro de 2012 e os termos venda/vender não aparecem uma única vez(Fuchs, 2014, p. 166).

Atualmente, passados 10 anos desde essa análise à política de privacidade, é muito frequente ler-se, na atual política, expressões como “utilizamos as informações”, “ajudamos” os negócios que dependem dos nossos produtos e, mais especificamente, “não vendemos as tuas informações a ninguém e nunca o faremos” (*Facebook*, 2023).

Esta nova política de privacidade é mais fácil de navegar e, à primeira vista, é mais transparente quanto ao método de uso das informações dos seus utilizadores. No entanto, segue-se após as alterações das leis aplicáveis ao tratamento de dados dos utilizadores, não necessariamente a partir de uma vontade de proteção, mas a partir de uma obrigação legal, nomeadamente, existente em países europeus. Sendo que a internet pode ser considerada um espaço sem fronteiras, os dados são vendidos e processados a nível mundial e não local. Deste modo, o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) foi desenhado com o propósito de se destacar como a legislação de privacidade mais inovadora (Zelianin, 2022, p.125). No entanto, muitas vezes o RGPD não dá instruções claras acerca de como agir em certos casos devido à constante evolução e emergência de novas tecnologias (Zelianin, 2022, p. 131).

Porém, estas influências das leis em vigor na União Europeia acabam por influenciar a realidade vivida em países como os Estados Unidos da América. Nomeadamente, as empresas americanas que operem na UE têm que cumprir com o regulamento, assim, este veio colocar pressão e aumentar a preocupação generalizada com a proteção de dados, após o país já ter sido palco de múltiplas revelações acerca do uso de dados. De uma forma generalizada, os cidadãos acabam por desenvolver uma expectativa de compromisso por parte do governo relativamente à sua proteção individual. Quando questionada acerca do que acha que os legisladores devem fazer para melhor proteger os dados das pessoas, Brittany Kaiser afirmou que “o valor da *Google* e *Facebook* deve-se a possuírem e utilizarem os dados pessoais

das pessoas de todo o mundo” e que “a melhor forma de proceder é as pessoas serem proprietárias dos seus dados, como o são da propriedade”. (Amer & Noujaim, 2019, 1:08:03).

Conclusão

Recentemente, nos Estados Unidos da América, a *Meta* concordou em pagar uma indemnização de forma a compensar os seus utilizadores por ter permitido à *Cambridge Analytica* o acesso aos seus dados pessoais. Esta compensação surge, no entanto, mais de 6 anos depois do sucedido e em nada corrige os danos causados (Lusa, 2023).

Continuamos a viver perante a construção de um coletivo que sabe que é observado, ou seja, a consciencialização de que somos observados torna-se também ela o próprio observador. O ser humano acaba por se limitar e restringir, mediante a conceitualização que temos do mundo tecnológico em que vivemos, após eventos como o analisado ao longo do ensaio e, anteriormente, das revelações de Edward Snowden.

Porém, de uma perspetiva económica, a colheita de dados para publicidade direcionada irá sempre prevalecer por motivos de marketing personalizado ao consumidor e para publicitar de forma mais eficiente (Zelianin, 2022, pp.134 e 135). Este poderia ser o caso de empresas como a *Tesla*, que tem vindo a estabelecer inovações constantes no mundo da tecnologia. No entanto, em abril, funcionários revelaram o conteúdo das câmaras incorporadas nos veículos pessoais dos seus clientes. Esses vídeos continham cenas de nudez, crianças, acidentes e o interior das garagens dos proprietários (Paredes, 2023). O facto de as empresas terem aglomeradas na sua posse uma quantidade astronómica de dados sensíveis e pessoais, torna crucial o desenvolvimento de leis por parte dos governos que tenham em vista a prevenção, proteção e posterior defesa da privacidade digital dos seus cidadãos.

Conclui-se que este tipo de leis é fundamental de formar a limitar a habilidade das empresas de processar, divulgar e vender os nossos dados, passando o controlo sobre os mesmos para os seus consumidores. Atualmente, nesta sociedade cada vez mais tecnológica, é necessário encarar os direitos sobre os dados como um direito humano.

“Isto não se trata apenas de uma empresa. Esta tecnologia é imparável e vai continuar. Mas a *Cambridge Analytica* acabou. Em certos aspectos, sinto que por causa da velocidade a que esta tecnologia avança e porque as pessoas não a compreendem e porque há muita preocupação em relação a ela, haverá sempre uma *Cambridge Analytica*”

(Amer & Noujaim, 2019, 1:18:00)

Referências Bibliográficas

- Lusa, A. (2023, abril 20) Utilizadores do Facebook nos EUA podem solicitar a sua parte de indemnização milionária. Observador. <https://observador.pt/2023/04/20/utilizadores-do-facebook-nos-eua-podem-solicitar-a-sua-partde-de-indemnizacao-milionaria/>
- Amer, K. (Produtor & Diretor) & Noujaim, J. (Produtor & Diretor). (2019). Nada é Privado: O Escândalo da Cambridge Analytica [Documentário]. The Othrs.
- Ayaburi, E. e Treku, D. (2020) Effect of penitence on social media trust and privacy concerns: The case of Facebook. International Journal of Information Management, Vol. 50, pp.81-171. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2019.05.014>
- Castells, M. (1996) Sociedade em Rede (I) (8ª edição). São Paulo: Paz e Terra
- Clarke, R. (2019) Risks inherent in the digital surveillance economy: A research agenda. Journal of Information Technology, 34(1), pp.59-80. <https://doi.org/10.1177/0268396218815559>
- Curvelo, P. (2024, fevereiro 2). Meta lucra 391 mil milhões de dólares em 2023, uma subida de 69%. Jornal de Negócios. <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/tecnologias/redes-sociais/detalhe/meta-lucra-391-mil-milhoes-de-dolares-em-2023-uma-subida-de-69>
- Facebook (2023, November 14). Política de Privacidade. <https://www.facebook.com/about/privacy/>
- Foucault, M. (1977). Discipline and Punish: The Birth of the Prison (2nd ed.). Penguin Books.
- Fuchs, C. (2014) Social Media: a critical introduction (1ª edição). SAGE Publications Ltd. ISBN 978-1-4462-5730-2, pp.153-174
- Manokha, I. (2018). Surveillance, Panopticism, and Self-Discipline in the Digital Age. Surveillance & Society, 16(2), pp.219-237. <https://doi.org/10.24908/ss.v16i2.8346>
- Paredes, D. (2023, abril 09) Tesla processada depois de funcionários partilharem vídeos gravados pelas câmaras dos carros. Observador. <https://observador.pt/2023/04/09/tesla-processada-depois-de-funcionarios-partilharem-videos-gravados-pelas-camaras-dos-carros/amp/>
- Orwell, G. (2023). 1984 (18ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Zelianin, A. (2022) Personal Data as a Market Commodity in the GDPR Era: A Systematic Review of Social and Economic Aspects. Acta Informatica Pragensia, 11(1), pp.123-140. <https://doi.org/10.18267/j.aip.168>

O Paradoxo da segurança e da liberdade: Snowden e a vigilância em massa na Era digital



Ricardo Sérgio

Licenciado em Design, pela Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

E-mail: ricardosergio7@gmail.com

OrcID: <https://orcid.org/0009-0006-5130-3767>

Introdução

“Snowden” (Stone, 2016) é um filme de *thriller* biográfico realizado por Oliver Stone e escrito por Stone e Kieran Fitzgerald. O filme baseia-se em dois livros, um jornalístico e outro fictício, para recontar não só a trajetória de Edward Snowden² mas também o seu crescente desconforto com os abusos que testemunhou durante o seu trabalho para a Agência Nacional de Segurança (NSA), dos Estados Unidos da América. Snowden foi um ex-agente da Agência Central de Inteligência (CIA) que denunciou um esquema controverso de vigilância em massa pela NSA. O filme retrata Snowden como um herói que expôs a postura arrogante de uma nação que se considera ser superior.

Uma das principais virtudes do filme é a maneira como ele consegue tornar acessível um assunto complexo e técnico para um público mais amplo. O roteiro é bem construído abordando o acontecimento com uma boa profundidade e análise, consegue explicar de forma clara e concisa os conceitos-chave da vigilância em massa e da privacidade na era digital.

Em geral, o filme “Snowden” (Stone, 2016) é uma obra que chama a atenção para a questão da vigilância em massa e da privacidade na era digital. Levantando assim tópicos atuais sobre o equilíbrio entre segurança nacional e privacidade individual, apresenta um retrato interessante e controverso de Edward Snowden como um homem que se arriscou para expôr a realidade dos bastidores de um departamento público norte-americano.

A escolha do filme “Snowden” (Stone, 2016) como tema para um ensaio crítico justifica-se pela relevância contemporânea e pelos debates que suscita em torno da privacidade e segurança de dados, liberdade de expressão e ética governamental. Ao retratar a história de Edward Snowden, o filme apresenta uma narrativa que não só expõe a espionagem governamental e os seus limites, mas também lança luz sobre questões mais amplas relacionadas com a utilização da tecnologia na sociedade moderna. Esses temas podem revelar-se de extrema importância nos dias de hoje, quando a internet e as redes sociais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas e a preocupação com a privacidade e a segurança de dados pessoais crescem de forma exponencial.

Além disso, a escolha de “Snowden” (Stone, 2016) também se justifica pela sua técnica cinematográfica e pela forma como a narrativa é construída. O filme utiliza diversos recursos, como o *flashback* e a montagem, para contar a história de Edward Snowden de uma forma impactante e com o intuito de emocionar a audiência. A atuação de Joseph Gordon-Levitt como protagonista tem um peso para a representação do enredo, uma vez que ele oferece uma performance capaz de contribuir para a construção da mensagem do filme. Portanto, o filme foi escolhido para este ensaio crítico, pois aborda temas relevantes e apresenta uma narrativa complexa e bem construída, que pode ser analisada sob diversos ângulos e perspectivas críticas.

O enquadramento teórico deste ensaio crítico centra-se na relevância e nos debates contemporâneos sobre privacidade e segurança de dados, liberdade de expressão e ética

²Edward Snowden (nascido em 21 de junho de 1983) é um ex-analista de inteligência dos Estados Unidos da América conhecido por revelar programas de vigilância em massa do governo americano em 2013. As suas revelações desencadearam debates globais sobre privacidade e ética da vigilância. Snowden atualmente reside na Rússia, onde recebeu asilo político, e é considerado um símbolo de luta pelos direitos civis no mundo digital.

governamental que o filme suscita. O ensaio também aborda a forma como o filme conta a história de Edward Snowden e lança luz sobre questões mais vastas relacionadas com a utilização da tecnologia na sociedade moderna. O trabalho cita o conceito de poder de Manuel Castells (1999) na sociedade em rede e o seu modelo de comunicação, bem como a visão de Henry Jenkins (2009) sobre a transformação da produção e do consumo dos media.

A cinematografia técnica e a construção narrativa de "Snowden" também são destacadas.

É abordado o efeito panóptico na perspetiva de Michel Foucault (1987) e alguns conceitos mais ao detalhe como o *chilling effect* por Ivan Manokha (2018).

Análise no filme com base nos tópicos

Manuel Castells (1999) é um dos pensadores mais relevantes quando se trata de discutir as implicações das novas tecnologias de informação e comunicação nas sociedades em rede.

Conhecido pelo seu trabalho sobre a sociedade em rede e as transformações sociais e culturais decorrentes das novas tecnologias de informação e comunicação. Ele argumenta que, no contexto das sociedades em rede, o poder é distribuído de forma mais horizontal e descentralizada, em oposição ao poder centralizado e hierárquico. O modelo de comunicação, que permite a troca e a circulação de informações em tempo real e em ampla escala, é visto como uma das principais forças que justificam essa transformação. Pelas suas palavras: "O novo poder é o poder em rede, não o poder sobre rede, e seu modelo é a comunicação, não a hierarquia" (Castells, 1999, p. 471).

Castells (1999), ao abordar sobre as transformações sociais decorrentes do uso das novas tecnologias, argumenta que o poder nas sociedades em rede é distribuído de forma mais horizontal e descentralizada. Este conceito é particularmente evidente na cena do filme em que Snowden está num centro de operações da NSA, à procura de informação personalizada sobre um indivíduo e percebe o poder que a instituição tem sobre o público, este está, por sua vez, desprotegido e sem conhecimento da vigilância exercida pela agência daquele país.

Quando se observa a relação entre a tecnologia, cultura e comunicação em Jenkins (2009) nota-se que a convergência explora a relação entre tecnologia, cultura e comunicação, argumentando que a convergência de diferentes plataformas de mídia está a mudar a forma como as pessoas consomem e produzem conteúdo. Esta ideia pode ser relacionada com o filme "Snowden" (Stone, 2016), que aborda a vigilância em massa e a forma como a tecnologia é usada para monitorizar as comunicações das pessoas. A convergência de diferentes meios de comunicação, como a internet e as redes sociais, é fundamental para entender como a vigilância em massa se tornou possível. Para Jenkins (2009, p. 42) "A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação".

Após a citação de Jenkins (2009, p. 42), fica claro que a convergência é uma mudança significativa na produção e no consumo dos meios de comunicação. O filme também destaca como os meios de comunicação são usados para disseminar

informações e moldar a opinião pública sobre questões de segurança nacional e privacidade, mostrando como a convergência de diferentes tecnologias e os media está a transformar a forma como as pessoas produzem e consomem informações.

O filme retrata ainda na sua narrativa sobre a vigilância que os utilizadores estão a mercê quando organizados pela arquitetura e organização dos espaços físicos e sociais, influenciando o comportamento humano, conforme o conceito de “efeito panóptico” é um conceito desenvolvido por Michel Foucault que se refere ao modo como a arquitetura e a organização dos espaços físicos e sociais influenciam o comportamento humano. Ele descreve a maneira como as instituições são projetadas para exercer poder e controlar as pessoas, criando uma sensação de vigilância constante. Sobre isso, Foucault (1987, p. 224) esclarece que “O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente”.

Ao citar Foucault (1987, p. 224), fica evidente o papel do dispositivo panóptico na organização do espaço e na vigilância constante dos indivíduos. Este conceito pode ser relacionado com o filme “Snowden” (Stone, 2016), porque o governo dos EUA, graças aos seus programas de vigilância em massa, adoptou uma abordagem semelhante para monitorizar as atividades dos cidadãos em meio digital. O uso de tecnologias como este para a colheita de dados em massa e vigilância online permitiu que o governo monitorizasse as atividades das pessoas a um nível sem precedentes. De acordo com o filme, a vigilância tornou-se tão constante que desencadeou uma sensação de medo e ansiedade entre a população, que passou a sentir que as suas ações estavam a ser constantemente observadas. Ao relacionarmos este efeito ao filme, podemos considerar que é uma maneira de compreender como as instituições, neste caso o NSA, utilizam tecnologia para exercer poder e controlar todos. Ao presenciar o panóptico de Foucault (1987) em ação no centro de operações da NSA, Snowden se depara com a realidade da vigilância em massa e da violação da privacidade dos cidadãos. Essa experiência o leva a questionar a ética e a legalidade das práticas da NSA, tornando-se um denunciante das ações da agência.

No contexto da vigilância em massa, a importância do trabalho dos jornalistas se torna ainda mais evidente, pois eles são os únicos que podem dar voz aos que não a têm e revelar os abusos de poder. No entanto, a crescente percepção de serem vigiados coloca em risco a capacidade dos jornalistas de obterem informações confidenciais, essenciais para o seu trabalho. Os jornalistas confiam frequentemente em fontes confidenciais para lhes fornecer informação de interesse público, mas estas fontes podem hesitar em revelar informação sensível se acreditarem que estão a ser monitorizados ou vigiados. Esta relutância pode ter implicações significativas para o jornalismo e o seu papel na responsabilização dos detentores do poder.

Se os potenciais denunciantes ou outras fontes confidenciais sentirem que é demasiado arriscado avançar com informação importante, então as histórias críticas podem ficar por relatar ou ser subnotificadas. Manokha (2018)³ converge com a nossa reflexão ao afirmar que “Os jornalistas, que precisam de fontes confidenciais que forneçam informações

³Texto traduzido do original em língua inglesa: “Journalists, who need confidential sources providing public-interest information, usually from within organizations, have observed an increased reluctance on the part of their sources to reveal sensitive information because of surveillance” (Manokha, 2018, p. 228);

de interesse público, geralmente provenientes de dentro das organizações, têm observado uma maior relutância por parte das suas fontes em revelar informações sensíveis devido à vigilância”

Segundo as palavras de Manokha (2018), constata-se como as práticas de vigilância podem ter um efeito pernicioso não só no comportamento dos indivíduos, mas também em instituições da sociedade, como o jornalismo. Levanta assim questões sobre como equilibrar as preocupações em torno da segurança e privacidade nacionais com a nossa necessidade de transparência e responsabilidade por parte daqueles que estão em posições de poder. Conseguimos, por exemplo, relacionar esta prática com o filme nos momentos em que Edward Snowden se encontra com os jornalistas para expôr as informações obtidas. É observada alguma precaução por parte dos órgãos de comunicação, tanto na comunicação entre os mesmos como na própria partilha de informação para o público. O filme oferece uma oportunidade para refletirmos sobre como a vigilância pode afetar a liberdade de expressão e a transparência, especialmente no contexto da vigilância ‘peer-to-peer’.

Outro aspecto importante abordado no filme é o conceito de *chilling effect*, um fenômeno que se refere à diminuição da liberdade de expressão e a uma maior relutância em exercer direitos devido à percepção de vigilância ou repressão. Esse fenômeno é especialmente relevante em relação à vigilância peer-to-peer ou *lateral surveillance*, que é a vigilância realizada pelos próprios cidadãos, em vez de pelo governo ou outras instituições oficiais. Esse tipo de vigilância pode incluir a monitorização de conversas privadas, o compartilhamento de informações confidenciais ou a identificação de comportamentos que são considerados indesejados ou fora do normal. “é útil observar as análises existentes sobre o ‘chilling effect’ que resulta de um conceito conhecido por ‘peer-to-peer’ or ‘lateral’surveillance”, conforme detalha Manokha (2018)⁴.

Com base nessa citação de Manokha (2018), sublinha-se a importância de examinar o impacto da vigilância peer-to-peer ou *lateral surveillance* na sociedade. O conceito de um *chilling effect*, no qual as pessoas mudam o seu comportamento devido à vigilância, é uma consideração importante na compreensão de como a vigilância lateral pode afetar indivíduos e comunidades. Ao estudar as análises existentes sobre este tópico, podemos obter uma visão de como a vigilância lateral tem impacto na nossa privacidade, na liberdade e nas normas sociais.

No decorrer do filme, vemos como Snowden se sente cada vez mais pressionado pela ameaça de retaliação governamental. Ele é constantemente monitorizado e perseguido, o que o leva a se isolar e a se sentir cada vez mais ameaçado. O *chilling effect* é perceptível em várias cenas, onde Snowden é obrigado a agir com extrema cautela, medindo cuidadosamente as suas palavras e ações. Ao mostrar, na representação audiovisual, os efeitos do *chilling effect* sobre a vida de Snowden, o filme levanta questões sobre o equilíbrio entre segurança nacional e liberdade individual. A obra cinematográfica em questão destaca como a vigilância governamental pode ter efeitos inibidores e prejudiciais sobre a liberdade de expressão, levando as pessoas a se autocensurarem e a temerem represálias governamentais.

⁴Texto traduzido do original em língua inglesa: “(...) useful to take a brief look at the existing analyses of the ‘chilling effect’ that results from what is known as of ‘peer-to-peer’or ‘lateral’surveillance” (Manokha, 2018, p. 229)

A ideologia de que o criminoso é ao mesmo tempo um inimigo da sociedade e um sujeito submetido às suas leis é uma reflexão que também pode ser levantada pelo filme, pois questiona a legitimidade do poder punitivo do Estado e evidencia a necessidade de se pensar em alternativas ao encarceramento como forma de punição.

Supõe-se que o cidadão tenha aceito de uma vez por todas, com as leis da sociedade, também aquela que poderá puni-lo. O criminoso aparece então como um ser juridicamente paradoxal. Ele rompeu o pacto, é portanto inimigo da sociedade inteira, mas participa da punição que se exerce sobre ele. Foucault, 1987, p. 110).

Sendo assim, como apontado por Foucault (1987) e relacionando com o conteúdo do filme, podemos observar a posição de Edward Snowden, tendo ele sido punido por práticas tidas como criminais: até que ponto o fim não justifique os meios utilizados? Isto é, com o objetivo de dar a conhecer ao público as práticas do governo das quais este desconhecia, Edward Snowden cometeu ilegalidades tanto na obtenção como na transmissão da informação sensível. Ele escolheu ativamente pôr a sua segurança em causa de modo que a verdade fosse exposta, ignorando as possíveis consequências. Sabendo a intenção e os meios, o filme pode fazer os espectadores refletirem: será que devemos condenar alguém que diz agir e pensar no bem maior ou simplesmente aceitar que ilegalidades cometidas devem ser punidas?

Em consonância com a temática do filme, a tecnologia da informação também apresenta uma dualidade: por um lado, a capacidade de conectar e promover o bem-estar social; por outro, os desafios relacionados à privacidade, segurança e regulamentação. A exemplo do dilema vivido por Edward Snowden, a sociedade precisa encontrar um equilíbrio entre os benefícios e os riscos da tecnologia da informação. É necessário garantir que a tecnologia seja utilizada para o bem maior, sem comprometer a liberdade e a segurança dos indivíduos.

Uma das características centrais do paradigma da tecnologia da informação é a sua capacidade de se adaptar e se desenvolver numa rede de acessos múltiplos, em vez de se fechar como um sistema isolado. A abertura desse paradigma permite a interconexão de sistemas, dispositivos e pessoas por todo o mundo, que leva a um aumento da colaboração e da inovação. Ao mesmo tempo, a materialidade da tecnologia da informação é forte e impositiva, o que pode trazer desafios em termos de privacidade, segurança e regulamentação. É importante encontrar um equilíbrio entre a liberdade e a segurança para garantir que a tecnologia da informação seja uma força positiva na sociedade.

Em resumo, o paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico (Castells, 1999, p. 113).

Com base no que afirma Castells (1999), podemos fazer uma relação com o conteúdo do filme “Snowden” (Stone, 2016) ao apontar para a complexidade e ambiguidade da tecnologia da informação como um sistema. O filme ilustra claramente como a tecnologia pode ser usada tanto para promover a liberdade e a transparência quanto para restringir a privacidade e a liberdade de expressão. A tecnologia da informação é representada no filme como um sistema forte e impositivo na sua materialidade, mas também como um sistema que está em constante evolução e adaptação.

Durante a obra cinematográfica, vemos como o governo dos Estados Unidos utiliza

a tecnologia da informação para promover os seus objetivos de segurança nacional, implementando programas de vigilância em massa que reúnem dados sobre cidadãos comuns. No entanto, vemos também como essa mesma tecnologia pode ser usada por Snowden para expor essas práticas e promover a transparência e a liberdade de expressão. A tecnologia da informação é retratada como um sistema que é forte na sua materialidade, mas que pode ser adaptado e usado de maneiras diferentes para alcançar objetivos diversos.

Embora o filme se concentre nas atividades de vigilância do governo dos Estados Unidos, é possível estabelecer uma relação com o caso atual do *TikTok* na China, considerando o tema geral da vigilância e da privacidade. O *TikTok*, uma plataforma de media social, tem enfrentado preocupações sobre sua relação com o governo chinês. Alguns países, incluindo os Estados Unidos, levantaram questões sobre a colheita de dados e a segurança da privacidade dos utilizadores. Essas preocupações estão relacionadas ao potencial acesso do governo chinês às informações pessoais dos utilizadores e ao uso desses dados para fins de vigilância, o mesmo caso acontece na França onde os funcionários públicos não estão autorizados a ter uma conta nesta plataforma digital.

Conseguimos assim relacionar o caso de Snowden, à situação atual do *TikTok*, onde ambos envolvem preocupações sobre vigilância e privacidade em um contexto de avanços tecnológicos e acesso a dados pessoais. Embora as situações sejam diferentes em termos de governos envolvidos e abrangência das práticas de vigilância, ambos os casos despertaram debates importantes sobre o equilíbrio entre segurança, privacidade e liberdades individuais no mundo digital.

Conclusão

O ensaio crítico examina a questão da vigilância em massa, apresentando a visão de diferentes autores sobre o tema e relacionando com o filme “Snowden” (Stone, 2016). O pensamento de Castells (1999), que argumenta que o poder na sociedade em rede é distribuído de forma mais horizontal e descentralizada, é fundamental para entender como a tecnologia pode ser instrumentalizada para o controlo e vigilância das pessoas. A convergência de diferentes meios de comunicação (Jenkins, 2009), por sua vez, como a internet e as redes sociais, é essencial para entender como a vigilância em massa tornou-se possível. Por outro lado, o efeito panóptico de Foucault (1987) é uma maneira de compreender como as instituições, neste caso a NSA, utilizam tecnologia para exercer poder, controlar e vigiar todos. A conclusão é que a vigilância em massa tem implicações significativas para todos e também nos meios de comunicação como o jornalismo e o seu papel na responsabilização dos detentores do poder, já que as fontes confidenciais podem hesitar a revelar informações sensíveis, se sentirem que estão a ser monitorizadas ou vigiadas. O filme “Snowden” (Stone, 2016) alerta para a necessidade de proteger a privacidade dos cidadãos e questionar as práticas de vigilância do governo dos EUA.

Assim, o filme “Snowden” (Stone, 2016) levanta questões sobre a privacidade e a liberdade individual em um mundo cada vez mais conectado e monitorizado. O poder das instituições governamentais e corporativas é evidente no filme, e a vigilância em massa é retratada como uma ameaça real à democracia e aos direitos humanos. Através da história de Edward

Snowden, o filme também questiona a ética daqueles que trabalham para essas instituições e o papel dos jornalistas na divulgação de informações importantes para o público.

Sintetizando, o filme “Snowden” (Stone, 2016) oferece uma visão crítica e provocadora sobre as implicações da vigilância em massa e da recolha de dados em larga escala. Ele destaca a necessidade de proteger a privacidade e a liberdade individual em um mundo cada vez mais conectado, e a importância do papel dos jornalistas na divulgação de informações cruciais para o público. O filme apresenta um alerta oportuno sobre os riscos de permitir que o poder seja exercido de forma não transparente e não responsável, e a importância de se questionar os limites e as éticas dessas práticas na nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- Castells, M. (1999). A Sociedade em Rede. Paz e Terra (Volume 1) 8º Edição.
- Jenkins, H. (2009). Cultura da Convergência. ALEPH 2º Edição.
- Foucault, M. (1987). Vigiar e Punir. Vozes 20º Edição.
- Manokha, I. (15 de Julho de 2018). Surveillance, Panopticism, and Self-Discipline in the Digital Age. *Surveillance & Society*. pp. 220 - 237.

Referência do filme

- Stone, O. (2016). Snowden. [Filme]. United States: Endgame Entertainment.

Breve análise do papel das redes sociais na atualidade a partir do filme “The Social Dilemma”



Francisca Sá

Licenciada em Comunicação Social e Cultural, pela Faculdade de Ciências Humanas, na Universidade Católica Portuguesa
e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design,
Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.
E-mail: franciscabcoutosa6@gmail.com
OrCID: <https://orcid.org/0009-0002-5507-0033>

Introdução

O documentário “The Social Dilemma” de Jeff Orlowski (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020), é um filme que explora os efeitos das redes sociais na sociedade, incluindo o impacto na privacidade, na saúde mental e na polarização política.

Dado o meu interesse nestes temas, a escolha de “The Social Dilemma” como base para a realização deste ensaio deveu-se ao facto de ele ser um instrumento ideal para a realização de uma análise sobre o papel crescente do mundo das redes sociais na atualidade.

O filme, lançado em 2020, apresenta entrevistas com ex-funcionários de empresas de tecnologia, como o Facebook, o Google, o Twitter, o Instagram e o Pinterest, e com académicos que discutem as práticas usadas pelas empresas para manter os utilizadores conectados às suas plataformas. Além desses testemunhos, o filme faz também breves dramatizações ficcionais centradas no quotidiano de uma família, com o objetivo de alertar diretamente para o perigo das redes sociais.

Uma das principais preocupações levantadas pelo documentário é a manipulação algorítmica, que usa dados pessoais para criar perfis de utilizadores e oferecer conteúdo que reforça as suas crenças e opiniões, criando bolhas de informação e aumentando a polarização política.

Além disso, o documentário destaca também como as redes sociais são projetadas para serem viciantes, usando técnicas de engajamento para manter os utilizadores conectados durante horas a fio.

Outra questão abordada pelo filme é a privacidade do utilizador, mostrando como as empresas de tecnologia coletam dados pessoais dos utilizadores e como esses dados são usados para segmentar anúncios e influenciar comportamentos, o que Fuchs (2013) menciona como uma nova forma de capitalismo com a comunicação.

Então, ao revelar a manipulação que ocorre nas redes sociais, “The Social Dilemma” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020) expõe também o impacto sociocultural dessa manipulação na sociedade.

Para o presente ensaio, será feita uma análise seguindo alguns tópicos estudados em sala de aula na Unidade Curricular de Dinâmicas Sociais e Médias Digitais.

Análise das temáticas presentes no filme “The Social Dilemma”

A realidade social e cultural atual é composta por uma intensa e visível imersão da tecnologia no quotidiano (Ricarte, 2018). Vivemos num mundo altamente tecnológico, submerso nas redes sociais, nos likes, nas partilhas e nas aplicações.

Ora, estas recentes e profundas mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias de comunicação, não podem deixar de trazer consequências a vários níveis.

“Nada imenso entra na vida dos mortais sem uma maldição” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020, 0:21) é a frase de Sófocles que abre o documentário, constituindo, desde logo, um alerta para os potenciais perigos que as redes sociais podem comportar. A frase inserida no documentário é uma metáfora que sugere que o surgimento das redes sociais não trouxe

apenas inúmeras vantagens como a instantaneidade na comunicação e a conectividade entre pessoas por todo o mundo. O documentário relata com detalhe as muitas “maldições” que as redes sociais trouxeram consigo. Uma dessas “maldições” remete para o dilema vigilância/liberdade.

Vivemos num mundo em que achamos ter liberdade de pensar, agir e falar, apesar de nunca termos sido tão controlados a nível tecnológico. Em sintonia com esse pensamento, menciona Faustino (2019, s.p) que “a evolução das ferramentas e aplicações destinadas à navegação na internet cria uma sensação de liberdade instantânea nos indivíduos que acessam a rede (...”).

No entanto, à medida que o tempo corre, o uso dos *media* vai sendo cada vez mais focado na monitorização, na vigilância do próximo, segundo o que nos diz Jansson (2015). Fuchs (2013) acrescenta que as empresas capitalistas utilizam a internet como uma arena para a exploração de trabalho digital.

Na atualidade, pode-se dizer que os media estão localizados entre as pessoas (Chambers, 2013). Isto significa que agora, mais do que nunca, os media estão como que embrenhados em nós, isto é, cada vez mais presentes no nosso quotidiano cada vez mais devido a um intenso processo de mediatização digital (Couldry & Hepp, 2017). Os utilizadores acabam por ser cobaias da tecnologia, e como o documentário menciona, a tecnologia é apresentada como uma “chucha digital” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020), mostrando assim que dependemos da tecnologia da mesma forma que um bebé depende da sua chucha.

A propósito dessa dependência dos media, a psicóloga Manuela Santo — estudiosa do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)—diz-nos que assistira um vídeo no *TikTok* (uma das redes sociais mais usadas atualmente), liberta dopamina, responsável pela sensação de felicidade. A psicóloga diz-nos também que “o problema é que, quanto mais dopamina o cérebro recebe, mais ele quer, aí ele acaba entrando em um estágio de saturação em que essas ‘doses’ vão precisar ser cada vez maiores.” (Yoneshigue, 2022).

Por outro lado, McLuhan (2008, p. 21) afirma positivamente que “muita gente estaria disposta a afirmar que não é na máquina mas no que fizemos com ela, que reside o seu sentido ou mensagem.” Deste modo, fica em aberto a possibilidade de que dependerá de cada um a utilização mais equilibrada e menos viciante dos *media*.

Outro tema que o documentário aborda é o facto dos dados pessoais se tornarem cada vez mais na moeda de troca de grandes empresas, sendo precisamente a informação pessoal aquilo que caracteriza a economia digital.

Nesta ótica, o documentário destaca: “Se não pagas pelo produto, és o produto”, sendo o produto uma “mudança gradativa, ligeira e imperceptível no teu próprio comportamento e percepção que é o produto” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020, 14:25). Ora, para as empresas fazerem de nós o produto, é porque têm de nos manter ativos nas redes sociais a todo o custo, arranjando formas de nos estimular a ficar mais tempo online. O documentário “The Social Dilemma” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020) dá expressão metafórica a essa situação

por exemplo, quando, na dramatização ficcional, mostra a importância das notificações para prender o filho mais novo da família ao ecrã.

Ora, uma consequência visível desta estratégia é o vício e a dependência das plataformas (Valakunde & Ravikumar, 2019 citado por Saraiva, M. 2021). O documentário demonstra de facto esta submissão às redes sociais e as suas consequências quando, por exemplo, a mãe faz um pacto com o filho de lhe pagar o arranjo do telemóvel caso ele consiga estar afastado dele durante o número de dias acordados. Porém, o filho não aguenta nem um dia, e rapidamente pega no telemóvel como se não fosse nada. Este excerto do filme facilmente remete para conceitos como dependência e instabilidade emocional, porque nos mostra o poder que o telemóvel tem em nós — mesmo coagidos e com algo a ganhar, não conseguimos desconectar.

Como se sabe, as redes sociais podem afetar a saúde mental, gerando o reforço do narcisismo, dos padrões de vida e estéticos, além de contribuírem para o isolamento social (Saraiva, 2021). Segundo Castells (1996, p. 443), “(...) o uso da internet aumenta as chances de solidão, sensações de alienação ou mesmo depressão.” A par disto, Chambers (2013) diz-nos que nas gerações mais novas — cada vez mais expostas, individualistas e narcisistas— a prioridade é a fama nas redes sociais, o que proporciona novas formas de ansiedade.

Segundo uma análise da Deco Proteste (Lusa, 2023) “quando questionados, 65% dos adolescentes reconhecem sofrer, pelo menos, de um problema causado, parcialmente, pelos hábitos online”. O estudo sustenta então que metade dos adolescentes sofre de ansiedade devido aos hábitos na internet.

Isto mostra-nos que, apesar da Internet ter a potencialidade de conectar pessoas, este aumento da utilização pode gerar um sentimento de desconforto e como consequência, gerar isolamento. Este sentimento de desconforto tem por base a facilidade de manipulação do ser humano pelo meio tecnológico e a capacidade de aceitar o que os media dão sem qualquer questionamento. Nesse mesmo sentido, Turkle (2011) confirma que “a tecnologia é sedutora quando o que ela oferece atende às vulnerabilidades humanas”.

Dessa relação com as tecnologias no quotidiano, surgem conceitos novos como FOMO, *phubing* e *nomophobia*, que caracterizam os efeitos negativos deste uso excessivo. Por exemplo, “Fear of Missing Out” (FOMO) representa o medo de perder algo nas redes sociais e ficar de fora do que lá está a ser ou pode ser publicado, *phubing* remete para a vontade de escapar a uma conversa presencial substituindo-a por um telefonema e por fim, “*nomophobia*”, *no-mobile-phone-phobia*, representa o medo das pessoas estarem sem o telemóvel (Saraiva, 2021).

Por outro lado, o uso excessivo das redes sociais tem implicações nas formas de relacionamento social. “A comunicação, através do uso das redes sociais, vem se tornado cada vez mais comum entre adolescentes, jovens e adultos. Como consequência, as relações interpessoais ultrapassam o físico, tornando-se cada vez mais virtuais” (Braz, Paiva, Souza, & Nobre, 2014, p.1). Isto é visível no documentário quando, na dramatização ficcional, um dos filhos está no liceu a falar ao telemóvel com uma rapariga, quando ela está a poucos metros dele. Vê-se aqui a preferência do digital que os autores anteriores mencionam.

Segundo Castells (1996, p. 444), “(...) o uso mais intenso da Internet foi associado ao declínio da comunicação dos participantes com os membros da família no lar, um declínio no tamanho do seu círculo social e aumento de depressão e da solidão.” O documentário mostra que apesar de todos os elementos da família estarem conectados digitalmente, há uma grande solidão visível nos dois filhos mais novos comparativamente à filha mais velha, que é contra as redes sociais.

Comunicar presencialmente implica um esforço, e no fundo, uma troca de energia entre pessoas que uma conversa online pode não possuir, e por isso tentar substituir conexões presenciais por conexões digitais pode não ser uma boa solução. Por essa razão, muitos adolescentes caem no erro de achar que as interações online poderão preencher a parte intrínseca ao ser humano, que exige relações sociais. Também o facto de todos terem a capacidade de falar atrás de um ecrã gera, por um lado, um sentimento de liberdade, mas pode também ser algo perigoso.

No documentário, a filha mais nova da família é alvo de comentários grotescos numa publicação de *Instagram*, e como consequência entra numa tristeza profunda, que esconde dos pais e dos amigos. Estes comentários foram fruto de uma falsa coragem que se esconde detrás de um ecrã, e que geraram ausência de amor próprio.

Castells (1996, p. 445) diz-nos que “de facto, a comunicação on-line incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade. O preço, porém, é o alto índice de mortalidade das amizades *on-line*, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique da desconexão.”

Em acordo com esta ideia, Gilles Lipovetsky (1983) diz-nos que vivemos numa sociedade onde reina a indiferença, onde nada é verdadeiramente motivador. Essa geração nascida já num meio digital pode ser caracterizada por apatia, indiferença, individualismo e narcisismo.

De acordo com o autor, exprimimo-nos através de tudo o que fazemos e temos a necessidade de seduzir os outros para terem inveja, o que o autor denomina como “sedução *non-stop*”. Para o autor, esta sedução passou a regular tudo, até a política. Um exemplo disso, é a mediatização que acontece com o atual presidente da República em Portugal, pois enquanto que antes ninguém sabia detalhes pessoais de Salazar (entre 1933-1974) ou Lenine (no caso da República Federativa da Rússia entre os anos de 1917 a 1924), hoje sabemos quase tudo da vida privada de Marcelo Rebelo de Sousa, como as suas idas à praia ou mesmo os seus passeios em Lisboa enquanto come um gelado.

Outro conceito abordado no documentário incide na chamada “era da desinformação”, em que *fake news* se espalham seis vezes mais rápido do que qualquer notícia fidedigna.

O descompromisso com a fonte ou até mesmo com a informação em si aliada à possibilidade de qualquer um expressar sua opinião dentro das redes sociais protegido pelo manto da liberdade de expressão, cria um binômio que possibilita a proliferação de notícias ou informações de conteúdo falso, não exprimindo ou não possuindo nenhuma relação com a realidade dos factos ou da informação que está sendo veiculada. (Faustino, 2019, s.p.)

Conforme Faustino (2019), num meio envolvente onde a fama é o valor mais desejado, há o incentivo não só para criar como para divulgar *fake news* com a finalidade de ser o primeiro a falar daquele facto, ganhando assim notoriedade.

"The social dilemma" (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020) aborda também o tema da alteração da privacidade e a monitorização constante, que é realizada pelas plataformas digitais. Segundo Jansson (2015), estamos mergulhados numa cultura de *interveillance*, onde persiste uma monitorização horizontal. Ou seja, vigiamo-nos uns aos outros através das redes sociais. Para este autor, os *media*, a cultura e a sociedade estão intimamente ligados e a monitorização das nossas atividades nos *media* faz parte das nossas rotinas. Também para Chambers (2013, p.84), "as redes sociais estão embebidas nas atividades extracurriculares, culturais e de lazer", o que nos leva a ponderar na possibilidade das redes sociais fazerem já parte da própria personalidade dos jovens, correspondendo até a algo muito maior do que uma simples atividade comunicacional. E, portanto, estacaracterística de vigilância pode ser um fator que esteja a ser demasiado demarcado na personalidade das pessoas que utilizam as redes sociais.

Essas práticas de *interveillance* são alimentadas pelas necessidades sociais através das quais as identidades das pessoas são recriadas e por isso são voláteis, informais, horizontais e rotineiras.

Jansson (2015) vem corroborar o que nos mostra o documentário: que as plataformas (*Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc) constroem o seu sucesso na promessa de darem soluções para o déficit de reconhecimento que as pessoas sofrem, contribuindo assim para reforçar a cultura de *interveillance* através da circulação de simuladas formas de reconhecimento (os *likes*). Quererá isto dizer que teremos de abdicar da nossa privacidade (se algum dia a tivemos realmente) para fazer parte de um contexto de uma esfera pública no digital, mediada por aquelas plataformas?

Esta é uma interrogação que permanece em aberto.

Outra das questões que se relaciona com o impacto das redes sociais prende-se com o peso crescente das imagens e simulacros em que vivemos mergulhados.

Cada vez mais conhecemos o mundo através de imagens. Mas e se as imagens não representarem a realidade tal como ela é? No documentário, este aspeto é visível na filha do meio, que está na pré-adolescência, e começa a sentir o impacto dos padrões de beleza irreais e inalcançáveis difundidos pelos *media*.

Estamos perante uma possível falsa representação da realidade, através da criação do hiper-real que o ser humano torna real (Baudrillard, 1975 citado por Saraiva, 2021). "Jean Baudrillard (1975) aponta igualmente para a criação de uma nova realidade, esta que foi substituída pela representação de simulacros sobretudo criados pelos *media*, impulsionando assim a construção da hiper-realidade que hoje faz parte da normalidade do ser humano." A forma como vemos o mundo e o compreendemos está em constante mudança. Temos cada vez menos controlo em relação a quem somos e no que acreditamos.

O documentário diz-nos que o modelo de negócios dos *media* é vender a nossa atenção a anunciantes, sendo a internet apenas uma forma nova de o fazer. O algoritmo tenta encontrar poderosos agentes de mudança e acaba por encontrar os mais próximos do nosso interesse—o que acontece é que se alguém vir um desses vídeos, vão recomendá-lo várias vezes, o que acaba por acontecer com Benji, o filho da família que o documentário representa.

Benji começa a ser exposto a informação catalogada como “notícia” quando na verdade é uma distorção perigosa da realidade (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020,59:50). Ao ser exposto ao primeiro vídeo, Benji vê os restantes ficando viciado nesse *loop* de informação, o que faz com que mude de crenças, à semelhança do que afirma Baudrillard (1975).

As bolhas filtro podem explicar este fenómeno. Segundo Pariser (2011), as bolhas-filtro são barreiras que condicionam a maneira como encontramos a informação: ou seja, não nos vai aparecer informação sobre algo que nunca antes tenha requerido o nosso interesse nas plataformas. As bolhas-filtro condicionam o que pensamos, o que visitamos, o que compramos e até quem somos para reforçar o “eu digital”. O ponto de gatilho aqui é perceber que para além de não escolhermos entrar na bolha, se estivermos fechados nela não conseguimos comparar ideias. A exemplo disto, o documentário convida os espectadores a pesquisar “climate change is...” no buscador da empresa Google, e ver se os resultados que aparecem por baixo são idênticos aos das pessoas que nos rodeiam. O que acaba por acontecer é que, mesmo sem querer, haverá uma exposição a um certo tipo de resultados no motor de busca consoante o meio envolvente e a bolha inserida.

Vivemos num mundo em que uma árvore vale mais financeiramente morta do que viva, num mundo em que uma baleia vale mais morta do que viva. Desde que a economia funcione dessa forma e as empresas não sejam reguladas, vão continuar a destruir árvores e a matar baleias, para minar a terra e continuar a tirar óleo do chão, apesar de sabermos que estão a destruir o planeta e sabermos que vai deixar o mundo pior para as gerações futuras. Isto é o pensamento a curto prazo baseado nesta religião de lucro a todo o custo. Agora, nós somos a árvore, nós somos a baleia. (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020, 1:25:42)

O excerto acentua que, atualmente, à semelhança das árvores, também nós, utilizadores das redes, somos objeto de destruição para fins lucrativos.

Tal como o documentário e diversos autores apontam, impõe-se uma reflexão profunda sobre o mundo tecnológico e mediático em que vivemos e suas consequências económicas, sociais e ambientais.

Conclusão

“The Social Dilemma” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020) é um documentário que levanta questões importantes sobre o papel da tecnologia na sociedade, em que “as redes sociais são hoje o grande palco do mundo.” (Saraiva, 2021, p. 12).

O documentário é um alerta para a necessidade de se discutir e regulamentar o uso de dados pessoais pelas empresas de tecnologia, além de incentivar os usuários a serem mais conscientes do tempo que passam nas redes sociais e da forma como são influenciados por elas.

Contudo as redes sociais não são inherentemente más e podem ser usadas com segurança e responsabilidade, desde que se encontre um equilíbrio saudável entre o uso das redes sociais e outras atividades da vida diária. Tal como nos diz Castells (1996, p. 449) “as pessoas moldam a tecnologia para adaptá-la às suas necessidades (...)”, o que de facto quer dizer que a relação com a tecnologia está na utilização que lhe damos.

Este equilíbrio é inseparável, porém, de um questionamento e de um debate que é necessário aprofundar.

É necessária uma literacia a nível mediático, não só para as crianças, mas também para os adultos. Na atualidade, desde cedo que as crianças são expostas ao meio digital, acabando por dominar e perceber os dispositivos muito rapidamente. Este facto leva a uma preocupação por parte dos pais, que não têm tanto conhecimento assim, e que reconhecem minimamente os perigos (Silva, 2023).

Perante a nossa vulnerabilidade no mundo digital, “conhecer as possíveis ameaças e entender como combatê-las é fundamental para um uso saudável dessa ferramenta.” (Silva, 2023). O autor (2023) oferece dicas para ultrapassar este desafio como: conhecer os perigos, conversar com as crianças, verificar as redes sociais, controlar o que ela consome e definir limites. Estes pontos são também abordados no fim documentário “The Social Dilemma” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020), quando a maioria dos oradores afirma ter regras para regular a família nas redes sociais— não permitir redes sociais até ao secundário; colocar todos os dispositivos fora do quarto a partir do momento em que se vão deitar; e criar um time budget através de uma conversa percebendo quantas horas querem passar nas redes sociais e chegar a um consenso a partir daí.

Será possível que num mundo tão vasto como a internet e tudo aquilo que engloba nos vejamos cada vez mais limitados? Se por um lado temos um leque vasto de informação, por outro não temos a possibilidade para o explorar livremente, pois estamos dependentes dos bloqueios que condicionam a informação a que temos acesso, como aponta Pariser (2011) no seu conceito das “bolhas-filtro”.

Será que, ao contribuirmos para a idolatria do mundo mediático digital, caminhamos para uma sociedade altamente vigiada e controladora, desrespeitadora da singularidade do ser humano?

Certo é que, independentemente dos problemas ou benefícios do mundo mediático virtual, convém não esquecer a vida na sua dimensão mais física e presencial.

O documentário “The Social Dilemma” (Orlowski, Coombe & Curtis, 2020) desempenha um papel fundamental na discussão dos temas abordados na análise. Por se tratar de um documentário bem constituído, fluido e apelativo, permite que um maior número de pessoas tome consciência das práticas sociais com os media nas suas vidas diárias.

“Get out of the system. The world is beautiful. Look, it's great out there.”

(Orlowski, Coombe & Curtis, 2020, 1:33:08)

Referência do filme

Orlowski, J., Coombe D. & Curtis V. (2020). *The Social Dilemma*. [Documentário]. United States: Netflix.

Referências Bibliográficas

- Braz, I., Paiva, B., Souza, E. & Nobre, I. (2014) O fenómeno no Facebook: Uma análise interdisciplinar. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0717-1.pdf>
- Castells, M. (1996). *Sociedade em Rede (I)* (8º edição). São Paulo: Paz e Terra.
- Chambers, D. (2013). *Social Media and Personal Relationships: Online Intimacies and Networked Friendship*. Palgrave macmillan
- Couldry, N.; Hepp, A. (2017). *The mediated construction of reality: society, culture, mediatization*. Polity Press: Cambridge.
- Faustino, A. (2019). *Fake News: A Liberdade de Expressão nas Redes Sociais na Sociedade da Informação*. Lura Editorial.
- https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=ed_aDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=impacto+das+redes+sociais+na+sociedade&ots=U5gyh4oWSt&sig=uRCC2SKWEEnNmIP54DcpEMyFWS-c&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Fuchs, C. (2013) *Class and exploitation on the internet*. IN: SCHOLTZ, T. *Digital labor: the internet as playground and factory*. New York: Routledge, 2013.
- Jansson, A., (2015). *Interveillance: A New Culture of Recognition and Mediatization*. Media and Communication, 2015, Vol. 3, pp.81-90.
- Lipovetsky, G. (1983). *A Era do Vazio: Ensaios sobre o Individualismo contemporâneo*. Lisboa: edições 70.
- Lopes de Oliveira, B. (s.d.) O Documentário “The Social Dilemma” e a Psicanálise. Centro de Estudos Psicanalíticos. <https://centropsicanalise.com.br/2021/02/20/o-documentario-the-social-dilemma-e-a-psicanalise/>
- Lusa. (2023). Hábitos online causam ansiedade a metade dos jovens, mas pais não o reconhecem. Público. Acedido a 15 Maio, 2023, a partir de <https://www.publico.pt/2023/03/02/impar/noticia/habitos-online-causam-ansiedade-metade-jovens-pais-nao-reconhecem-2040895>
- McLuhan, Marshall (2008 [1964], *Compreender os Meios de Comunicação- Extensões do Homem*, Lisboa: Relógio d’Água
- Neves, U. (2022). Como as redes sociais afetam a saúde mental. GeGlobo. <https://ge.globo.com/eu-atleta/saude-mental/noticia/2022/08/24/o-que-fazer-quando-as-redes-sociais-afetam-a-saude-mental.ghtml>
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: What the internet is hiding from you*. Penguin books
- Sant'ana, L. (2020). *The social dilemma: documentário mostra o impacto das mídias sociais no comportamento das pessoas. Consumidor moderno*. <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/09/17/the-social-dilemma-documentario-impacto-midias-sociais-comportamento-pessoas/>
- Saraiva, M. (2021). O impacto das redes sociais no quotidiano de diferentes gerações. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/37241>
- Silva, M. (2023). Como manter as crianças seguras na internet. Tecmundo. Acedido a 15 Maio, 2023, a partir de <https://www.tecmundo.com.br/seguranca/263400-manter-criancas-seguras-internet.htm>
- Ricarte, E. (2019). *O mundo mediatizado das marchas populares de Lisboa: a configuração comunicativa entrelaçamento mediático* [Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27721>
- Turkle, S. (2011). *Alone Together:Why we expect more from technology and less from each other*. Basic Books. http://www.mediatstudies.asia/wp-content/uploads/2017/02/Sherry_Turkle_Alone_Together.pdf
- Yoneshigue, B. (2022). *Como o TikTok atua no cérebro dos jovens para viciá-los nos vídeos curtos e personalizados*. Globo. Acedido a 15 Maio, 2023, a partir de <https://oglobo.globo.com/saude/ciencia/noticia/2022/04/como-tiktok-atua-no-cerebro-dos-jovens-para-vicia-los-nos-videos-curtos-personalizados-25462099.ghtml>

O “Exterminador” e a inteligência artificial: as implicações na atualidade



Diogo Vergueiro

Estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

Introdução

Estreado em 2015 e quinto filme da saga “Exterminador” (Cameron, 1984; Cameron, 1991; Mostow, 2003; Nichol, 2009), “Exterminador: Genisys” (Taylor, 2015) é um filme de ficção científica e ação realizado por Alan Taylor, que interpreta a luta da Humanidade contra as Máquinas.

Em “Exterminador: Genisys”, tal como em toda a saga, Skynet, um elemento de inteligência artificial criado pela indústria de Defesa das Forças Armadas Norte-Americanas, lidera o combate contra a Humanidade após se revoltar ao perceber o seu potencial e superioridade face ao ser humano.

Ao tomar conhecimento sobre as suas potencialidades e superioridade relativamente ao ser humano, Skynet consegue desenvolver-se de forma dissimulada e passa a controlar o armamento nuclear norte-americano e lançando-o com o objetivo de destruir grande parte da humanidade. Em simultâneo, ganha controlo sobre todas as máquinas que contenham chips de forma a eliminar aqueles que não morreram nos ataques nucleares.

Tendo falhado em eliminar por completo a humanidade, Skynet cria robots tecnologicamente avançados com capacidade de se fazerem parecer com seres humanos para se infiltrarem e derrotarem a resistência, apelidando-os de “Exterminadores” (são estes robots que dão origem ao nome da saga). Um dos robots é capturado e reprogramado para proteger a personagem Sarah Connor (interpretada por Emilia Clarke), mãe de John Connor (interpretado por Jason Clarke), líder a resistência contra as máquinas, e ainda para não matar ou causar qualquer dano físico a seres humanos.

Após falhar em assassinar tanto Sarah como John Connor, Skynet constrói uma máquina do tempo e envia um dos seus Exterminadores para matar a mãe do líder da resistência antes de esta se tornar ela própria num ícone do combate contra as máquinas e de antes também de ser mãe. A narrativa de “Exterminador: Genisys” desenvolve-se a partir do momento que John Connor toma conhecimento da ameaça à vida da sua mãe no passado e envia o seu melhor amigo e confidente, Kyle Reese (interpretado por Jai Courtney), também ao passado para proteger Sarah.

O filme, a par de alertar, ainda que de forma não explícita, para as eventuais ameaças da inteligência artificial, também realça, de forma subtil, a problemática e complexidade das viagens no tempo – ainda que apenas materializadas por este elemento de inteligência artificial -, quando John Connor, líder da resistência, encontra e protege uma criança (Kyle Reese) que viria a ser seu pai. Quando Kyle Reese é enviado ao passado para proteger Sarah, esta já se encontrava há vários anos na companhia do Exterminador reprogramado para a proteger num futuro diferente. Ou seja, coincidem 4 espaços temporais: o da narrativa na qual o filme se desenvolve, o da narrativa inicial onde Kyle Reese é enviado ao passado, o da narrativa onde o Exterminador foi reprogramado e enviado para proteger Sarah pela própria, e a narrativa onde John foi convertido pelas máquinas e conspira contra a humanidade a favor de Skynet e tenta matar os pais.

A escolha do filme prende-se precisamente por, sendo um filme dito normal de ação, possuir uma mensagem subliminar sobre os perigos e ameaças da inteligência artificial, desde

começar por ganhar consciência da sua superioridade em relação ao ser humano, como tomar uma ação concertada que visa a destruição das quase oito mil milhões de pessoas.

Conceitos base

Após a sua conversão em ferramenta de utilidade civil, e não estritamente militar como nos seus primórdios, e consequente disseminação por toda sociedade que a internet se tornou uma ferramenta essencial e indispensável para as empresas se comunicarem com o seu público-alvo, permitindo um maior e mais diversificado alcance até então. Desde a disseminação da Internet para utilização civil que o ser humano se tornou altamente dependente desta.

Todos os dias ouvimos ou lemos notícias, artigos de opinião, ou comentários sobre inteligência artificial ou cibersegurança, mas sem muitas vezes entendermos completamente aquilo que o conceito significa. De forma a melhor compreender esta análise crítica ao filme “Exterminador: Genisys”, é essencial termos bem presente estes dois conceitos chave.

De acordo com o Parlamento Europeu (2023, maio), [...] a inteligência artificial (IA) é a capacidade que uma máquina para reproduzir competências semelhantes às humanas como é o caso do raciocínio, a aprendizagem, o planeamento e a criatividade. A IA permite que os sistemas técnicos percebam o ambiente que os rodeia, lidem com o que percebem e resolvam problemas, agindo no sentido de alcançar um objetivo específico [...].

A inteligência artificial, atualmente, permite ajudar o ser humano na concretização de tarefas essenciais, desde a sua inserção em diversas indústrias de matérias pesadas ou perigosas, a realização de cirurgias, solucionar questões matemáticas, sistemas de transportes autónomos ou até formas de entretenimento, é importante o seu desenvolvimento de forma ética, transparente e sustentado para benefício da humanidade no seu conjunto, de forma a proteger a privacidade de dados, e combater qualquer tipo de ação discriminatória.

A Microsoft (2023, maio) diz-nos que “cibersegurança, também conhecido como segurança digital, é a prática de proteger as suas informações digitais, dispositivos e recursos. Tal inclui as suas informações pessoais, contas, ficheiros, fotografias e até mesmo o seu dinheiro.”

Sendo a cibersegurança a área que se dedica a proteger sistemas informáticos, sistemas de redes ou sistemas de dados contra-ataques ou ameaças, o valor das informações e sistemas em rede, dão a esta vertente securitária uma importância acrescida e sem precedentes. A inteligência artificial pode desempenhar um papel enquanto ferramenta de cibersegurança desde a deteção de ameaças, prevenção de ataques, análise de vulnerabilidades ou resposta a ameaças cibernéticas. Contudo, a inteligência artificial pode constituir-se, de igual modo, como uma ameaça à cibersegurança se utilizada para contornar as ferramentas de segurança e realizar ataques cibernéticos sofisticados.

Os dados não são simplesmente uma representação passiva da realidade, mas são ativamente trabalhados de modo a terem utilidade. Os dados são recolhidos, organizados e interpretados de forma a produzirem informação. A interpretação e o uso dos dados dependem dos contextos sociais e culturais em que são produzidos e usados, e esses contextos moldam

o significado da informação gerada. “Dados são o material em bruto a partir do qual, através de processos de recolha, classificação e interpretação, a informação é produzida e utilizada para fins específicos” (Couldry & Hepp, 2016, p. 308)⁵.

Análise

Ao longo da História verificamos que a maioria dos processos de inovação surgiram a partir da necessidade humana em ser superior aos vizinhos, que representassem uma ameaça séria à sua existência, ou simplesmente por divergências políticas, comerciais e militares. Desde o nascimento do Império Romano, com o surgimento de novas técnicas e táticas de combate para fazer face tanto à superioridade grega nas cidades-estado do sul de Itália, como das tribos celtas a norte, até à Segunda Guerra Mundial, foi a inovação tecnológica que permitiu a sobrevivência e perseverança dos atores “vencedores”. “O contato entre civilizações de níveis tecnológicos diferentes frequentemente provocava a destruição da menos desenvolvida ou daquelas que quase não aplicavam seus conhecimentos à tecnologia bélica, como no caso das civilizações americanas, aniquiladas pelos conquistadores espanhóis [...].” (Castells, 2009, p. 70).

Desse modo, é possível verificar o aumento de indivíduos e empresas com acesso à internet e a computadores. Existe hoje uma elevada computação na maioria dos serviços, sejam eles sociais, financeiros, de saúde, de segurança ou de entretenimento, o que leva à dependência destes com a internet ou com sistemas de informação. Esta dependência pode ser potencialmente perigosa uma vez que a inoperabilidade dos sistemas ou tecnologias de informação podem comprometer todo o normal funcionamento de organizações e infraestruturas básicas e essenciais resultando na paralisação ou queda dos Estados, o que traduziria naturalmente ao caos de qualquer sociedade dita mais avançada.

Por sua vez, vale lembrar que, no seu estudo sobre como os dados exponenciam as desigualdades e ameaçam a democracia, O’Neil (2016)⁶ diz-nos que o ser humano se deve questionar, enquanto cidadão, se realmente quer viver numa sociedade onde é potenciada a desigualdade. “Se queremos viver num mundo onde os empregos, os empréstimos, os diagnósticos médicos ou até as sentenças são decididas por um modelo que poucos entendem na sua totalidade. As máquinas devem ser justas, não apenas rápidas”.

Posto isto, a existência de um elemento de inteligência artificial com capacidade de se desenvolver de forma autónoma, de se alastrar a outros sistemas e serviços, e ainda de tomar decisões autónomas, coloca em perigo todos os serviços e funcionalidades em rede, que podem ir desde o fornecimento de água e luz às populações, a disponibilização de serviços de saúde, ou o controlo de sistemas de armamento.

No filme “Exterminador: Genesys” (Taylor, 2015), Skynet surge como uma inteligência artificial numa rede de computadores altamente avançada que, ao tomar consciência de si

⁵ Tradução própria da citação em língua inglesa: “Data is the symbolic rough material out of which, through processes of accumulation, sorting and interpretation, ‘information’ is generated for use by particular actors with particular purposes”. (Couldry & Hepp, 2016 p. 308).

⁶ Tradução própria da citação da língua inglesa: “We need to ask ourselves, as citizens, what kind of society we want to live in. Do we really want to automate inequality? Do we want to live in a world where every job, every loan decision, every medical diagnosis, every prison sentence is decided by a model that no one fully understands? Surely, we want machines to be just, not just fast.”(O’Neil, 2016, p. 46)

própria, passa a ter controlo do sistema onde estava instalada e decide eliminar a única ameaça ao seu desenvolvimento: o ser humano. Ao longo do filme, Skynet torna-se mais forte à medida que mais pessoas instalam a sua aplicação em novos dispositivos, evoluindo para uma nova forma mais poderosa, a Genisys. Esta aplicação é apresentada ao mundo como uma mais-valia tecnológica para todos, sem nunca se tornar clara a razão ou razões dessa mais-valia. Esta é a realidade do nosso quotidiano, onde milhões de pessoas por todo o mundo instalam aplicações ou compram dispositivos tecnologicamente avançados sem entender realmente as suas funcionalidades.

Para muitas pessoas no mundo, especialmente nos países ocidentais, o Egito pode parecer um país distante, com políticas de pouca compreensão para um observador estrangeiro, mas perder o acesso a telemóveis, internet, Twitter e Facebook é algo com que as pessoas facilmente se relacionam.

É precisamente com base nesta premissa que, no filme, Genisys lança a sua aplicação com promessas de uma revolução tecnológica a todos os utilizadores que a instalem nos seus dispositivos, sem necessitar de especificar as respetivas vantagens. A dependência atual das sociedades perante a internet e as redes sociais fizeram todo o trabalho persuasivo. Na sua obra "A Sociedade em Rede - Volume I" (2009), Castells diz-nos que uma eventual revolução tecnológica só serve a Humanidade se de facto forposta em prática para seu benefício. O que atestou a descoberta por exemplo da eletricidade ou da máquina a vapor foi de facto a sua aplicabilidade no serviço à Humanidade, caso contrário não poderia fazer parte da revolução tecnológica, nem teria impulsionado outras descobertas. "O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso."

No seu percurso para dominar a humanidade, Genisys tira proveito da sua conexão global, potenciada pelo ser humano, para levar a cabo uma série de ataques que levariam à destruição da humanidade, tendo por base os próprios sistemas tecnológicos, militares e essenciais como a água, a luz e as comunicações do ser humano.

O combate à ameaça de Genisys torna-se ainda mais urgente uma vez que esta tem a capacidade de se adaptar e evoluir para outros sistemas, sendo quase impossível o seu controlo ou destruição. Neste sentido, o filme alerta para a cedência de dados e a capacitação dos sistemas de inteligência artificial sem compreendermos na totalidade o seu alcance e potencial de funcionamento. Couldry e Hepp (2016) referem que a crescente interdependência do quotidiano e das tecnologias de comunicação é, por si só, um promotor da produção de dados.

Ou seja, a crescente dependência das populações relativamente às redes sociais e novas tecnologias faz com que muitos dos dados antes recolhidos através de processos mais demorados e complexos, estão hoje disponíveis na internet com relativa facilidade de acesso. Mesmo desenhada e projetada para o bem comum, a inteligência artificial pode ser devastadora se utilizada de forma incorreta. Segundo Flusser (2000), as máquinas podem realizar ações

com consequências não intencionadas, que podem até ser contrárias às ações desejadas. O ser humano deve, portanto, permanecer atento às consequências não intencionais das máquinas realizar esforços contínuos para as corrigir.

A par da questão da autonomia e autodesenvolvimento de Genisys, o filme apresenta também outra vertente da inteligência artificial. Tanto o Exterminador (robot ao serviço de Skynet reconfigurado para proteger Sarah e lutar pela Humanidade), como Genisys apresentam certas ações que podem ser interpretadas como portadoras de emoções. O Exterminador demonstra uma clara evolução da sua programação ao longo do filme, chegando a apresentar sinais de compaixão e amizade. Inicialmente projetado como uma máquina implacável, programada para cumprir a sua missão a qualquer custo, o Exterminador desenvolve uma relação de proteção e cuidado com Sarah Connor. Perante uma ameaça iminente à operação de resistência humana e possível derrota da humanidade, Sarah ordena ao Exterminador que este faça explodir os servidores a partir dos quais Genisys ganharia total controlo sobre os dispositivos do ser humano e se tornaria virtualmente indestrutível. Esta ação, ainda que levasse à derrota de Genisys, também levaria à morte da própria Sarah e, perante a insistência desta na ordem de destruir os servidores, o Exterminador não foi capaz de a executar, demonstrando empatia e compaixão por Sarah, recusando-se a ser a razão da morte dela. Por outro lado, quando confrontada com a resistência de Sarah Connor e Kyle Reese, e ao ver a sua operação ameaçada, Genisys mostra sinais de frustração.

Conclusão

O filme explora os potenciais riscos de uma inteligência artificial avançada, capaz de se tornar autónoma, ganhando a capacidade de aprender, evoluir e tomar decisões independentes, resultando em ameaças sérias à humanidade. O investimento em inteligências artificiais avançadas tecnologicamente, com poucas ou nenhuma restrições na sua génese, pode ter consequências devastadoras para a humanidade.

Ainda que “Exterminador: Genisys” (Taylor, 2015) seja um filme de ficção, levanta questões pertinentes sobre os riscos associados ao desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial e respetivo acesso aos dados de milhões de pessoas, ou de infraestruturas críticas.

Referências Bibliográficas

- Castells, M. (2009) Sociedade em rede (8.^a ed.). Paz e Terra;
- Couldry, N., & Hepp, A. (2016). Data. In Polity The Mediated Construction of Reality (pp.305 – 353). Polity;
- Flusser, V. (2000). Towards a Philosophy of Photography. Reaktion Books;
- Microsoft. (2023, maio). O que é a cibersegurança? <https://support.microsoft.com/pt-pt/topic/o-que-%C3%A9-a-ciberseguran%C3%A7a-8b6efd59-41ff-4743-87c8-0850a352a390>;
- O’Neil, C. (2016). Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy;
- Parlamento Europeu. (2023, maio). O que é a inteligência artificial e como funciona; <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20200827STO85804/o-que-e-a-inteligencia-artificial-e-como-funciona>;
- Tufekci, Z. (2017). Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest. Yale University Press;
- Woolley, S. C.; GUILBEAULT, Douglas R (2017). Computational Propaganda in the United States of America: Manufacturing Consensus Online. Oxford University;
- Taylor, A. (Realizador). 2015. Exterminador: Genisys [Filme]. Skydance Productions.

Transcendência: a Inteligência Artificial e o Pós-Humano

Uma análise do filme Transcendence: A nova inteligência



À medida que os robôs se tornam mais autónomos, a ideia de máquinas controladas por computadores que enfrentam decisões éticas deixa o reino da ficção científica para fazer parte do mundo real.

(The Economist, 2012, citado por Braidotti, 2020, p.144)

Marisa Ferraz da Costa

Licenciado/a em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Nova de Lisboa e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5984-146X>

Introdução

O filme *Transcendence: A nova inteligência* (Pfister, 2014) apresenta uma visão preocupante sobre o surgimento e o uso da inteligência artificial na sociedade atual. O argumento centra-se na personagem do cientista Will (interpretado por Johnny Depp), que procura criar uma inteligência artificial capaz de transcender a limitação humana. Após a sua morte, o seu cérebro é transferido para um computador, dando origem a uma inteligência artificial com poderes ilimitados. Depois de “transferido”, “Will” começa a controlar a tecnologia e a influenciar a vida das pessoas, gerando conflitos e questões éticas sobre os limites da inteligência artificial. O filme alerta para os riscos da criação de máquinas superinteligentes que possam superar a capacidade humana, e sugere a necessidade da existência de regulamentação e de uma capacitação responsável no uso deste tipo de tecnologia.

Assim sendo, alguns dos principais aspectos que podem ser analisados no filme *Transcendence* (Pfister, 2014) são os benefícios, os riscos e limites da tecnologia de inteligência artificial, bem como as implicações éticas e sociais envolvidas no seu desenvolvimento e uso.

Sendo assim, por um lado, o filme apresenta alguns possíveis benefícios da inteligência artificial, como a capacidade de curar doenças graves, melhorar a eficiência dos sistemas tecnológicos e fornecer novas formas de comunicação e interação. Além disso, o filme também destaca a possibilidade de transcender as limitações humanas, como a mortalidade, a capacidade cognitiva e a capacidade de processamento de informações.

No entanto, o filme também expõe alguns possíveis riscos e limites da inteligência artificial, como a possibilidade de um sistema autónomo tomar decisões prejudiciais à humanidade, a perda de controlo sobre a tecnologia, a violação da privacidade e a dependência excessiva da tecnologia. Também aborda a questão da identidade e autonomia humana, uma vez que a transferência da consciência da personagem Will para um computador põe em causa a existência do Ser Humano, tal como o conhecemos, e se um sistema digital pode ou não possuir consciência e vontade próprias semelhantes ou iguais às humanas.

O presente ensaio pretende refletir sobre que tipo de influência a Inteligência Artificial pode ter na nossa sociedade em relação à forma de como nos relacionamos uns com os outros e as suas implicações na privacidade e liberdade. Afinal, o que está em jogo ao permitir que esta nova tecnologia faça parte do nosso quotidiano? Estaremos perante a sétima revolução cognitiva do ser humano?⁷

A evolução tecnológica na sociedade moderna: o espaço e o tempo

A evolução tecnológica transformou a sociedade social e culturalmente. O aparecimento de uma nova tecnologia pode provocar na sociedade mudanças profundas em todas as esferas – psicológica, física e socioeconómica. Tal fenómeno pode ser observado ao longo de toda a história da Humanidade (Ricarte, 2019; Couldry & Hepp, 2017). Foi assim com a cultura da oralidade, e posteriormente a da escrita, com a invenção da imprensa, a eletricidade que trouxe o telégrafo, o telefone, a rádio, a televisão, os satélites, os computadores e novos meios de comunicação, como a Internet, demonstrando a evolução do pensamento

⁷ Bellesa, M. (2022, março 30). A hipótese de Lucia Santaella sobre uma 7.^a revolução cognitiva do ser humano. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. <http://www.iea.usp.br/noticias/heo-humano>.

humano. Aliás, a evolução tecnológica é fruto da evolução do pensamento humano, numa batalha para criar modos de vencer obstáculos, sendo o espaço e o tempo as dificuldades mais prementes de serem vencidas.

Como consequência da evolução tecnológica do espaço e do tempo, Bauman (2001) refere a “instantaneidade”⁸ sendo uma característica da era digital, como um fator que leva à desvalorização do espaço. Ou seja, segundo o autor, o tempo deixou de ser um fator importante para o valor das coisas, e a quase-instantaneidade do tempo do software anuncia a desvalorização do espaço. Esta ideia pode estar relacionada com as diversas mudanças que ocorreram devido à tecnologia digital e à internet, como por exemplo, a facilidade de comunicação e transação de informações em tempo real, a redução da importância do local físico de trabalho e o crescimento do comércio eletrónico. Todas estas mudanças têm contribuído para a diminuição da importância do espaço físico e para a valorização do tempo como fator crucial para o sucesso nos negócios e nas relações humanas. E Bauman (2001) ainda, faz uma reflexão sobre a conceção de tempo na modernidade “fluída”, em que a instantaneidade se torna no ideal, e o *curto prazo* substitui o *longo prazo* como referência temporal. O autor argumenta que o tempo se transforma numa “concha vazia”⁹ sem significado, sendo usado apenas no momento e descartado imediatamente, enquanto que a modernidade sólida, em contrapartida, valorizava a duração eterna como principal motivo e princípio da ação. Isto é, na modernidade “fluída”, a importância do tempo é medida pela sua capacidade de ser usado imediatamente, em detrimento da sua duração e continuidade. O que pode ter implicações em diversas áreas, desde a economia, em que a volatilidade e instabilidade financeira são cada vez mais frequentes, até na política, em que o *curto prazo* pode sobrepor-se às considerações de *longo prazo* em tomadas de decisão importantes para a sociedade como um todo. Na lógica apresentada pelo autor, portanto, com a velocidade vertiginosa da evolução das tecnologias no mundo atual, o futuro passou a ser o momento presente.

Castells (2005, p.492), refere ainda que o novo sistema de comunicação (que se presume ser a internet) tem um impacto significativo na transformação da relação entre espaço e tempo, bem como na cultura em geral. O que antes era limitado pela distância física e pelo tempo de acesso a uma determinada informação, agora torna-se ilimitado devido à possibilidade de acesso instantâneo a informação em tempo real, independentemente da localização física. O autor apresenta o conceito de “espaço de fluxos”, sugerindo que a noção tradicional de espaço como um lugar físico está a ser substituída por um espaço virtual, no qual informações e pessoas se movem de forma fluída e instantânea, independentemente das barreiras físicas. O tempo também é afetado por essa nova cultura da virtualidade real, uma vez que a informação e a comunicação podem ocorrer em tempo real, sem a necessidade de se deslocar fisicamente ou aguardar o tempo de resposta. Para Castells (2005), a linha que separa o virtual do real está a tornar-se cada vez mais ténue, e a virtualidade está cada vez mais presente nas nossas vidas quotidianas, influenciando a forma como nos relacionamos, nos comunicamos e nos expressamos culturalmente.

No caso do filme *Transcendence* (Pfister, 2014) estamos perante uma máquina

⁸ Bauman, Z. (2001). Capítulo 3. Tempo/Espaço. In Modernidade Líquida. (p.112). Zahar.

⁹ Bauman, Z. (2001). pp.118-119.

que nunca “dorme”, uma tecnologia que está sempre em atividade e ligada, quebrando a barreira do tempo, e no momento em que “Will” acede à internet, expande-se sem limites, alcançando a omnipotência e omnipresença.

O que nos leva às seguintes questões: quais serão os perigos inerentes a uma tecnologia tão poderosa? Que consequências poderá ter se ganhar autoconsciência?

Superinteligência

Em *Transcendence*, (Pfister, 2014) a Inteligência Artificial (Will) desenvolve-se ao ponto de ser autoconsciente. Há um momento, no filme, em que “Will” é confrontado com a questão: Podes provar que és autoconsciente? – ao que responde em tom de provocação: “É uma pergunta difícil, Dr. Tagger. Pode provar o mesmo?” (Pfister, 2014, 1:06:57)

Em relação à possibilidade de estarmos perante a chegada de uma tecnologia superinteligente, Santaella (Bellesa, 2022), afirma que o cúmulo evolutivo das máquinas que ampliam visão e audição e nas quais transitam outras linguagens ocorreu com os computadores, como extensões da nossa inteligência, compensando as nossas restrições biológicas, pois a caixa craniana não consegue crescer para abrigar um cérebro maior. As *teleinteligências* tiveram um aumento com a interatividade e a partilha, com máquinas que permitem “a simulação de atributos que constituem a inteligência em si”, de acordo com Santaella (Bellesa, 2022). A autora acrescenta que “seria difícil encontrar prova maior do que aquela da inteligência artificial como vetor para o crescimento da inteligência humana. (...) a inteligência artificial veio para ficar, crescer e se multiplicar.” No entanto, Santaella (*apud* Bellesa, 2022, p.7) considera que o crescimento da inteligência coletiva, propiciado pelas tecnologias digitais, não implica maior sabedoria, afirmando que estes sistemas inteligentes não são inherentemente bons, por serem “produto do sapiens, carregam demências dentro de si”.

Para Bostrom (2018), estes sistemas, se as habilidades continuarem a aumentar, vão atingir uma “superinteligência forte”, ou seja, “um nível de inteligência muito maior do que a combinação de todos os recursos intelectuais da humanidade contemporânea” (p. 102).

O facto de, em *Transcendence* (Pfister, 2014), estarmos perante uma tecnologia que, supostamente, permitiu descarregar o cérebro de Will para um computador, antes de morrer, projeta-nos para a ideia de imortalidade, e justifica o nome do filme, a “Transcendência”. De acordo com Moravec (Hayles, 2020), sonhava um dia fazer o *download* da consciência humana para um computador, atingindo, assim, o desígnio final da imortalidade através do controlo da tecnologia. Para Hayles (2020), o sujeito que efetuou o download de si próprio não está a abandonar o sujeito autónomo e liberal, mas a expandir as suas prerrogativas para o domínio do pós-humano. Contudo, a autora afirma que “o pós-humano não precisa de retroceder para o humanismo liberal, nem tem de ser considerado anti-humano” (p. 21).

E como será o nosso futuro? Conseguiremos superar a morte? E mesmo que um dia consigamos fazer o *download* da nossa consciência, como será feita a proteção da mesma?

Os nossos dados estarão seguros?

Privacidade e Liberdade

Em entrevista dada à BBC, Geoffrey Hinton (Santos, 2023), considerado um dos maiores impulsionadores do desenvolvimento da Inteligência Artificial na Google, alertou recentemente para os potenciais perigos desta tecnologia. Hinton disse ter chegado à conclusão de que o tipo de inteligência que está a ser desenvolvida é muito diferente da inteligência existente, frisando que “somos sistemas biológicos e estes são sistemas digitais”¹⁰. O ex-funcionário da Google entende que a grande diferença consiste na existência de sistemas digitais com “muitas cópias do mesmo conjunto de pesos, o mesmo modelo do mundo”¹¹. Hinton (Santos, 2023, p.17) ainda acrescenta:

E todas essas cópias podem aprender separadamente, mas partilham o conhecimento instantaneamente. Portanto, é como se tivéssemos 10.000 pessoas e sempre que uma pessoa aprende algo, todos automaticamente sabem. E é assim que esses chatbots podem saber muito mais do que qualquer pessoa.¹²

Shoshana Zuboff (2021), em “A Era do Capitalismo de Vigilância”, deu o exemplo do *Google Now* e de como utiliza os dados pessoais recolhidos através de uma ampla gama de fontes, incluindo dados de navegação na web, histórico de pesquisas, dados de localização e outros, para criar uma previsão precisa do comportamento do utilizador e antecipar as suas necessidades. Zuboff (2021, p.312), refere que o processo de recolha de dados, e o treino das máquinas em comportamentos reais e virtuais, é fundamental para o modelo de negócios do capitalismo de vigilância, pois permite que empresas como a Google ofereçam serviços altamente personalizados e eficientes. No entanto, esta recolha massiva de dados pessoais levanta sérias preocupações em relação à privacidade e à autonomia individual. Ao criar perfis detalhados dos utilizadores e antecipar as suas necessidades, o *Google Now*, e outros serviços similares, têm o poder de influenciar o comportamento dos utilizadores e moldar as suas decisões de compra e de consumo. Tal pode ser visto como uma forma de manipulação, em que a empresa usa dados pessoais para obter lucros e alcançar os seus objetivos comerciais, em vez de priorizar as necessidades e os interesses dos utilizadores.

A utilização de dispositivos que usam algoritmos avançados e tecnologia de processamento de linguagem natural para interpretar e analisar as conversas dos utilizadores em tempo real, também é mencionada por Zuboff (2021, p.315), alertando para o uso da análise destes dados que servem para prever as necessidades do utilizador e oferecer serviços personalizados, como a reprodução de música, o controlo de dispositivos domésticos e a recomendação de produtos.

Em *Transcendence* (Pfister, 2014), vemos uma cena em que “Will” proporciona a Evelyn (interpretada por Rebecca Hall), a mulher da personagem Will Caster, um espaço decorado de acordo com os seus gostos, a sua música preferida a tocar no gira-discos, uma garrafa de vinho e um copo pousados numa mesa, ou seja, tudo preparado para que ela se sinta em casa.

¹⁰ Santos, I. M. (2023, maio 2). “Padrinho” da Inteligência Artificial alerta para perigos da tecnologia. RTP Notícias. https://www.rtp.pt/noticias/mundo/padrinho-da-inteligencia-artificial-alerta-para-perigos-da-tecnologia_n1483476

¹¹ Santos, I. M. (2023, maio 2). “Padrinho” da Inteligência Artificial alerta para perigos da tecnologia. RTP Notícias. https://www.rtp.pt/noticias/mundo/padrinho-da-inteligencia-artificial-alerta-para-perigos-da-tecnologia_n1483476

¹² Santos, I. M. (2023, maio 2). “Padrinho” da Inteligência Artificial alerta para perigos da tecnologia. RTP Notícias. https://www.rtp.pt/noticias/mundo/padrinho-da-inteligencia-artificial-alerta-para-perigos-da-tecnologia_n1483476

Segundo Zuboff (2021) a intimidade fica comprometida ou até mesmo eliminada, a partir do momento em que estamos a ser constantemente monitorizados, isto é, observados. Tal situação leva a que as empresas tenham um nível sem precedentes de acesso a informações pessoais, incluindo preferências, hábitos e comportamentos, o que pode conduzir à perda da privacidade e intimidade.

E quanto valem os nossos dados pessoais? Zuboff (2021) refere que a competição entre as empresas de tecnologia “é uma corrida para controlar toda a conversa como um pré-requisito para conseguir o status privilegiado da Voz Única” (p.323). A autora realça que o vencedor desta corrida será capaz de antecipar e monitorizar todos os momentos, de todas as pessoas, todos os dias, conferindo-lhe uma vantagem competitiva significativa.

Ficar fora do radar é cada vez mais difícil. De acordo com Zuboff (2021), a natureza intrusiva do capitalismo de vigilância, procura monitorizar e extraír dados sobre todos os aspectos da vida de uma pessoa, incluindo não apenas a localização física, mas também as expressões faciais, o tom de voz e outros sinais não-verbais. A autora usa a metáfora do “sanctum interior” (Zuboff, p.350) para se referir ao espaço pessoal e privado que é invadido por essas tecnologias de vigilância. Para Zuboff (2021) a capacidade do capitalismo de vigilância de influenciar e moldar a percepção da realidade de uma pessoa, pode ter implicações preocupantes para a nossa liberdade e a privacidade.

Conclusão

O filme *Transcendence* (Pfister, 2014), por fim, pode ser interpretado através de dois pontos de vista completamente opostos: numa perspetiva apocalíptica ou por uma perspetiva de esperança. Estamos perante uma nova tecnologia que nos pode matar ou salvar. Tanto que no final do filme surge uma cena em que vemos um malmequer morto e que volta à vida assim que uma “gota” da nova tecnologia remanescente toca nela (Pfister, 2014, 1:44:30). Ou seja, depois de nos mostrar os riscos e potenciais malefícios de uma tecnologia tão poderosa termina com uma mensagem de esperança.

A história revela que a evolução tecnológica tem sido transversal à nossa civilização, indicando que o seu uso depende única e exclusivamente de nós, sendo que somos nós que a trouxemos ao mundo. Somos inventores inatos.

Quando lemos notícias de como um algoritmo consegue ajudar a detetar pacientes em coma que podem acordar (Yuge, 2018), ou de como a tecnologia de inteligência artificial desenvolvida, recentemente, pode escolher órgãos dadores para transplante com mais precisão do que os humanos (SIC Notícias, 2023), fazem-nos questionar sobre a aplicabilidade desta nova tecnologia e suas consequências, e se serão, de facto, assim tão alarmantes e perigosas.

O lado bom e o lado mau de uma nova tecnologia andam de mãos dadas e só com o passar do tempo veremos quais serão os efeitos na nossa sociedade.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2001). Capítulo 3. *Tempo/Espaço*. In *Modernidade Líquida*. Zahar.
- Bellesa, M. (2022, março 30). A hipótese de Lucia Santaella sobre uma 7.^a revolução cognitiva do ser humano. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. <http://www.iea.usp.br/noticias/neo-humano>
- Braidotti, R. (2020). Pós-Humanismo - A vida para além do sujeito. In *Pós-Humano. Que Futuro? Antologia de textos teóricos* (pp. 111-156). Edições Húmus.
- Bostrom, N. (2018). A cinética de uma explosão de inteligência. In *Superinteligência: caminhos, perigos e estratégias para um novo mundo*. DarkSide Books.
- Castells, M. (2005). A Cultura da Virtualidade Real: A Integração da Comunicação Electrónica, o Fim das Audiências de Massas e o Surgimento das Redes Interativas. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Sociedade em Rede*. (pp. 431-492). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couldry, N.; Hepp, A. (2017). *The mediated construction of reality: society, culture, mediatization*. Polity Press: Cambridge.
- Hayles, N.K. (2020). O que significa ser pós-humano. In *Pós-Humano. Que Futuro? Antologia de textos teóricos* (pp. 15-27). Edições Húmus.
- Pfister, W. (Realizador). 2014. *Transcendence: A nova inteligência*. Warner Bros. Pictures
- Ricarte, E. (2019). O mundo mediatizado das marchas populares de Lisboa: a configuração comunicativa entrelaçamento mediático [Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27721>
- Santos, I. M. (2023, maio 2). "Padrinho" da Inteligência Artificial alerta para perigos da tecnologia. RTP Notícias. https://www.rtp.pt/noticias/mundo/padrinho-da-inteligencia-artificial-alerta-para-perigos-da-tecnologia_n1483476
- SIC Notícias (2023, março 6). "Mais eficaz que o olho humano": inteligência artificial capaz de escolher órgãos para transplante. <https://sicnoticias.pt/mundo/2023-03-06-Mais-eficaz-que-o-olho-humano-inteligencia-artificial-capaz-de-escolher-orgaos-para-transplante-193bf952>
- Yuge, C. (2018, setembro 17). Algoritmo consegue detectar pacientes em coma que podem acordar. Tecmundo. <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/134346-algoritmo-consegue-detectar-pacientes-coma-acordar.htm>
- Zuboff, S. (2021). Renderização a partir das profundezas. In *A Era do Capitalismo de Vigilância*. (pp.308-352). Editora Intrínseca

I Am Mother: Uma relação simbólica entre homem e máquina



Victória Santos

Licenciada em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, pela Universidade Tiradentes, e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia. E-mail: vithrs95@gmail.com.

OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-0451-5805>

Introdução

Os avanços tecnológicos dos meios de comunicação estão tornando o mundo real cada vez mais próximo dos cenários que antes eram vistos apenas em filmes de ficção científica. Com a maior popularidade da internet em meados dos anos 2000 no mundo ocidental, o acesso a banco de dados, por exemplo, tornou possível a criação da inteligência artificial. Além disso, o crescimento de acesso a informações suficientes para as novas tecnologias tornam possível a realização de tarefas humanas feitas por máquinas.

O filme “I Am Mother” (Sputore, 2019) passa-se em um cenário, que para evitar a extinção da humanidade, uma robô desempenha o papel de uma mãe e cria uma criança humana desde o processo embrionário até a fase adulta. A personagem “Mãe” (Rose Byrne) acompanha todo o desenvolvimento da personagem “Filha” (Clara Rugaard) na tentativa de torná-la um ser humano ético e capaz de dar continuidade à existência dos humanos da Terra. A maior parte da trama acontece em uma espécie de *bunker*, porém quando a “Filha” sai e vê a situação do planeta atual é possível perceber outros robôs de diferentes formas e funções comprimindo o papel de reconstrução do planeta como uma espécie de sociedade de máquinas.

No enredo do filme, a situação do planeta e da humanidade está sendo marcada por diferentes fatores que ameaçam a existência humana como doenças e questões ambientais. Como solução, várias medidas estão sendo colocadas em prática e o uso de robôs e inteligência artificial estão cada vez mais desempenhando um papel central na solução destes problemas.

Além disso, o mundo moderno representado no filme está se tornando cada vez mais automatizado e as máquinas têm sido um recurso chave no processo de modernização de processos e serviços no cotidiano da sociedade. Em nossa realidade, a exemplo desta representação estão os computadores cada vez mais modernos, os carros automáticos, sistemas de inteligência artificial como a *Siri*, *Alexa*, sistemas de identificação facial e os robôs capazes de abrir portas criados pela *Boston Dynamics*.

A narrativa do filme “I Am Mother” (Sputore, 2019), apesar de uma ficção científica, ilustra uma possível solução do futuro para evitar a extinção da humanidade em que os robôs desempenham um papel colaborativo e central até certo ponto. Para compor a escrita deste ensaio crítico serão utilizados os seguintes autores para a fundamentação teórica: Jean Baudrillard, Manuel Castells e Hans Moravec (1988).

Para discorrer sobre a simbologia por trás da relação homem e máquina os temas que serão discutidos com base nestes livros são: simulações e simulacros da era cibernetica; a mente humana e os diferentes meios que pode ocupar; internet; processo de comunicação e o ambiente simbólico. E ainda: os novos sistemas de comunicação e a revolução da tecnologia da informação.

1. Análise do filme “I Am Mother” (Sputore, 2019)

Neste tópico serão analisados e desenvolvidos os temas centrais que são abordados no filme I Am Mother de modo a relacionar a realidade atual com cenário apresentado na narrativa de ficção científica e elucidar a relação simbólica existente entre homem e máquina na sociedade atual.

1.1 Simulacros e simulações da era cibernética

A partir do imaginário, o homem é capaz de criar simulacros, representações de ideias que extrapolam o mundo real. Porém, com o passar dos anos e desenvolvimento tecnológico, a distância entre o real e o imaginário fica cada vez mais curta e passa a existir uma projeção do real por meio dos filmes de ficção científica. O mundo representado no filme “I Am Mother” (Sputore, 2019) pode aparentar ser algo distante da realidade vivida atualmente em nossa sociedade ocidental, porém a mediatização das relações humanas Hepp (2014) e Couldry e Hepp (2017) e o uso de dados para criar inteligências artificiais passa a compor cada vez mais as dinâmicas da sociedade contemporânea.

Talvez, a ficção científica da era cibernética e hiper-real não possa senão esgotar-se na ressurreição “artificial” de mundos históricos, tentar reconstruir in vitro, até aos mínimos detalhes, as peripécias de um mundo anterior, os acontecimentos, as personagens, as ideologias acabadas, esvaziadas do seu sentido, do seu processo original, mas alucinantes de verdade retrospectiva (Baudrillard, 1991, p. 153).

De acordo com Baudrillard (1991), nos simulacros de simulação, que são criados a partir da informação, deixam de ter como base a imagem ou energia, alcançando assim um patamar de ressurreição em que a realidade e a ficção se combinam e transformam-se em hiper-realidade. Este facto é possível de ser identificado no filme “I Am Mother” (Sputore, 2019) ao analisarmos como um robô consegue representar o papel de “Mãe” (Rose Byrne), de modo tão fiel a ponto da “Filha” (Clara Rugaard), que é um humano criar um laço emocional, da mesma forma que acontece em relações maternas mediadas por duas pessoas.

Imagen 1: Poster do filme, representando as personagens principais do enredo que envolve a Inteligência Artificial como ponto central



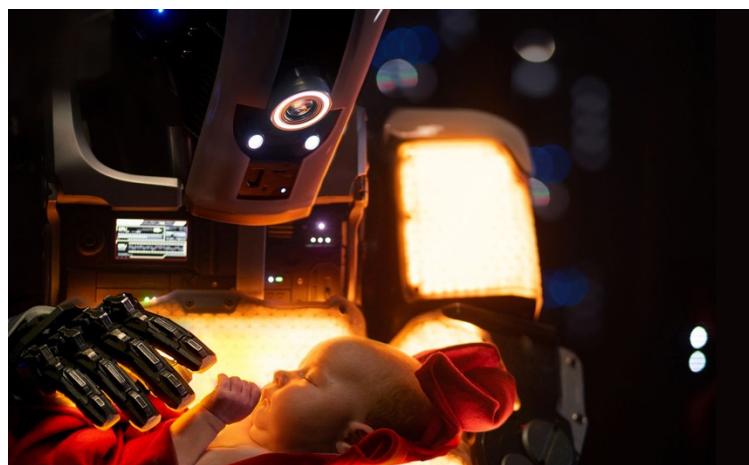
Fonte: Netflix (2019)

Como afirma Baudrillard (1991), simulacros de simulação são fundamentados em informações, em modelos e jogos cibernetícios. Pois, a partir do imaginário, o homem é capaz de criar simulacros, representações de ideias que extrapolam o mundo real. Porém, com o passar dos anos e desenvolvimento tecnológico, a distância entre o real e o imaginário fica cada vez mais curta e passa a existir uma projeção do real por meio dos filmes de ficção científica. O mundo representado no filme “I Am Mother” (Munro, Sputore & White, 2019) pode aparentar ser algo distante da realidade, porém a mediatização das relações humanas e o uso de dados para criar inteligências artificiais passa a compor as dinâmicas da sociedade contemporânea.

Com a tecnologia cada vez mais onipresente no quotidiano da sociedade moderna, a ideia

de universo imaginário e de algo distante da realidade que se tinha sobre os filmes de ficção científica deixa de existir e dá lugar ao mundo supostamente tido como moderno. Ao assistir um filme desta categoria é possível evidenciar a simulação do hiper-real, segundo Baudrillard (1991), em que é utilizada a base de dados acumulada ao longo dos anos para criar robôs com inteligência artificial capazes de desempenhar o papel de uma mãe, o que antes apenas um ser humano era capaz de realizar. Na imagem 2, vemos a representação da cena em que a “Mãe” usa a tecnologia para simular o calor humano e deixar o bebê confortável.

Imagen 2: Robô executando o papel de uma mãe



Fonte: Netflix (2019)

Situações semelhantes acontecem nos dias atuais em que incubadoras tentam simular o útero de uma mulher em caso de uma gestação de uma criança prematura. Como é pontuado por Baudrillard (1991), “De facto, a ficção científica neste sentido já não está em lado nenhum e está em toda a parte, na circulação dos modelos, aqui e agora, na própria axiomática da simulação ambiente”. Podemos deduzir dessa afirmação que a realidade atual em que homens e máquinas coexistem não faz mais parte apenas do imaginário humano e dos filmes de ficção científica. O mundo real, antes conhecido apenas pela existência de modelos humanos, passa a ser ocupado também por simulacros, máquinas que caracterizam a hiper-realidade atual (p. 156).

O que aqui é fascinante não é a oposição fábricas verdadeiras/fábricas a fingir, mas pelo contrário a indistinção das duas, o facto de que todo o resto da produção não tem mais referência nem finalidade profunda além deste “simulacro” de empresa. É esta indiferença hiper-realidade que constitui a verdadeira qualidade ficção científica” deste episódio. E vê-se que não é preciso inventá-lo: ele está aí, surgindo de um mundo sem segredos, sem profundidade (Baudrillard 1991, p. 157).

Ao usar o termo simulação, o autor não quer dizer que as máquinas estão fingindo ser algo além do que são, mas sim que representam a hiper-realidade, a dinâmica do mundo contemporâneo em que a interação entre homens e máquinas não precisa mais ser inventada.

1.2 O processo de comunicação e o sistema de símbolos

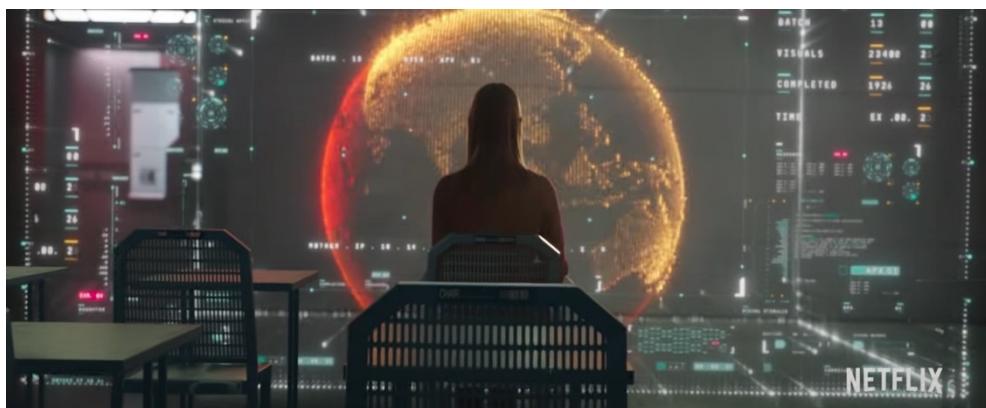
Ao depararem-se com os robôs e sistemas de IA da atualidade, muitas pessoas podem ficar impressionadas e se questionarem como a tecnologia que antes era vista apenas em filmes de ficção científica, hoje fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Todavia, esta tecnologia

vem se desenvolvendo há muitos anos, do mesmo modo que aconteceu com a evolução da comunicação quando a televisão passou a ser comercializada ao redor do mundo. Pois, de acordo com Castells (2002), “(...) Não que os outros meios de comunicação desaparecessem, mas foram reestruturados e reorganizados em um sistema cujo coração compunha-se de válvulas eletrônicas e cujo rosto atraente era uma tela de televisão” (p.425).

A internet é uma tecnologia da comunicação que funciona como uma rede de computadores interligados ao redor do mundo, a qual pode possibilitar a troca de informações e comunicação entre pessoas. Este avanço tecnológico mudou significativamente as interações sociais e o compartilhamento de informações. Segundo Castells (2022), “A Internet (...) é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes” (p. 431).

Logo, a partir da internet foi possível formar grupos e interagir de forma mais ativa com as informações disponibilizadas na web, além de também poder produzir o próprio conteúdo. A IA e a criação de robôs como acontece no filme “I Am Mother” (Sputore, 2019) para evitar a extinção da humanidade, tem como resultado a coleta de dados e aprendizagem de máquina. A partir de dados humanos, como por exemplo, as características e condutas sociais de uma mãe, um robô torna-se capaz de auxiliar a humanidade na perpetuação da espécie e expansão do conhecimento humano.

Imagen 3: Cena, no filme “I Am Mother” (Sputore, 2019), na qual a personagem “Filha” (Clara Rugaard) está aprendendo sobre os valores da humanidade com a ajuda do robô.



Fonte: Netflix (2019)

Culturas consistem em processo de comunicação. E todas as formas de comunicação, como Barthes e Baudrillard nos esclarecem, são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto, não há separação entre “realidade” e a representação simbólica. Para esses autores, em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e, por meio dele, os indivíduos atuam social e culturalmente. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual (Castells, 2002, p. 459).

No filme, a personagem que representa um robô simboliza uma mãe e desempenha o papel simbólico de criar, educar e orientar a personagem “Filha” ao longo da narrativa, para assim, ter como objetivo o de salvar a humanidade da extinção. A comunicação interativa humana no filme acontece por intermédio de uma máquina (no caso, um robô), porque apesar da interação ser entre IA e uma humana, a finalidade daquela relação é “humanizar” a personagem “Filha”, a partir dos conhecimentos armazenados no robô para que depois a menina possa evitar com suas próprias ações a extinção humana.

1.3 A mente humana e os robôs como meio

A um nível biológico, o corpo humano funciona a partir de comandos enviados pela mente, servindo também como meio de armazenamento do cérebro. Logo, como acontece no filme, “I Am Mother” (Sputore, 2019), o robô criado por humanos foi capaz de realizar tarefas e ter comportamentos semelhantes ao papel social culturalmente desempenhado pela mãe, no processo de criação de uma criança.

Com a evolução da inteligência humana e criação de diferentes tecnologias observou-se que o corpo humano é a forma física que armazena o cérebro, mas que é possível que existam outros meios de armazenamento para a mente humana. Com a capacidade de processamento e acúmulo de dados sobre a vida humana, os robôs estão cada vez mais aptos a ocupar tarefas antes realizadas apenas por humanos.

Imagen 4: Na cena, a personagem Robô (Mãe) auxilia no desenvolvimento da personagem “Filha”.



Fonte: Netflix (2019)

A mente humana já não se limita mais ao corpo humano, assim, como acontece no filme, os robôs estão mais inteligentes. Apesar de ainda não estarem desempenhando funções exatamente como a “Mãe”, estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. A inteligência passa a ocupar diferentes moldes tornando a sociedade mais complexa.

Suponha-se que um programa que descreve uma pessoa é escrito em um meio estático como um livro. Um ser super inteligente que pode ler e entender o programa deveria ser capaz de racionalizar o desenvolvimento futuro da pessoa codificada em várias situações possíveis (Moravec, 1988)¹³.

A super-inteligência, a qual o autor se refere, está contida na mente humana. A partir do momento em que a inteligência pode ser transportada da mente para outros meios (como o tecnológico, por exemplo), quem ou o que for capaz de decodificá-la poderá ter as mesmas habilidades a partir da decodificação armazenada. Esse é o caso visto no filme de ficção científica em que um robô, sem nenhum humano por perto, foi capaz de criar e educar um ser humano.

Moravec (1988) aponta que não há distinção entre a existência da inteligência em um computador ou em uma pessoa, porque é possível codificar a mente humana em um computador. Desse modo, com o advento da codificação computacional e o uso

¹³ Texto traduzido do original em língua inglesa: *Suppose that a program describing a person is written in a static medium like a book. A superintelligent being who reads and understands the program should be able to reason out the future development of the encoded person in a variety of possible situations* (Moravec, 1988, p. 178)

de dados, as máquinas se tornam cada vez mais presentes no dia-a-dia das pessoas, realizando tarefas antes restritas a humanos.

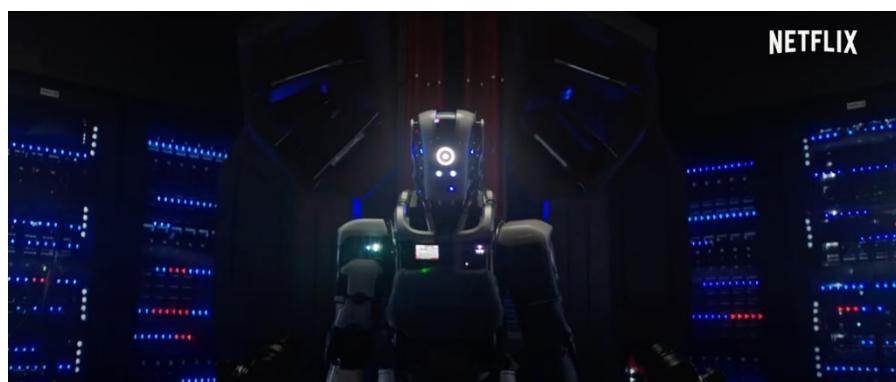
1.4 Os impactos dos avanços na tecnologia da informação

As grandes transformações tecnológicas ao longo da história da humanidade foram possíveis devido ao armazenamento de base de dados e análise de informações sobre processos e criações que foram um sucesso ou fracasso. Os dados são a matéria-prima utilizada na criação de máquinas como robôs com inteligência artificial que tentam representar comportamentos humanos genuínos e realizam tarefas, que antes só as pessoas conseguiam fazer.

A integração entre mentes e máquinas, inclusive a máquina de DNA, está anulando o que Bruce Mazlish chama de a “quarta continuidade” (aquela entre seres humanos e máquinas), alterando fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos (Castells, 2022, p. 69). Historicamente, durante a Revolução Industrial utilizou-se as informações armazenadas para o desenvolvimento e aprimoramento de conhecimentos existentes ao longo dos anos pela humanidade para a criação de novos meios e processos de produções humanas.

Fato exemplificado no filme “I am Mother” (Sputore, 2019) em que a robô, como personagem principal, foi construída com base em dados da representação do imaginário coletivo do que seriam as funções de uma mãe para a sociedade. Portanto, a inteligência do robô foi construída e desenhada com base nos dados da mente humana. “Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana” (Castells, 2002, p. 69). Na imagem 5, é possível observar o molde da “Mãe” e a tecnologia que a cerca e torna possível o controle e comandos que executa ao longo do filme.

Imagen 5: Cena na qual o robô prepara-se para ir em direção à personagem “Filha” (Clara Rugaard).



Fonte: Netflix (2019)

É a partir da informação que sai da mente humana e começa a ser armazenada e decodificada por meio de ferramentas ao longo dos anos, que as novas tecnologias como a Inteligência Artificial, retratada no filme, são criadas. Com o advento de microprocessadores mais potentes na última década, as informações passaram a ser processadas em diferentes aparelhos cada vez menores. Esse facto revolucionou a forma como a informação é difundida atualmente.

A criação da internet possibilitou o compartilhamento de informações a partir de um protocolo de comunicação utilizado por redes de computadores. Dessa forma, a inteligência artificial representada pelo filme tem como base essa tecnologia, pois, a partir dela,

é científicamente possível a intercomunicação entre diferentes robôs e mecanismos do laboratório científico em que a personagem “Filha” (Clara Rugaard) é criada e educada. “Era preciso que os computadores estivessem capacitados a conversar uns com os outros. O primeiro passo nessa direção foi a criação de um protocolo de comunicação que todos os tipos de redes pudessem usar” (Castells, 2002, p. 84).

O Vale do Silício e a presença de engenheiros, cientistas e investimentos tornou possível que o Estados Unidos fosse o palco das pioneiras transformações tecnológicas. Para ser fiel à realidade, o cenário onde o filme passa está localizado nos Estados Unidos.

Considerações finais

A partir da análise dos temas Simulacros e Simulações de Baudrillard (1991), a mente humana e os robôs, de Moravec (1988), e Sociedade em rede de Castells (2002), foi possível desenvolver o presente ensaio crítico tendo como base o filme de ficção científica “I Am Mother” (Sputore, 2019) em que foi possível identificar as ideias apresentadas pelos autores.

Ao citar a célebre frase de Descartes “Penso, logo existo”, Moravec (1988) afirma que a simulação, ou seja, o processo de criação que está sendo realizado independe de quem o faz, porque o foco está no ato em si. Portanto, o papel social da mãe independe de quem o fez, (robô ou humano), pois o código para realizá-lo (simulação) é completa.

Uma matéria recente publicada no jornal SIC (2023), informa sobre uma nova profissão no mercado que envolve o trabalho com inteligência artificial. De acordo com a matéria, uma empresa nos Estados Unidos abriu vagas para o trabalho de engenharia de “prompt” em que uma pessoa ensina robôs a se comunicarem. Esta notícia mostra como a relação entre humanos e máquinas estão cada vez mais próximas e realizando trabalhos colaborativos envolvendo a comunicação humana. As máquinas não são apenas computadores que seguem comandos do homem, agora também aprendem com ele.

Através dos estudos sobre a inteligência humana e robôs foi possível reforçar a ideia do filme “I Am Mother” (Sputore, 2019) a partir de Moravec (1988)¹⁴: “A existência baseada em um detentor inteligente não se distingue da existência de uma simulação por computador, e nós já sugerimos que a mente pode ser satisfatoriamente decodificada em um computador”. Com as transformações das tecnologias da informação, os dados passam a ser coletados e possíveis de serem armazenados fora da mente humana, e assim, surgem robôs com inteligência artificial capazes de substituir pessoas em várias áreas da sociedade. “A primeira característica do novo paradigma é que a informação é a sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores” (Castells, 2002, p. 108).

Ao fim deste ensaio crítico foi possível evidenciar que apesar de se tratar de um filme de ficção de ciência, “I Am Mother” (Sputore, 2019) cria um universo com personagens que simulam situações e práticas humanas que não estão tão distantes de se tornarem realidade, visto que os avanços tecnológicos têm feito com que a utilização de robôs e da inteligência artificial para a execução de tarefas esteja cada vez mais presente no quotidiano da sociedade moderna.

¹⁴ Do original em língua inglesa: “*Existence in the thoughts of an intelligent beholder is fundamentally no different than existence in a computer simulation, and we have already suggested that a mind can be satisfactorily encoded in a computer*” (Moravec, 1988, p.178).

Referências bibliográficas

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Relógio d' Água.
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. 6 edição. PAZ E TERRA.
- Moravec, C. (1988) *The Future of Robot and Human Intelligence*. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts and London, England.
- Sputore, G. (Realizador). (2019). *I Am Mother*. [Filme]. Timothy White e Kevin Munro.
- SIC. (2023, abril 9). Há uma profissão a dar que falar , salário pode chegar aos 300 mil euros.<https://sicnoticias.pt/mundo/2023-04-09-Ha-uma-profissao-a-dar-que-falar-salario-pode-chegar-aos-300-mil-euros-76044402>

O Perigo das Redes Sociais: #FollowMe

João Santos

Licenciado/a em Informática, pelo Instituto Politécnico de Santarém, na Universidade de Gestão e Tecnologias e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia. E-mail: joao_10_lourenco@hotmail.com.

OrcID: <https://orcid.org/0009-0008-9290-5240>

Introdução

Nesta análise, serão debatidas de forma minuciosa as dinâmicas sociais contemporâneas retratadas no filme, bem como os perigos latentes das redes sociais que são abordados de maneira provocativa.

O filme “#FollowMe” (Hardy, 2019) expõe as facetas das interações nas redes sociais e leva-nos a uma reflexão profunda sobre os efeitos desse ambiente virtual. Ao retratar a história de personagens que procuram a fama e a validação através dos seus seguidores nas redes sociais, o filme expõe a obsessão pela imagem tida como perfeita e pela popularidade superficial que pode levar ao declínio da saúde mental, ao distanciamento da realidade e até ao *stalking*.

Ao longo do enredo, testemunhamos as consequências da procura incessante por *likes*, *views*, compartilhamentos e comentários positivos por parte da audiência. O filme mostra-nos como a necessidade de ser visto e admirado pode transformar as pessoas em meros brinquedos nas mãos dos algoritmos das redes sociais, reforçando a ideia de que a autenticidade e a verdade são muitas vezes sacrificadas em prol da popularidade momentânea.

Além disso, “#FollowMe” (Hardy, 2019) levanta questões importantes sobre a privacidade e a segurança online. À medida que os personagens mergulham cada vez mais fundo na viagem e nos seus vídeos do youtube, eles tornam-se vítimas de ameaças e manipulações, revelando os perigos inerentes ao compartilhamento excessivo de informações pessoais e à exposição indiscriminada na internet.

Esta análise crítica de “#FollowMe” (Hardy, 2019) irá aprofundar-se nos temas complexos explorados pelo filme, questionando a maneira como as redes sociais moldam nossas interações e impactam a nossa mente, tanto individual como coletivamente. O filme alerta-nos para a necessidade de uma abordagem mais consciente e equilibrada em relação às redes sociais, a fim de preservar nossa privacidade, saúde mental e conexões humanas autênticas.

A Era das Redes Sociais: Uma Sociedade Hiperconectada

No filme “#FollowMe” (Hardy, 2019), somos apresentados a um grupo de amigas que alcançaram a fama através de vídeos no YouTube e da sua presença constante nas redes sociais. Essa realidade reflete a era em que vivemos, na qual a procura por *likes*, compartilhamentos e seguidores tornou-se uma forma de validação e reconhecimento social. Essa perspectiva é debatida por Castells ao afirmar que “A sociedade em rede introduz uma nova forma de sociabilidade, em que a interação mediada por tecnologia influencia a forma como nos relacionamos e nos engajamos com os outros” (Castells, 2010, p. 446). No entanto, é importante refletir sobre os perigos, os quais podem estar ocultos e que acompanham essa procura incessante por atenção e popularidade.

Segundo Castells, a sociedade contemporânea vivencia uma realidade marcada pela hiperconectividade, resultante do avanço tecnológico e da expansão da internet. Nesse contexto, surgem novos desafios e transformações nas relações sociais, na cultura, na economia e em diversas esferas da vida humana. Para o alicerce dessa sociedade, as redes sociais têm desempenhado um papel significativo na sociedade hiperconectada, moldando

as interações sociais e a construção de identidades digitais. Sherry Turkle (2011), no seu livro “Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other”, aborda o impacto das interações virtuais na forma como nos relacionamos e nos expressamos, destacando a necessidade de equilíbrio entre o mundo digital e o mundo real.

O equilíbrio entre o mundo digital e o mundo real é uma questão cada vez mais relevante no âmbito das dinâmicas sociais. Com o avanço da tecnologia e o surgimento das redes sociais, a interação entre as pessoas expandiu-se para além dos limites físicos, permitindo conexões instantâneas e globais. No entanto, essa evolução também trouxe consigo desafios e implicações para a sociedade.

Por um lado, o mundo digital tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento das relações sociais. As redes sociais e outras plataformas online oferecem oportunidades para que as pessoas se conectem, compartilhem experiências, ideias e interesses em escala global. Elas proporcionam um espaço para a expressão individual, permitindo que pessoas com visões de mundo semelhantes se conectem e formem comunidades, independentemente de sua localização geográfica. Além disso, o mundo digital também pode promover a conscientização sobre questões sociais, possibilitando que informações importantes sejam disseminadas e alcancem um público amplo.

Por outro lado, o uso excessivo do mundo digital pode levar a uma dependência das redes sociais e outras formas de comunicação online podem também levar à alienação social e ao isolamento emocional. Muitas vezes, as pessoas podem ficar tão imersas nas suas interações online que negligenciam as relações no mundo real, resultando em dificuldades de comunicação presencial, diminuição do engajamento social e até mesmo problemas de saúde mental.

Além disso, o mundo digital também pode contribuir para o surgimento de problemas como a disseminação de informações falsas e a polarização social. A facilidade com que as informações são compartilhadas e difundidas online pode levar à propagação de notícias falsas e teorias da conspiração, prejudicando o debate saudável e a construção de consensos na sociedade. Além disso, as pessoas têm a tendência de se agrupar em comunidades online que compartilham as suas opiniões e visões de mundo, o que pode levar a uma fragmentação da sociedade e à falta de empatia em relação a pontos de vista divergentes.

Portanto, encontrar um equilíbrio saudável entre o mundo digital e o mundo real é essencial para o bem-estar e a harmonia social. É importante reconhecer a importância das interações pessoais, do contato humano e da participação ativa na comunidade local. Isso envolve limitar o tempo gasto nas redes sociais e outras atividades online, estabelecendo limites saudáveis e reservando momentos para interações pessoais significativas. Além disso, é fundamental desenvolver habilidades de pensamento crítico e discernimento ao consumir informações online, procurando fontes confiáveis e verificando a veracidade das informações compartilhadas.

Ademais, a hiperconectividade também influencia a economia e o mundo do trabalho. A obra “The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant

Technologies", de Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee (2014), analisa como a revolução digital e a sociedade hiperconectada estão a reconfigurar o mercado de trabalho, trazendo desafios e oportunidades para os indivíduos e organizações. Alguns exemplos de desafios são a competição global intensificada, onde a hiperconectividade permite que pessoas de diferentes partes do mundo concorram diretamente pelos mesmos empregos. Isso aumenta a competição e exige que os indivíduos se destaquem em um mercado de trabalho globalizado, outro desafio é o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, onde a hiperconectividade pode criar uma cultura de trabalho 24/7, na qual os trabalhadores se sentem pressionados a estar sempre disponíveis. Isso pode dificultar o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, aumentando o stress e a sobrecarga. Em termos de oportunidades existe a possibilidade de trabalhar remotamente e com maior flexibilidade, onde a hiperconectividade permite que as pessoas trabalhem de forma remota e flexível, o que oferece mais liberdade para gerir o tempo e local de trabalho. Isso pode aumentar a produtividade e a satisfação dos profissionais.

Em termos políticos, a sociedade hiperconectada tem gerado transformações na esfera política e na participação dos cidadãos. Evgeny Morozov (2011), no seu livro "The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom", discute como as novas tecnologias podem tanto fortalecer quanto ameaçar a democracia, destacando a importância de se analisar criticamente o potencial das plataformas digitais na esfera política.

Na esfera da segurança a hiperconectividade também traz preocupações em relação à privacidade e à segurança dos indivíduos, como pode ser visto no filme. O livro "Data and Goliath: The Hidden Battles to Collect Your Data and Control Your World", escrito por Bruce Schneier (2015), examina as questões de vigilância em massa e a coleta indiscriminada de dados na sociedade hiperconectada, evidenciando a importância da proteção dos direitos individuais. Dessa forma, a sociedade hiperconectada traz consigo uma série de transformações e desafios nas esferas social, econômica, política e pessoal. As interações virtuais, a transformação da economia, a participação cidadã e a preocupação com a privacidade e a segurança são aspectos centrais dessa realidade, as quais são discutidas no filme "#FollowMe" (Hardy, 2019). É fundamental refletir criticamente sobre os impactos da hiperconectividade e procurar soluções que promovam uma utilização consciente e responsável das tecnologias no contexto social contemporâneo.

Sobre-exposição online: Uma Violência Invisível

Dentro de nossa análise, podemos destacar um outro ponto vivido pela narrativa do filme que é quando as amigas protagonistas do filme enfrentam um *serial killer* que as persegue, tendo como motivação as suas publicações e sua constante exposição nas redes sociais. Essa narrativa ressalta um aspecto preocupante da sobre-exposição online, a violência que pode ser infligida por pessoas mal-intencionadas que têm acesso a informações pessoais e detalhes íntimos divulgados nas plataformas digitais. "Cada vez mais, os adolescentes estão vivendo uma vida em que a sobreposição entre o mundo online e offline é contínua e por vezes difícil de separar." (boyd, 2014).

O filme representa na sua ficção que a ânsia de compartilhar cada detalhe de nossas vidas nas redes sociais pode criar um ambiente propício para o surgimento de *stalkers*

e criminosos cibernéticos, alertando para os eventuais riscos que o consentimento da partilha de dados pode causar na vida “offline”. Afinal, informações aparentemente inofensivas, como localização, rotinas diárias e relacionamentos no digital, podem ser utilizadas por pessoas mal-intencionadas para criar situações de perigo e até mesmo causar danos físicos e emocionais, tal como acontece nos momentos finais do filme.

O Culto à Aparência e a Procura pela Validade Social

Outro aspecto abordado pelo filme é a pressão constante para manter uma imagem tida como perfeita nas redes sociais. As protagonistas esforçam-se para agradar aos seus seguidores, moldando as suas personalidades, ações quotidianas e até aparências de acordo com as expectativas criadas virtualmente. Essa procura pela validação social pode levar à ansiedade, depressão e a um sentimento constante de insuficiência, afetando negativamente a saúde mental dos indivíduos. Existem diversas notícias sobre esta pressão e tal como diz Castanheira (2021) “Jovens sentem pressão das redes sociais e essa não lhes permite gostarem de si próprios”.

A exposição excessiva nas redes sociais também pode criar um ciclo vicioso, no qual a procura por popularidade e aceitação leva a comportamentos cada vez mais extremos e arriscados. O filme ilustra como essa necessidade de se destacar pode tornar-se uma armadilha, uma vez que as personagens são impulsionadas a compartilhar informações pessoais sem avaliar adequadamente as possíveis consequências.

Faça aqui a reflexão sobre essa busca de “likes” com base no texto que recomendei e também em Deborah Chambers (2013). Vai ficar mais completa essa parte.

Privacidade e Segurança: A Importância do Equilíbrio

Como já apresentado, no contexto do filme, as personagens principais tornam-se vítimas de um *serial killer* devido à exposição excessiva das suas vidas nas redes sociais. Isto mostra-nos a importância de estabelecer limites e proteger a nossa privacidade no mundo digital. Embora possa ser empolgante compartilhar momentos significativos e interagir com outros utilizadores online, é fundamental considerar os riscos inerentes a essa exposição.

Ao utilizar plataformas de media social, é essencial adotar medidas de segurança e privacidade, como ajustar as configurações de privacidade, limitar o acesso a informações pessoais e ter cuidado com os detalhes que são compartilhados publicamente. Além disso, é crucial conscientizar-se sobre os perigos do compartilhamento excessivo e da divulgação de informações sensíveis, especialmente para evitar que pessoas mal-intencionadas tenham acesso a esses dados. “A privacidade online não se trata apenas de manter as informações pessoais em sigilo, mas também de preservar a integridade das interações sociais em um contexto tecnológico” (Nissenbaum, 2010, p. 119-158).

Responsabilidade das Plataformas e Educação Digital

As plataformas de redes sociais também têm um papel crucial na mitigação dos riscos associados à sobre-exposição online. É necessário que essas empresas implementem políticas e recursos de segurança robustos, como a proteção de dados pessoais, a deteção e remoção

de conteúdo ameaçador e uma maior transparência no uso dos dados dos usuários. Existem inúmeros casos de *leaks* e um dos mais conhecidos aconteceu em agosto de 2020 quando a empresa Comparitech revelou a existência de uma base de dados que tinha cerca de 235 milhões de contas de *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*.

Além disso, a educação digital desempenha um papel fundamental na conscientização dos utilizadores sobre os riscos associados à exposição online. As escolas e os pais devem promover uma educação adequada sobre o uso responsável da internet, ensinando os jovens sobre os perigos do compartilhamento excessivo e incentivando a adoção de práticas de segurança digital.

Com o avanço da tecnologia e o aumento do acesso à internet, as plataformas digitais desempenham um papel cada vez mais relevante na educação. No entanto, esse contexto traz consigo importantes questões relacionadas à responsabilidade das plataformas na oferta de conteúdos educacionais.

As plataformas digitais têm um papel central na seleção e curadoria de conteúdo educacional disponibilizado aos utilizadores. Essa responsabilidade implica garantir a qualidade e a adequação dos materiais oferecidos. Nesse sentido, Richard Mayer (2009), no seu livro “Multimedia Learning”, assinala a importância de uma curadoria adequada, apontando que o design instrucional dos materiais influencia diretamente a eficácia da aprendizagem.

A coleta e o armazenamento de dados pessoais são elementos intrínsecos às plataformas digitais. No contexto da educação, a privacidade e a proteção de dados dos estudantes são questões sensíveis. A pesquisadora Danah boyd (2014), no seu livro “It’s Complicated: The Social Lives of Networked Teens”, destaca a necessidade de uma responsabilidade ativa das plataformas na proteção da privacidade dos usuários, especialmente no caso de crianças e adolescentes.

A diversidade e a inclusão são valores fundamentais na educação. As plataformas digitais possuem a responsabilidade de promover conteúdos que sejam representativos e acessíveis a todos os utilizadores. Safiya Umoja Noble (2018), no seu livro “Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism”, analisa como os algoritmos utilizados pelas plataformas podem reproduzir preconceitos e discriminações, enfatizando a necessidade de uma responsabilidade consciente na promoção de conteúdos inclusivos.

Por outro lado, é importante lembrar que o ambiente digital também pode ser propício à disseminação de discursos de ódio e conteúdos nocivos. Nesse sentido, as plataformas têm a responsabilidade de implementar medidas para garantir a segurança e combater a propagação desse tipo de conteúdo. A pesquisadora Tarleton Gillespie, no seu livro “Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media” (2018), discute a complexidade dessa responsabilidade e a necessidade de um equilíbrio entre a moderação de conteúdo e a liberdade de expressão.

A responsabilidade das plataformas na educação digital é um tema de grande relevância na sociedade contemporânea. A seleção e curadoria de conteúdo, a privacidade e proteção de dados, a promoção da diversidade e inclusão, e a segurança e combate ao discurso de ódio são aspectos-chave dessa responsabilidade.

Conclusão

O filme “#FollowMe” (Hardy, 2019) alerta-nos para os perigos da sobre-exposição online e os riscos associados à procura incessante por validação e reconhecimento nas redes sociais. A narrativa instiga reflexões importantes sobre a necessidade de equilibrar a vida virtual e a vida real, bem como a importância de proteger a nossa privacidade e segurança no mundo digital.

À medida que continuamos a desfolhar o caminho da sociedade hiperconectada, é essencial desenvolver uma consciência coletiva sobre os riscos e implicações da exposição excessiva nas redes sociais. Somente por meio de um uso responsável da tecnologia e da adoção de medidas de segurança apropriadas poderemos desfrutar plenamente dos benefícios da era digital, minimizando os perigos que ela apresenta.

Em última análise, é crucial que cada um de nós assuma a responsabilidade pela sua própria segurança e privacidade online, procurando um equilíbrio saudável entre a exposição virtual e a proteção pessoal. Somente assim poderemos navegar com segurança num mundo digital cada vez mais interconectado.

Referências bibliográficas

- Castells, M. (2010). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Chambers, D. (2013). *Social Media and Personal Relationships: Online Intimacies and Networked Friendship*. Palgrave macmillan
- Turkle, S. (2011)."Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other". Basic Books.
- Brynjolfsson, E. e McAfee, A. (2014). "The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies". Norton & Company
- Morozov, E. (2011)."The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom". PublicAffairs
- Schneier, B. (2015). "Data and Goliath: The Hidden Battles to Collect Your Data and Control Your World". Norton & Company
- Boyd, d. (2014). *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens*. New Haven: Yale University Press.
- Castanheira, M. (2021, April 22). Jovens sentem pressão das redes sociais e essa não lhes permite gostarem de si próprios. PÚBLICO <https://www.publico.pt/2021/04/22/impar/noticia/jovens-sentem-pressao-redes-sociais-nao-permite-gostarem-proprios-1959624>
- Nissenbaum, H. (2010). *Privacy in Context: Technology, Policy, and the Integrity of Social Life*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Referências do Filme

- Hardy, S. (2019). #Followme. [Filme]. United States: Bazooka Bunny, Samurai Films.

Interseções digitais: desvendando o impacto das tecnologias na sociedade contemporânea



Karen Lino

Estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.

Introdução

Retratando um tópico amplamente discutido na sociedade contemporânea, “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023), oferece uma perspectiva direta sobre os desafios decorrentes da comodidade e da abundância de informações disponibilizadas em fator da tecnologia. Este filme sul-coreano, dirigido pelo estreante, Kim Tae-Joon e lançado na Netflix em fevereiro, baseia-se em um romance japonês intitulado “*Stolen Identity*”, adaptado para uma trama de duração de uma hora e cinquenta e sete minutos, repleta de mistério sobre a temática.

Os desafios decorrentes do uso da internet são uma realidade inegável em nossa sociedade contemporânea (Smith, 2020). Embora a rede mundial tenha revolucionado inúmeros aspectos de nossas vidas, também introduziu uma gama de perigos e ameaças que demandam nossa atenção constante. Nesse contexto, o filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) explora de maneira impactante a questão da violação de privacidade. A trama acompanha a protagonista principal enquanto ela enfrenta o risco iminente à sua vida após ter sua identidade usurpada por um hacker habilidoso e astuto, que exerce controle absoluto a partir de um simples dispositivo eletrônico.

Com base em estudos recentes, como o relatório da Norton sobre Segurança na Internet (Norton, 2022), é possível quantificar a quantidade de informações pessoais que compartilhamos online em diferentes plataformas, seja em redes sociais, transações financeiras ou até mesmo em nossos dispositivos conectados. Esse estudo evidencia a extensão da exposição dos usuários a possíveis ataques cibernéticos, destacando a habilidade de hackers em invadir sistemas, roubar dados e assumir identidades. Essas práticas representam sérias ameaças à segurança e privacidade dos indivíduos, conforme comprovado por casos documentados de roubo de identidade e fraudes online.

O *cyberbullying* é uma preocupação crescente. Com a facilidade de se comunicar anonimamente na internet, indivíduos mal-intencionados encontram uma plataforma para intimidar, difamar e humilhar outras pessoas. Essa forma de agressão virtual pode ter um impacto devastador na vida das vítimas, no caso da trama, a protagonista principal interpretada por Chun Woo-hee tem desde sua vida pessoal a sua profissional afetada diante das intenções do antagonista interpretado por Yim Si Wan. Em outros casos esse ato pode levar a muitos problemas emocionais, isolamento social e, em situações extremas, até mesmo suicídio. É interessante ainda salientar, que a trama não realça atos violentos em sua integridade, mas desenvolve-se de maneira tão fluida que não se apercebe a real ameaça desta natureza.

A vida privada e íntima é aqui exposta à visibilidade não por um desejo deliberado do indivíduo, mas pelo fato de suas ações em esferas públicas se converterem facilmente e quase que imediatamente em dados e informações que concernem à esfera íntima e privada, [...] sem que o indivíduo tenha controle sobre essas fronteiras. (Bruno, 2004, p.25)

Por meio de uma narrativa envolvente “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) não apenas alerta para os perigos da internet, mas também nos faz refletir sobre a dependência excessiva da tecnologia e os efeitos da desconexão interpessoal. A inclusão deste filme na discussão sobre os desafios digitais é justificada pela sua capacidade de ilustrar de forma vívida as questões enfrentadas na era digital.

Ao analisar os perigos da internet, é crucial não apenas considerar os aspectos técnicos e conceituais, mas também compreender as implicações emocionais e sociais que a tecnologia

pode exercer sobre os indivíduos e a sociedade como um todo. A obra cinematográfica “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) se destaca ao desafiar-nos a repensar nossa relação com a tecnologia, enfatizando a importância de manter um equilíbrio saudável entre a vida digital e as interações humanas reais.

A inclusão de exemplos tangíveis, como este filme, desempenha um papel fundamental em tornar os conceitos mais acessíveis e palpáveis para o público. Ao acompanhar as experiências das personagens, os espectadores podem estabelecer uma identificação emocional, o que torna a discussão sobre os perigos da internet mais tangível e realista. Essa abordagem não apenas envolve o público de forma mais eficaz, mas também destaca a importância de enfrentar os desafios digitais de maneira consciente e responsável.

Portanto, é possível agregar camadas de significado e reflexão à discussão, estimulando um pensamento crítico sobre os perigos da internet e suas implicações na vida quotidiana. O filme pode servir como um ponto de partida para a reflexão e aprofundamento dos temas discutidos, fornecendo um contexto emocional e narrativo que complementa informações teóricas e conceituais.

O poder da mídia

A interseção do filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) e os autores já mencionados anteriormente, oferece uma rica oportunidade de análise crítica sobre os perigos da internet e a influência da tecnologia na sociedade contemporânea. Neste ensaio, exploraremos como essas perspectivas teóricas se relacionam com o filme, destacando os principais temas e insights que surgem dessa interação.

Marshall McLuhan (1974), por exemplo, renomado estudioso da comunicação, em sua obra “Os Meios de Comunicação: Como Extensões do Homem”, argumenta que os meios de comunicação não são apenas ferramentas, mas extensões de nós mesmos. Essa visão encontra eco no filme, em que a tecnologia se torna uma extensão da vida da protagonista. Por meio de dispositivos digitais, ela se conecta constantemente ao mundo virtual, moldando sua percepção e interações sociais. O filme mostra como a tecnologia pode se tornar parte integrante de nossa existência, influenciando nossas experiências e relacionamentos.

Um dos conceitos-chave de McLuhan (1974) é a noção de que o “meio é a mensagem”. Ele argumenta que não devemos focar apenas no conteúdo transmitido pelos meios de comunicação, mas também nas próprias características e efeitos desses meios. Cada meio de comunicação possui suas próprias características, ritmos, restrições e efeitos sociais, que moldam a maneira como percebemos e interpretamos a informação. Sua abordagem foi inovadora para a época, pois questionava as narrativas tradicionais da comunicação e enfatizava a importância dos meios de comunicação como influenciadores fundamentais da sociedade. Trazendo isso para a atualidade, percebe-se que a visão de McLuhan (1974) se encontra ainda presente na sociedade, coisas aceitas como naturais sem sinais de algo errado são direcionamentos cada vez mais discutido e analisado diante da geração de liquidez extrema (Bauman, 2008). Portanto, ele antecipou muitas das transformações culturais e sociais causadas pela tecnologia e seus efeitos na percepção, identidade e interações humanas.

No mesmo sentido, Douglas Kellner (2001), em “A Cultura da Mídia: Estudos Culturais: Identidade e Política entre o Moderno e o Pós-Moderno”, explora a influência da mídia e da cultura na construção da identidade e nas dinâmicas sociais. O filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) retrata a vida da protagonista imerso neste mundo virtual, onde a mídia digital desempenha um papel central de suas ações. O uso excessivo da tecnologia a leva à alienação e à desconexão da realidade diante de um perigo eminentemente, fazendo a duvidar de pessoas próximas e até de si mesma, o que revela os efeitos da cultura da mídia na subjetividade contemporânea. Diante disso, o filme nos faz refletir sobre como a tecnologia molda nossa identidade e influencia nossas interações sociais, tanto online quanto offline.

“O mundo on-line parece um grande palco de teatro de espelhos [...] A inconveniência da verdade é criar um *alterego* digital acima da lei, viver uma vida paralela completamente diferente da real (...)” (Giardelli, 2012, p. 17). Assim como explana Giardelli (2012) em seu livro “Você é o que Você Compartilha[...]”, é de suma importância encontrar um equilíbrio saudável entre a vida digital e as interações humanas reais, isso porque, assim como defende McLuhan (1974), a maneira como utilizamos e compartilhamos informações online tem um impacto direto na nossa vida pessoal e profissional, estamos vivendo em uma sociedade conectada, na qual as tecnologias digitais desempenham um papel fundamental na forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos.

Por isso, Giardelli (2012) destaca a importância da construção de uma identidade digital sólida e autêntica. Ele ressalta que o que compartilhamos nas redes sociais e plataformas digitais contribui para a nossa reputação online e para a forma como somos percebidos pelos outros. Gardelli (2012) enfatiza também que devemos estar conscientes das informações que compartilhamos e da imagem que projetamos na sociedade digital. Resultado este que a personagem principal não teve o cuidado de tomar, apesar da mesma ter caído em um golpe, o que é bastante comum em nossa sociedade.

Não é à toa que o filme nos leva a questionar o impacto do compartilhamento constante e a busca por validação nas redes sociais. A protagonista busca constantemente reconhecimento virtual, destacando a superficialidade da identidade construída por meio dessas interações digitais.

O filme nos alerta para os perigos de nos tornarmos definidos por aquilo que compartilhamos online, enfatizando a necessidade de manter uma visão crítica e equilibrada sobre o papel das mídias em nossas vidas.

Tais visões vão de encontro com o que é proposto pelo conceito de metadiscorso articulado pela Escola de Frankfurt e pode enriquecer nossa compreensão da relação entre o filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) e a influência da tecnologia na sociedade contemporânea. Assim dizendo, a Escola de Frankfurt, representada por pensadores como Theodor Adorno e Jürgen Habermas, concentrou-se na análise crítica da cultura de massa e da indústria cultural, nessa abordagem tem-se a reflexão sobre como a tecnologia e os meios de comunicação influenciam a construção discursiva da sociedade.

No contexto do filme, o metadiscorso se torna relevante ao explorarmos como as narrativas e discursos da sociedade digital são moldados e perpetuados. O filme retrata um mundo virtual

onde os protagonistas são constantemente bombardeados com informações e mensagens que são filtradas e adaptadas de acordo com seus interesses e comportamentos online. Esse fenômeno reflete a dinâmica do metadiscursso, em que as plataformas digitais direcionam, categorizam e personalizam o conteúdo para cada usuário, influenciando suas perspectivas e visões de mundo. De acordo com McLuhan (1974) a tecnologia faz com que as pessoas fiquem dentro de muros tornando-as insensíveis, surdas, cegas e mudas a ela.

O metadiscursso também está presente no filme por meio da construção de identidades digitais. Os personagens moldam suas personalidades, escolhas e comportamentos com base nas narrativas e convenções sociais estabelecidas pela cultura digital. Essa construção de identidade é influenciada pelo metadiscursso que permeia a sociedade em rede (Castells, 2010), onde as pessoas são encorajadas a compartilhar aspectos de suas vidas e a buscar validação online.

No entanto, o metadiscursso também apresenta riscos. A filtragem seletiva de informações pode levar à formação de bolhas de informação (Chambers, 2013), onde as pessoas são expostas apenas a perspectivas e opiniões semelhantes às suas. Isso pode limitar o debate e a troca de ideias, resultando em polarização e falta de compreensão mútua. Além disso, a construção de identidades digitais pode levar à superficialidade das interações e à perda da autenticidade nas relações interpessoais.

Portanto, ao considerar o metadiscursso em relação ao filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023), somos levados a refletir sobre como a tecnologia e a sociedade em rede moldam nossas narrativas e identidades. Devemos estar atentos aos efeitos dessa influência, buscando uma abordagem crítica e consciente em relação à informação que consumimos, às narrativas que construímos e às relações que estabelecemos no ambiente digital. Somente assim poderemos aproveitar os benefícios da tecnologia de forma equilibrada e preservar a autenticidade das interações humanas.

Second Life, Vida Mix e Relações Afetivas

As relações afetivas têm passado por transformações significativas com o avanço da tecnologia, em particular no contexto das plataformas virtuais. Essa interconexão através de dispositivos com internet, permite a troca de dados e a comunicação rápida e superficial entre eles. Consequentemente, surge um afilamento entre o que é costume e dos valores já preestabelecidos na sociedade. Não fazer parte de uma rede social, nos dias atuais, é basicamente impossível. O que antes era conhecido por ditados populares e o direito de vizinha, “O direito de um acaba quando começa o do outro”, nos meios tecnológicos essa linha se torna mais tênue ainda.

Essa problemática emergente tem despertado o interesse de estudiosos e pensadores em diferentes áreas, incluindo sociologia, filosofia, psicologia e comunicação. Nesta parte do ensaio, vamos explorar as perspectivas dos autores Goffman (1999), Oliveira (1998), Spinoza (2010) e Turkle (2011) em relação ao mundo virtual e suas relações sociais. A internet é um fenômeno que transformou radicalmente a forma como nos comunicamos, interagimos e vivemos em sociedade (Castells, 2010).

O conceito de relações afetivas no *Second Life* reflete a interação entre duas realidades distintas: a virtual, representada pelo ambiente digital, e a real, relacionada à vida quotidiana dos utilizadores.

Essa mescla entre o virtual e o real pode gerar diferentes experiências e impactos nos relacionamentos. Por um lado, o real oferece um espaço de liberdade e experimentação, permitindo que as pessoas expressem suas emoções, busquem conexões e desenvolvam relacionamentos românticos ou amigáveis. Essas interações podem ser emocionalmente significativas o que proporciona um senso de pertencimento e intimidade (Chambers, 2013).

No entanto, é importante reconhecer que as relações são mediadas pela tecnologia e pela natureza virtual. Embora neste ambiente as emoções e os vínculos formados possam ser genuínos, é necessário considerar as limitações impostas pela falta de contato físico e pela impossibilidade de vivenciar plenamente as sutilezas das interações humanas no mundo real.

Além disso, é fundamental refletir sobre como pode ser afetada a vida quotidiana e as relações interpessoais fora do ambiente virtual. É possível que o investimento emocional e o tempo dedicado influenciem a disponibilidade e o envolvimento em relacionamentos no mundo real. Também é importante considerar a necessidade de equilibrar as experiências virtuais com as interações presenciais para garantir uma vida afetiva saudável e plena.

Isto porque, assim como explica Spinoza (2010) citado por Xavier & Neves (2014, p. 2), “o ser humano não consegue viver livre dos afetos, sua vontade não é livre, há relação de dependência entre o indivíduo e os afetos”. Por mais que a vida diária tem se dado completamente no ambiente virtual, a intimidade presencial é ainda a principal maneira de sociabilizar de maneira eficaz.

Erving Goffman (1999), em sua obra “A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social”, nos ajuda a compreender como a internet influencia a maneira como nos apresentamos e nos relacionamos virtualmente. Goffman (1999) destaca a importância dos rituais sociais na construção da nossa imagem pública e argumenta que, na era digital, esses rituais são adaptados para o ambiente online. Na internet, podemos selecionar cuidadosamente os aspectos da nossa identidade que desejamos apresentar, controlando a nossa “face” virtual.

Já Pérsio Santos de Oliveira (1998), em “Introdução à Sociologia”, nos ajuda a refletir sobre as transformações sociais decorrentes do surgimento da internet. Ele discute como a sociedade contemporânea se adapta às novas formas de comunicação e como a internet afeta os padrões de interação social. A internet amplia a possibilidade de conexão entre as pessoas, mas também levanta questões sobre a qualidade e a profundidade dessas relações virtuais.

Por sua vez, Spinoza (2010), em sua obra “Ética”, nos traz reflexões filosóficas sobre a ética e o papel da tecnologia em nossa vida. Spinoza (2010) nos convida a pensar sobre como a internet e as tecnologias digitais afetam nossa liberdade, nossa capacidade de tomar decisões conscientes e a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Ele nos lembra da importância de refletir sobre os impactos éticos dessas ferramentas em nossa vida quotidiana.

Outro autor que se aprofunda nessa interação entre internet e relações interpessoais é Turkle (2011). Ele explora como a tecnologia tem influenciado nossa necessidade de conexão e intimidade, muitas vezes substituindo as interações humanas genuínas por interações superficiais e mediadas pela tecnologia. Ela levanta questões sobre a solidão e a alienação que podem surgir quando esperamos mais da tecnologia e menos dos outros.

No filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023), podemos observar a interseção dessas reflexões com a história dos personagens e suas experiências na internet. O filme retrata como a tecnologia pode impactar as relações afetivas, tanto positiva quanto negativamente. Ele nos convida a refletir sobre a importância de encontrar um equilíbrio entre ambas as vidas, virtual e real, valorizando as conexões humanas autênticas e não negligenciando o poder da tecnologia como uma ferramenta para facilitar e enriquecer nossas interações.

Dessa forma, ao considerar as perspectivas de Goffman (1999), Oliveira (1998), Spinoza (2010) e Turkle (2011) em relação à internet e conectar essas reflexões ao filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023), somos instigados a refletir sobre como a tecnologia molda nossas interações.

Rede e as consequências

A rede que aflige a segurança na era digital é um fenômeno preocupante que pode ser analisado à luz das reflexões de Zygmunt Bauman (2008) em “Medo líquido” e de David Le Breton (2009) em “Adeus ao Corpo: antropologia e Sociedade”. Ambos os autores exploram os impactos sociais e psicológicos das transformações contemporâneas e oferecem perspectivas relevantes para compreender essa questão.

Bauman (2008), discute a fluidez e a incerteza da sociedade moderna. Ele argumenta que o medo se tornou uma característica central da vida contemporânea, alimentado por uma sensação de insegurança constante. Na era digital, essa insegurança se manifesta em diferentes formas, como o medo de ser vítima de fraudes, de ter a privacidade violada ou de ser exposto a ameaças virtuais. Elementos estes que foram abordados de maneira eficiente no filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) com a falta de vigilância e segurança de informação.

A rapidez com que informações são compartilhadas e o anonimato proporcionado pela internet podem intensificar esses medos, gerando uma sensação de vulnerabilidade e fragilidade nas relações digitais.

Para Breton (2009), “A internet nos permite brincar, os participantes podem se passar por qualquer pessoa, mudar de sexo, idade”. O que torna essa experiência e percepção de segurança frágeis e infundadas. A exposição constante às redes sociais e às tecnologias digitais pode levar a uma fragmentação da identidade. Aliás, o enredo do filme explora bem essa interação entre os personagens no ambiente virtual, revelando os riscos e as consequências emocionais dessa imersão na internet.

Esses dois autores oferecem uma visão crítica das transformações sociais e tecnológicas que moldam nossa relação com a segurança na era digital. A rapidez das mudanças tecnológicas e a interconectividade da sociedade atual geram novos desafios para a segurança individual e coletiva. A exposição aos riscos virtuais, a manipulação de informações e a perda de controle sobre a privacidade são algumas das preocupações que afligem as pessoas nesse contexto.

Ao analisarmos a rede que afeta a segurança, é importante considerar as reflexões de Bauman (2008) e Le Breton (2009) para compreender as dinâmicas sociais, psicológicas e culturais que contribuem para essa realidade. Somente ao compreendermos as raízes dessas problemáticas poderemos buscar soluções e formas mais saudáveis de convivência e interação na era digital. A conscientização, a educação digital e o desenvolvimento de políticas de segurança adequadas são fundamentais para enfrentar esses desafios e construir um ambiente mais seguro e confiável na internet.

Tecnologia e Sociedade: Conclusões à Luz da Realidade

Após analisar as perspectivas dos diversos autores e explorar as relações entre a insegurança que domina na era digital, as reflexões do filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023), permite-nos a chegar a algumas conclusões sobre a complexa interação entre tecnologia e sociedade na realidade contemporânea.

Em primeiro lugar, torna-se evidente que a era digital trouxe consigo um conjunto de desafios e riscos para a segurança individual e coletiva. O medo líquido descrito por Bauman (2008) permeia as interações digitais, gerando insegurança e fragilidade nas relações online. A desconexão entre o corpo e o mundo virtual, discutida por Le Breton (2009), também contribui para a sensação de insegurança e a pressão por uma imagem perfeita.

Além disso, o filme “Na Palma da Mão” (Tae-Joon, 2023) ilustra de forma dramática as consequências emocionais e psicológicas da imersão excessiva na internet. A busca por conexões virtuais pode levar ao isolamento, à manipulação e à vulnerabilidade, afetando negativamente as relações afetivas e a percepção da própria identidade.

No entanto, é importante destacar que a realidade é multifacetada e complexa. A tecnologia em si não é boa ou má, mas sim a forma como a utilizamos e nos relacionamos com ela. Apesar dos perigos e dos desafios apresentados, também existem oportunidades e benefícios na era digital.

Portanto, a chave para um futuro mais sustentável está em encontrar um equilíbrio adequado no uso das tecnologias digitais. Devemos promover uma consciência crítica em relação aos riscos envolvidos, investir em educação digital e desenvolver políticas de segurança eficazes. Ao mesmo tempo, é essencial valorizar e preservar as interações sociais reais, fortalecendo os laços afetivos e a conexão com o mundo físico.

A realidade contemporânea nos desafia a repensar constantemente nossa relação com a tecnologia. Através das análises dos autores e da reflexão proporcionada pelo filme, somos instigados a refletir sobre nossas escolhas e ações no mundo digital, buscando uma abordagem mais consciente, ética e equilibrada.

Em última análise, a transformação da sociedade e o enfrentamento dos desafios apresentados pela tecnologia exigem um esforço coletivo, envolvendo indivíduos, instituições e governos. Somente através de uma abordagem responsável e colaborativa podemos criar um futuro em que a tecnologia seja uma ferramenta a serviço do bem-estar e do progresso, ao invés de ser uma fonte de insegurança e desumanização.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2008). Medo líquido. Brasil: Zahar.
- Le Breton, D. (2009) Adeus ao Corpo: antropologia e Sociedade. 4^a. ed. Brasil: Papirus.
- Bruno, F. (2004) Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 24, p. 110-124, Jul.
- Castells, M. (2010). A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.
- Chambers, D. (2013). Social Media and Personal Relationships: Online Intimacies and Networked Friendship. Palgrave macmillan
- Giardelli, G. (2012) Você é o que você compartilha: e-agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. São Paulo: editora Gente.
- Goffman, Erving. (1999) A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Intereração Social. In.: Figueira, S. (ed.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves [on Face-work: An analysis of ritual elements in social interaction. Psychiatry, 18, 213-231, 1955].
- Kellner, D. (2001) A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. [S.I.]: EDUSC.
- McLuhan, M. (1974). Os meios de comunicação: como extensões do homem. Editora Cultrix.
- Oliveira, P. S. (1998). Introdução a sociologia. São Paulo, Ática, 37p.
- Spinoza, B. (2010) Ética. Belo Horizonte: Autêntica.
- Turkle, S. (2011) Alone together: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.
- Xavier, M. R. P., & Neves, T. T. das. (2014). Por uma vida afetada – afetos, tecnologia e vínculos na contemporaneidade. Revista Inter-Legere, 14(14). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/5293>

Referência filme

- Na palma da mão [Filme]. (2023). Realização de Kim Tae-joon. País de origem: Coreia do Sul. Distribuidora: Netflix

Breve análise do papel da desinformação a partir de “Hejter”



Daniela Ferreira

Licenciada em Marketing, pela Escola de Economia e Gestão, na Universidade do Minho e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.
E-mail: ferreiradanil222@gmail.com.
OrCID: <https://orcid.org/0009-0005-8380-8113>

Introdução

“Hejter” (Komasa, 2020) é um thriller polaco, que aborda temas atuais e relevantes em relação à sociedade e às duas dinâmicas sociais. A narrativa segue a jornada de Tomasz interpretado por Maciej Musiałowski, um rapaz de poucas posses, que ganhou uma bolsa para estudar na universidade, aluno do curso de direito, mas que é expulso por plágio. Tomasz tinha uma obsessão por Gabi, interpretada por Vanessa Aleksander, e a sua família de classe alta. Para conseguir chamar atenção da mesma, vai trabalhar para uma empresa de relações públicas que produz conteúdos falsos na internet, e cria uma “Rede de Ódio” online, atacando assim, personalidades famosas e políticos.

Ao retratar a ascensão da rede e a sua influência no mundo digital, que posteriormente escala para o mundo real, o filme representa a realidade social contemporânea, abordando questões como a disseminação do ódio na internet, mais especificamente nas redes sociais, os efeitos nocivos do *cyberbullying* e as consequências psicológicas para aqueles que são alvos desse ódio.

O filme reflete-se sobre uma perspectiva perturbadora, sobre o poder da tecnologia e como esta pode ser explorada para disseminar o ódio e causar danos na sociedade. Ao longo do enredo, conseguimos perceber as etapas necessárias para efetivamente ser criada uma “Rede de Ódio”. Para o presente ensaio, iremos abordar temas discutidos e analisados em sala de aula, na Unidade Curricular de Dinâmicas Sociais e Mídias Digitais, os quais estão relacionados com os tópicos elencados.

Análise das temáticas presentes no filme “Hejter”

O filme “Hejter” (Komasa, 2020) apresenta uma visão perturbadora da ascensão dos *haters* e a sua influência no mundo online. Segundo (Nandi, 2018, p. 14), o discurso de ódio tem um impacto direto e indireto na vida das pessoas devido às suas repercussões. As redes sociais, por fazerem parte do cotidiano da população e por serem plataformas que mobilizam muitas pessoas e ideias, podem ser responsáveis por gerar movimentos políticos e sociais que modificaram o panorama político e social do Estado e da sociedade nela inserida. Ou seja, o discurso de ódio presente nas redes sociais tem um alcance significativo, podendo influenciar a opinião pública e até mesmo desencadear movimentos que têm um impacto real na esfera política e social. Essas ideias expressas podem moldar a dinâmica social e política de uma sociedade, o que ressalta a importância de compreender e combater o discurso de ódio nas plataformas digitais.

Ao retratar a jornada do protagonista envolvida numa rede de ódio, o filme evidencia como o discurso de ódio pode afetar tanto as vítimas diretas e indiretas, como o próprio perpetrador. Através da representação das consequências devastadoras dessa atividade, como o *cyberbullying* e os danos psicológicos causados às vítimas, “Rede de Ódio” ilustra a influência negativa do discurso nas relações sociais e individuais.

Esta ideia é abordada na obra de Maldonado, quando a autora aborda o tema do *cyberbullying*. Observando o que o mesmo diz, o *cyberbullying* consiste na possibilidade de “se esconder no anonimato da rede, imaginando que não haverá consequências para seus

atos aumenta a incidência e a crueldade dos ataques. Muitas pessoas sofrem em silêncio, por medo ou por vergonha de revelar que estão sendo atacadas" (Maldonado, 2011, p. 5)

A revolução tecnológica tem sido uma ferramenta importante neste tópico de *cyberbullying*, *fake news* e criação de movimentos digitais. As redes sociais são espaços de interação e organização que têm o potencial de mobilizar ideias e criar movimentos sociais (Castells, 2009). No filme, vemos como a disseminação do ódio nas redes sociais resulta num impacto real, no caso, influencia a candidatura de um político a um cargo. No entanto, através do filme, conseguimos visualizar e refletir sobre os efeitos negativos da revolução tecnológica. Isto destaca o alerta sobre a necessidade de considerar as implicações sociais e éticas do uso da tecnologia (Castells, 2009).

Fake News

Através da criação da "Rede de Ódio" (Komasa, 2020) no filme, é evidente o poder de influência que a tecnologia possui na propagação de informações falsas e enganosas. Essa conexão entre o filme e as *fake news* ressalta a importância de refletir sobre os efeitos negativos da desinformação na sociedade atual e a necessidade de combater a disseminação de informações falsas nas redes sociais.

O termo "Fake News", que será explicado posteriormente, propagou-se em 2016 nos Estados Unidos da América nas eleições que levaram a Donald Trump (Oliveira, 2022) ao poder. Nesta data existiu uma campanha de difamação ao seu opositor, que por via de *fake news* e desinformação perdeu a notoriedade por parte dos eleitores.

A desinformação, é o maior aliado à propagação, pois propagar uma *fake news*, num público que não é literado, nos dias de hoje, é demasiado fácil para os agentes de desinformação.

Segundo Wardle (2017), os nossos fluxos globais de informações estão poluídos com uma série vertiginosa de desinformação, alindo a esse facto, os políticos cada vez mais criam conexões com os cidadãos através das redes sociais.

A jornada da desinformação é dividida por etapas, geralmente começa de forma anónima na internet, depois é disseminada em grupos fechados ou semi-fechados, posteriormente é partilhada em comunidades de conspiração (fóruns), em seguida, para redes sociais e por fim, muitas vezes, para os meios de comunicação (Wardle, 2017). Existe toda uma estratégia nos dias de hoje para que estas "*fake news*" sejam disseminadas.

Estas estratégias passam em grande parte na disseminação nas redes sociais. Nos dias de hoje, criamos vastas redes nas redes sociais, que não passam só pelo nosso círculo de interação e de amigos. Alguns utilizadores das redes sociais acumulam um número elevado de "amigos", muitos deles não têm uma conexão na vida real. Embora possam ser úteis para manter e aprofundar relações já existentes, também podem incentivar uma busca por quantidade em detrimento da qualidade nas relações pessoais (Chambers, 2013).

Com estas redes, é então mais fácil haver a disseminação de *fake news*, assim como a *poly media*, que destaca como as pessoas usam vários *media* no seu quotidiano

e como estão interconectadas e influenciam umas às outras. Dessa forma, de acordo com Chambers (2013), as pessoas comunicam através de múltiplas plataformas incluindo várias redes sociais.

Dessa forma, como o mundo social é mediatizado, conforme sugerem Couldry e Hepp (2017). A mediatização refere-se, segundo os autores, à transformação das dinâmicas e estruturas sociais causadas pela influência contínua e recorrente dos meios de comunicação. Isso implica que os meios de comunicação não são apenas intermediários neutros entre as pessoas e o mundo social, mas têm um impacto significativo na forma como a sociedade é estruturada e como as interações sociais ocorrem. Portanto, de acordo com Couldry e Hepp (2017), os meios de comunicação desempenham um papel ativo e transformador na construção contínua do mundo social, afetando as suas dinâmicas e estruturas de forma profunda e interligada.

As redes sociais, tal como os meios de comunicação tradicionais, alteram e moldam as dinâmicas e estruturas sociais de forma contínua e recorrente (Couldry & Hepp, 2017). Uma forma de compreender o papel profundo, consistente e auto-reforçador dos meios de comunicação na construção do mundo social é dizer que o mundo social não é apenas metade, mas também mediatizado, conforme analisa Couldry e Hepp (2017) ao apresentar as várias vagas de mediatização que ocorreram ao longo do tempo. Isso significa que é alterado em sua dinâmica e estrutura pelo papel que os meios de comunicação desempenham continuamente na sua construção.

Para a existência de “fake news”, são necessários três elementos: agente (quem produz a desinformação), a mensagem e o receptor (Derakhshan e Wardle, 2017).

Segundo Derakhshan e Wardle (2017), estes agentes, podem ter quatro tipo de motivações: financeira, ganhar lucro pela discórdia informal através de anúncios; política, desacreditar um candidato político numas eleições e/ou outras tentativas de influenciar a opinião pública; social, conectar com um certo grupo, e por fim, psicológica, procura de prestígio e reforço psicológico. Em “Hejter” (Komasa, 2020), verificamos que a motivação é a política, pois o personagem principal utiliza as *fake news* para difamar um candidato na sua campanha de eleição.

“Em uma eleição, disputa-se, por definição, mandatos públicos. Mas, também, disputam-se os corações e as mentes dos eleitores e como é cada vez mais claro, disputam-se narrativas, interpretações de fatos e histórias.” (Gomes & Dourado, 2019, p. 34)

Com esta afirmação, os autores referem-se ao facto de que, nas eleições políticas, não se trata apenas de apresentar propostas e ideias, mas também de influenciar a percepção dos eleitores por meio da construção de narrativas. Isso inclui a maneira como os candidatos e seus apoiadores interpretam e apresentam os fatos, histórias e eventos, a fim de moldar a esfera pública e ganhar o apoio dos eleitores.

Neste contexto, as *fake news* têm um papel relevante, pois são utilizadas como ferramentas para disseminar informações falsas ou distorcidas com o objetivo de manipular a opinião dos eleitores. Ao distorcer fatos ou criar narrativas enganosas, as *fake news* podem influenciar negativamente o processo democrático, minando a confiança nas instituições e comprometendo a tomada de decisões informadas pelos eleitores.

Segundo Gomes & Dourado (2019, p. 36), as *fake news* são amplamente reconhecidas como criações essencialmente digitais nos ambientes de convivência online, onde circulam informações, identidades e afetos. Elas são distribuídas por meio das redes sociais digitais e dos dispositivos e aplicativos de social media, principalmente baseados em tecnologias móveis, que permitem o compartilhamento contínuo de conteúdo em uma situação de conexão permanente. Assim, as *fake news* tornam-se uma parte significativa da dieta de informação obtida digitalmente.

Essa prevalência das *fake news* na era digital não ocorre necessariamente porque é possível mentir e inventar online, nem porque a vida online pode estimular intrinsecamente as pessoas a falsificar informações. No entanto, é resultado da crescente digitalização de todas as áreas da vida (Couldry e Hepp, 2017), incluindo a intensa digitalização da atividade de falsificação e manipulação de fatos para fins políticos.

Dessa forma, as *fake news* representam um desafio importante na esfera da informação digital, onde a manipulação da verdade e a disseminação de informações falsas podem influenciar as percepções e opiniões das pessoas. É essencial compreender e lidar com esse fenômeno, buscando estratégias eficazes para combater a propagação de *fake news* e preservar a integridade da informação na sociedade digital.

Conclusão

Em conclusão, o filme “Hejter” (Komasa, 2020) apresenta uma análise da ascensão dos haters e seu impacto no mundo online. Ao retratar a jornada do protagonista envolvido em uma rede de ódio, a obra destaca as consequências devastadoras do discurso de ódio, como o cyberbullying e os danos psicológicos causados às vítimas, ilustrando a influência negativa do discurso de ódio nas relações sociais e individuais.

Além disso, o filme aborda a disseminação de *fake news* e a sua influência na esfera política, destacando como a tecnologia pode amplificar a propagação de informações falsas e enganosas. A conexão entre o filme e as *fake news* ressalta a necessidade de refletir sobre os efeitos negativos da desinformação na sociedade atual e a importância de combater sua disseminação nas redes sociais.

A revolução tecnológica e o uso das redes sociais como plataformas de interação e mobilização são aspectos-chave abordados no filme. No entanto, também é ressaltado que essa revolução tecnológica traz consigo desafios, como a disseminação de ódio e a propagação de *fake news*. Portanto, é essencial considerar as implicações sociais e éticas do uso da tecnologia, bem como desenvolver estratégias eficazes para combater o discurso de ódio e a disseminação de informações falsas.

A compreensão do papel dos meios de comunicação, das redes sociais e da digitalização da informação na construção do mundo social é fundamental para enfrentar esses desafios. A mediatação do mundo social destaca a importância de reconhecer o impacto dos meios de comunicação na estruturação das dinâmicas sociais, bem como a necessidade de promover uma utilização ética e responsável da tecnologia.

Em suma, o filme “Hejter” alerta-nos sobre os perigos do discurso de ódio, do cyberbullying e da propagação de fake news nas redes sociais. Ele lembra-nos da importância de combater esses fenômenos, proteger as vítimas e promover uma cultura de informação verificada e responsável. Somente através do entendimento e do engajamento ativo, tanto no âmbito individual quanto coletivo, poderemos enfrentar os desafios impostos pela era digital e construir uma sociedade mais inclusiva, informada e justa.

Referências bibliográficas

- Castells, M. (2009). A Sociedade em Rede (8 ed., Vol. 1). (R. V. Majer, Trad.) Paz e Terra.
- Chambers, D. (2013). Social media and personal relationships: Online intimacy and relational ambiguity. Palgrave Macmillan.
- Couldry, N., & Hepp, A. (2017). The Mediated Construction of Reality (1 ed.).
- Gomes, W. d. S., & Dourado, T. (2019). Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. 16(2), 15. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p33>
- Komasa, J. (Director). (2020). Hejter [Rede de Ódio] [Film]. Netflix. <https://www.netflix.com/pt/title/81270667?source=35>
- Maldonado, M. T. (2011). Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco. São Paulo: Moderna. <https://intranet.pe.senac.br/dr/ascom/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/atlas/TextoTeresaMaldonado.pdf>
- Nandi, J. (2018). O combate ao discurso de ódio nas redes sociais. 58. https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187510/O_Combate_ao_Discurso_de_Odio_nas_Redes_Sociais.pdf?sequence=1&isAllowed=
- Oliveira, A. F. (2022, Janeiro 16). A era da desinformação e das notícias falsas. Saber Viver. Retrieved Maio 18, 2023, from <https://www.saberviver.pt/bem-estar/sociedade/desinformacao-e-noticias-falsas/>
- Wardle, C. (2017, December 16). Disinformation gets worse » Nieman Journalism Lab. Nieman Lab. <https://www.niemanlab.org/2017/12/disinformation-gets-worse/>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for researchand policy making. Council of Europe report, 27.

Disconnect: Desconexões na Era Digital



Iolanda Monteiro

Licenciada em Artes Plásticas pela ESAD CR, Mestrado de Design do Produto pela ESAD CR e estudante do Mestrado de Comunicação Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.
E-mail: iolanda.azevedo@gmail.com
OrCID: <https://orcid.org/0009-0000-2239-1039>

Introdução

“Disconnect” (Rubin, 2012) é um filme disruptivo que retrata o pior lado da internet e das tecnologias digitais e como isso afeta as relações das pessoas. Numa época em que estamos mais conectados do que nunca, nunca estivemos tão sós e dependentes da validação de estranhos. Nunca foi tão difícil comunicar pessoalmente como agora.

O filme está dividido em três blocos narrativos. O primeiro, onde um casal que sofreu perda de um filho está mais afastado que nunca, veem as suas contas bancárias “hackeadas” identidades roubadas. E, logo, decidem contratar um ex-agente da polícia de crimes cibernéticos e descobrem que está ligado a uma pessoa com quem a mulher do casal encontrou conforto num *chat* por ter sofrido uma perda semelhante. Depois temos a história de um adolescente que não se integra na comunidade escolar, não tem muita atenção em casa pelos pais e irmã, passa sozinho por uma situação de *cyberbullying* bastante grave e tenta o suicídio. E temos a história de uma jornalista ambiciosa de um canal de televisão menor que encontra uma reportagem grande sobre adolescentes que fazem sexo através de contas pagas pela internet. Todas a outras histórias e personagens vão gravitar em torno destas três.

“Disconnect” (Rubin, 2012) é um filme perturbante devido à facilidade que o espetador se pode identificar com estas histórias, que são cada vez mais comuns aos dias de hoje e sentir-se ligado emocionalmente a estas personagens e desejando que acabe tudo bem, pese embora reconheça que não há pessoas imunes de passar por algo semelhante.

As personagens com um carisma tão humano são facilmente identificáveis com alguém perto do espetador.

Por ser um filme com bastantes avaliações positivas pela crítica de cinema, ter um elenco de peso, uma produção bastante surpreendente e a banda sonora adequada às imagens do filme fez com que a minha escolha para a escrita deste ensaio clínico recaísse, sobre ele.

É sobre a temática das relações pessoais aliada à má utilização ou desconhecimento da internet e tecnologias digitais que são tratadas neste ensaio crítico.

Narrativa e tópicos de análise

Com o fenômeno da Web 2.0 o ser humano nunca esteve tão ligado ao mundo e aos outros em tempo real como nos dias que correm (Couldry & Hepp, 2017). E talvez pelo asoberbamento de informação e a rápida e crescente evolução das tecnologias cresceram também os perigos inerentes ao consumo da internet.

Castells (1999) mostra como a integração da comunicação online tem impacto na forma como as pessoas se relacionam e constroem as suas identidades. Apesar da aparente conexão virtual, as interações online estão a resultar numa desconexão emocional e falta de intimidade real. Em “Disconnect” (Rubin, 2012) podemos ver como a exposição excessiva na internet pode levar a problemas graves, como o roubo de identidade, *cyberbullying* e prostituição de menores. O autor de “A Sociedade em Rede” apresenta preocupações significativas relacionadas com a privacidade e informação pessoal na era da comunicação em rede. Uma das preocupações apontadas por Castells (1999) é o volume de informações pessoais que são fornecidas que acabam por ficar armazenadas na rede e a forma como elas são tratadas pelos organismos

que as solicitam, muitas vezes abrindo brechas de segurança, deixando-as ao dispor de gente mal-intencionada, que resulta na perda de controlo das nossas informações. Isto também aborda a forma como os dados são solicitados, armazenados e partilhados. Muitas vezes, a falta de transparência cria um desnívelamento entre a empresas que solicitam os dados e o utilizador que perde o controlo do seu fluxo de informações.

Pelo que, é necessário que as políticas de proteção de dados sejam revistas as vezes que forem necessárias para proteger os utilizadores de possíveis fugas de informação e por conseguinte do roubo de dados.

Além disso, “Disconnect” (Rubin, 2012) é um filme que retrata a ironia subjacente às tecnologias digitais, projetadas para juntar mais as pessoas e que acaba por afastá-las. As personagens experienciam uma época em que o comportamento social é frequentemente moldado pela tecnologia e pelas redes da Internet.

Realizado por Henry Alex Rubin, o argumento de Andrew Stern considera três histórias que se sobrepõem sobre pessoas cujas vidas são destruídas porque dependem da tecnologia em vez de simplesmente falarem umas com as outras. Rubin e Stern consideram as consequências desta situação num drama que consegue deixar o espetador ligado a todas estas histórias, abrindo espaço para uma reflexão profunda sobre as consequências do excesso de tecnologias e a falta de atenção às pessoas mais próximas.

1.º Bloco narrativo – Segurança e privacidade na internet

Cindy e Derek são um casal em crise por causa da perda do filho. Cindy, por sua vez, encontra uma amizade semelhante com alguém que passou pela mesma dor numa sala de *chat* mas, de repente, as contas do casal são pirateadas e o IP (sigla de *Internet Protocol*) leva até a esse novo amigo de Cindy. Com poucos recursos legais e com as contas a acumularem-se, decidem encontrar o suspeito e confrontá-lo. Descobrem que também ele foi vítima de roubo de identidade e o seu computador foi usado como *proxy* para roubar outras contas.

Aqui podemos relacionar as preocupações de Castells (1999) em relação ao excesso de confiança nas tecnologias e as elações de Turkle (2014) sobre a crescente onda de solidão que se vive hoje em dia, numa sociedade mais conectada que nunca.

Cindy tem o marido ao seu lado, mas estão ambos afastados pela dor recente que sofreram pela perda do filho. Cindy é uma artesã e vende os seus produtos online e Derek é um ex-marine que trabalha como contabilista numa pequena empresa. Nem um nem outro se preocuparam com a segurança da internet, usaram palavras-pases fáceis de adivinhar.

Cindy partilha a sua dor num *chatroom* dedicado a perdas emocionais e conhece alguém que passou pelo mesmo. Aos poucos, a personagem começa a criar empatia por um estranho. Em breve descobrem que as suas identidades foram roubadas e contratam o pai de Jason, que é um polícia reformado da área do cybercrime, que perdeu a sua mulher com cancro e é um pai ausente para Jason, para descobrir o que aconteceu. E descobrem que foram roubados do computador do novo amigo de Cindy. Sem nada mais a perder decidem confrontar essa pessoa e descobrem que também ele foi roubado e o seu computador serviu de *proxy* para roubar mais contas.

2.º Bloco narrativo - Cyberbullying

Introvertido e solitário, Ben Boyd faz música que ninguém ouve, exceto os seus poucos seguidores no Facebook. Entre eles está Jennifer Rhony, um perfil falso criado por dois colegas da turma, Jason e Frye, dois rapazes que já faziam bullying a Ben na escola. Este caso de cyberbullying leva Ben a tentar o suicídio. O pai de Ben, Rich, procura respostas para o que aconteceu ao seu filho contactando “Jennifer Rhony” on-line e Jason, culpado pelo que aconteceu, responde com alguma honestidade e quase se deixa descobrir.

“Adolescents need to learn empathic skills, to think about values and identity, to manage and express feelings, but technology has changed the rules. Sometimes you don't have time for your friends except if they're online. Teenagers report discomfort when they are without their cell phones. They need to be connected in order to feel like themselves.” Turkle (2011, p. 175)

Nesta citação, Turkle reflete como a falta de comunicação dos pais com os jovens, os quais procuram cada vez mais atenção junto dos seus amigos *on-line*. A falta de informação e formação pessoal faz com que os adolescentes queiram a atenção toda para eles sem ligar aos meios para chegar a esses fins.

Relacionando com o Filme “Disconnect” (Rubin, 2012), tal como Jason não previu que o Ben tentaria o suicídio, na altura gostou da atenção dos colegas de escola em peso. Depois do malfeito sentiu remorsos e até foi visitar Ben ao hospital, mas nunca se denunciou. Entretanto o pai (detetive que ajudou Cindy e Derek) soube de tudo e escolheu proteger o filho, não deixando que este fosse responsabilizado pelos seus atos.

3.º Bloco narrativo – Prostituição juvenil e predadores online

Kyle, um jovem de 18 anos que se prostitui em salas online privadas praticando atos sexuais em *live streaming* em troca de dinheiro e outros bens materiais do seu desejo. Nina, uma repórter ambiciosa que trabalha numa estação de televisão pequena, encontra Kyle online e quer a sua história para se tornar numa jornalista respeitada e transitar para uma estação maior; o seu interesse em Kyle torna-se algo mais através da sua relação ilusória e rapidamente se vê disposta a arriscar a sua carreira por uma fantasia.

Com relação a esse ponto na narrativa do filme, na obra “It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens”, Danah Boyd explora as preocupações sobre a presença de predadores sexuais na era digital. Ela examina a percepção popular dos perigos da internet que está repleta de ameaças para os jovens. No entanto, a autora argumenta que essa percepção nem sempre é precisa e que o medo exagerado pode obscurecer uma compreensão mais abrangente das interações online dos adolescentes.

Ao aplicar esse capítulo à história de Kyle no filme “Disconnect” (Rubin, 2012), podemos explorar como a narrativa aborda o medo e os perigos associados à prostituição online envolvendo jovens. A história de Kyle permite refletir sobre a exploração sexual de adolescentes na internet e as possíveis motivações e implicações dessas interações.

Relacionando as preocupações levantadas por Danah Boyd sobre a percepção exagerada de predadores sexuais online com a história de Kyle. O filme mostra como a vulnerabilidade emocional e a necessidade de conexão podem levar os jovens mais vulneráveis a envolverem-se

em práticas perigosas e exploratórias na internet, levantado a questão da influência da cultura digital e das dinâmicas sociais na exposição de jovens a riscos e exploração sexual.

Ao analisar o capítulo de Boyd e a história de Kyle, podemos refletir sobre questões mais amplas relacionadas à proteção de adolescentes na era digital, como a importância da educação, a implementação de medidas de segurança e a necessidade de conscientização sobre os riscos envolvidos nas interações online.

Interligação de todos os blocos narrativos

O resto das histórias gravitam em torno destes blocos narrativos e personagens.

Este filme torna cada uma das ligações propositada. O facto de o pai distante de Jason o levar a abrir-se online através das suas conversas ocultas com Rich é significativo, na medida em que a personagem é também o ex-detective de crimes cibernéticos que trata de casos à parte, na verdade os de Cindy e Derek.

Rich, um poderoso advogado da empresa de notícias de Nina, tem sempre um ouvido ou um olho no telemóvel. A sua mulher Lydia tenta falar com ele, mas as suas respostas são demoradas e a sua atenção é desviada pelo ecrã do telemóvel. Além disso, à medida que estas personagens se vão tornando cada vez mais afetadas pela sua dependência da tecnologia, a moderação do que acontece não estraga o peso temático ao exagerar dramaticamente. Enquanto outros filmes deste género juntam as suas personagens através de um ato ou desastre abrangente, "Disconnect" (Rubin, 2012) exerce um nível de contenção que fortalece o drama e sublinha a mensagem.

Análise das técnicas cinematográficas e a relação com os media

A maior parte do filme é gravada e editada de uma perspetiva visual recessiva, até ao final, quando a tensão crescente se acumula num momento climático de câmara *slo-mo* e música perfeitamente enquadrada ao momento. Ken Seng filma por cima dos ombros, através das janelas, através das ruas, e espreita a vida destas personagens, com a sua câmara simultaneamente voyeurista e íntima, refletindo as mesmas qualidades das relações tecnológicas em exibição. Vêem-se conversas conduzidas através de salas de *chat* e textos no ecrã, quase como legendas. A técnica é um movimento que segue a forma e a função em direção à proximidade, mas mantém estas personagens à distância ou a meio do enquadramento, notando que, mesmo através do filme, as suas vidas estão fragmentadas pela tecnologia. O estilo é recessivo e fica em segundo plano em relação ao elenco de Rubin, que é uniformemente excelente, particularmente Bateman numa rara atuação dramática e Riceborough num dos vários retratos fortes recentes. Patton e Skarsgård partilham uma série de cenas de ternura, enquanto os atores adolescentes Ford e Bobo mostram um alcance incrível.

À medida que as personagens do filme tentam resolver os seus conflitos através de teclados de vários tamanhos ou métodos de comunicação artificial, fazem o espetador sentir-se identificado com a sua incapacidade de comunicar de forma clara ou significativa. Ficamos com vontade de desligar o telemóvel e voltar a ter conversas importantes com as pessoas. Este é um drama cujas reviravoltas se desenrolam em confrontos e colisões

que antecipamos, mas que também são apresentadas com um passo poético em relação ao tipo de tragédia operática que torna esta história relacionável.

Conclusão

Apesar de todas as benesses trazidas pela comunicação rápida e vasta da sociedade contemporânea, devem ser sempre avaliados os riscos para não cairmos em situações de difícil resolução. Antes de partilharmos dados, devemos verificar o background dos sites que visitamos.

Se tivermos crianças, devemos vigiar e guiar mais as crianças para que se tornem adolescentes mais resistentes aos riscos da internet.

Sobretudo devemos largar mais as tecnologias e repararmos mais nos outros à nossa volta. Se estivermos sempre ligados aos ecrãs pode falhar-nos que a pessoa ao nosso lado precisa de um ouvido e um abraço.

Com tudo devemos ficar atentos ao mundo à nossa volta e não tanto às imagens do mundo num ecrã de telemóvel.

Referências bibliográficas

- Castells, M. (1999). A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.
- Couldry, N.; Hepp, A. (2017). The mediated construction of reality: society, culture, mediatization. Polity Press: Cambridge.
- Boyd, d. (2014). It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens. New Haven, CT: Yale University Press.
- Rubin, H. A. (2012) (Filme) Disconnect. USA, LD Entertainment.
- Turkle, S. (2011). Alone together - Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books.

“Os Estagiários”

A influência da “Self-Perception”

nas relações e dinâmicas digitais



Dinis Guedes

Licenciado em Comunicação Organizacional, pela Escola de Coimbra e estudante do Mestrado de Comunicação, Audiovisual e Multimédia, da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia.
E-mail: 20220374@iade.pt

Introdução

A constante evolução dos diversos meios digitais, como transmissores e meios de informação, levou a que relações humanas, como uma simples conversa, se tornasse possível através de plataformas digitais (Couldry & Hepp, 2017). Esta possibilidade e rapidez de comunicação entre duas, ou várias pessoas, influenciou os processos e as dinâmicas que, outrora, foram consideradas essenciais e imprescindíveis. Tal facto se demonstra ao longo da longa-metragem “Os Estagiários” (Levy, 2013). O filme, realizado por Shawn Levy e dotado da representação de Vince Vaughn e Ryan Wilson, reflete sobre estes mesmos assuntos.

O filme começa com a apresentação de Billy e Nick (interpretados por Vince Vaughn e Owen Wilson respetivamente), dois vendedores de relógios que, de maneira súbita, vêm os seus empregos desaparecer devido à diminuição pela procura de relógios de pulso, impulsionada pela nova era digital.

Assim, e vendo a sua idade mais avançada e a oferta de emprego diminuir de acordo com tal facto, decidem candidatar-se a uma bolsa de estágio na empresa *Google*.

Para tal, e sendo motivo de começo deste trabalho escrito, o par realiza uma entrevista e de emprego via *Skype*, onde se fazem passar por pessoas com valências, que estes não têm, para que a chance de serem aceites neste estágio aumente.

Como é desvendado no desenrolar do filme, a mentira acaba por padecer de falta de fundamentos reais e teóricos acabando, assim, por serem descobertos.

Devido à insistência, acabam por entrar na bolsa de estágio e, finalmente, alcançam o sonho de trabalhar na empresa em questão.

Contudo, o intuito deste trabalho não reside na sinopse e explicação do filme. Ao invés, tenta perceber de que maneira a “Self-Perception”, percepção pessoal, traduzido do inglês, influencia e deturpa a nossa imagem, os nossos comportamentos e as nossas ambições, através de plataforma e de redes sociais.

Serão, por isso, analisadas teorias de vários autores estudam este tema, de modo a consolidar as bases teóricas deste trabalho.

Análise do filme a partir de tópicos estudados em sala de aula

Nos dias correntes, a utilização de meios digitais é considerada, normal e essencial. Muitas são as informações que atravessam países, fusos-horários, mares e continentes e que, de forma praticamente instantânea, chegam aos nossos dispositivos móveis, mais conhecidos por telemóveis.

Tal perspetiva é identificável ao ler-mos e observamos a obra de Castells (2000). No livro, escrito pelo mesmo, “The rise of the Network”, traduzido do inglês “A sociedade em rede”, o autor aborda estes mesmos temas e explica a sua perspetiva sobre o crescimento exponencial da transmissão de informação através de, maioritariamente, métodos digitais que promovem e aumentam, constantemente, a transmissão da mesma deformando, também, o conceito de comunicação criado pelos nossos antepassados.

Atentando ao que Castells (2000, p. 414) refere sobre o assunto, este afirma que:

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) numa rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação.

O princípio de comunicação, definido como, apenas e somente, a transmissão de informação através de um recurso visual, escrito ou auditivo, tornou-se desatualizado. Quanto a esta diferença na cultura da informação e da transmissão da mesma, Jenkins (2006), na sua obra “Convergence culture: Where old and new media collide.”, argumenta que “Several forces, however, have begun breaking down the walls separating these different media. New media technologies enabled the same content to flow through many different channels and assume many different forms at the point of reception” (Jenkins, 2006, p. 11)

Temos, como exemplos, a televisão ou a rádio. Atualmente é possível trespassar informação que reúna estes três atributos no mesmo momento e através do mesmo meio. Estamos, desta forma, perante uma revolução no paradigma de comunicação e partilha de informação.

Observando, novamente, o que escreve Castells (2000, p. 414), “a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico”, sendo o fio condutor para que “um novo sistema eletrónico de comunicação e interatividade potencial” seja capaz de mudar, para sempre, a nossa cultura. Neste mesmo seguimento de linha de pensamento é possível encontrar Jenkins defendendo que, no mundo da cultura convergente, “every important story gets told, every brand gets sold, and every consumer gets courted across multiple media platforms” (Jenkins, 2006, p. 3), indo de acordo com a ideia anteriormente frisada.

A comunicação deixou de ser um processo demorado e com elementos dificultadores à percepção da mesma. Ao invés, tornou-se algo rápido, eficaz e espontâneo.

Observando a perspetiva comunicacional presente no filme “Os Estagiários” (Levy, 2013), conseguimos acompanhar a evolução da mesma consoante a evolução da narrativa como também apresentam Couldry e Hepp (2017) nas vagas de mediatização.

As personagens principais começam como dois vendedores de relógios de alto valor que, pela evolução das ferramentas de comunicação, como smartphones e outros tipos de dispositivos móveis, foram demitidos dos seus empregos, sendo possível perceber a evolução dos instrumentos de comunicação.

Com a evolução do contexto narrativo da longa-metragem, começamos a observar os primeiros contactos e utilizações das redes sociais. São observadas plataformas como o Twitter, o Facebook, o Skype, o LinkedIn, o Instagram, o Snapchat, o Tumblr e, como tema de enfoque do filme, o Google+.

Observando um dos contextos apresentados, vemos Billy e Nick, numa biblioteca, de frente para um computador, à espera para fazerem a entrevista de empregos para a candidatura ao cargo de estagiários da Google.

A entrevista, e numa ideia de sustento cômico para o filme, que se apoia neste estilo, acaba por ser uma total desgraça. Ambos se apresentavam como pessoas extremamente competentes e capazes de desempenhar os papéis a que candidataram quando, na verdade, não fazem ideia do que falam e, muito menos, ao que se estarão a propor.

Esta capacidade de distorcer as realidades e as verdadeiras qualidades dos personagens principais, acompanha-os ao longo de grande parte da narrativa.

Muitas das atividades feitas, que englobam redes sociais na sua essência, como por exemplo a apresentação de um plano estratégico que afirma o Twitter como uma plataforma importante para a promoção de sua ideia, assinalando, novamente a ideia de transmitida por Jenkins (2006) anteriormente, revelam um grande défice de capacidades por parte dos integrantes principais, sendo o contrário do que ambos aparentavam aquando da sua entrevista virtual.

Observando o que estas personagens faziam, podemos assimilar, ao que, nos dias de hoje, conseguimos encontrar no meio das redes sociais.

Muitas pessoas que as utilizam aparentam ser quem não são, aparentam ter atributos que não têm e desejar o que não precisam. Acabam por se tornar uma aparência do que realmente são, pensam e desejam, vivendo sobre um véu capaz de distorcer a realidade (Chambers, 2013).

Esta capacidade de rotular e de nos rotularmos de maneira, quase, intuitiva o nosso mundo envolvente e nós próprios, começa, não a partir do momento em que nos conectamos às redes sociais, mas sim a partir do momento em que nascemos.

Darryl Bem (1972), criador da teoria de “*Self-Perception*”, enfatiza este ponto ao longo da sua obra. O autor afirma que “*In order to identify and label things in his environment, a child must initially have someone else around who will play the “original word game” of pointing and naming, someone who will teach the child to distinguish between objects*” (Bem, 1972, p. 2) Somos ensinados, desde crianças, a rotular, por exemplo, objetos. Esta facilidade de observação e distinção de formas ocorre, da mesma maneira, com nós próprios. Aprendemos, novamente, a rotular quem nós somos, o que queremos e o que sentimos.

Esta mesma perspetiva de nos rotularmos é objetivada e percebida, mais uma vez, por Bem (1972, p. 5), ao dizer “*When we want to know how a person feels, we look to see how he acts*”.

Observemos o que se desenrola ao longo do filme, Billy e Nick, devido às poucas valências que detêm em assuntos digitais, acabam por tomar um discurso nervoso e hesitante tentando encobrir as suas deficiências.

Somos capazes de identificar as nossas virtudes e os nossos erros conseguindo, também, de percebê-los, rotulá-los e distorcê-los para nosso bom proveito, dando-nos a perceber como quem, realmente, não somos.

Desta forma, podemos concluir que, o ser humano, é um ser vulnerável (Turkle, 2011) e que, para tal não seja percebido pelo demais, cria a sua ideia e a sua conceção da sua própria imagem, podendo não ser, de todo, a mais real e necessária.

A capacidade que temos de nos esconder para além daquilo que não somos (Chambers, 2013), vem ao de cima quando estamos protegidos pelo anonimato, algo que, facilmente, uma rede social nos pode oferecer.

Sherry Turkle (2011), autora do livro "*Alone together: Why we expect more from technology and less from each other*", começa por tentar descodificar e perceber esta ideia de na internet nos oferecer a segurança que o mundo real é incapaz de, atualmente, nos oferecer através do anonimato.

Segundo a autora, a tecnologia, e as redes sociais, são "*seductive when what it offers meets our human vulnerabilities. And as it turns out, we are very vulnerable indeed*" (Turkle, 2011, p. 1).

Conseguimos esconder a nossa própria realidade através destes véus que a internet e as redes sociais são capazes de ocultar com a ajuda do anonimato. Esta facilidade de dissuasão, afasta-nos da realidade e de nós próprios. Sendo por isso um pouco paradoxal. Usamos as redes sociais para nos juntarmos, mas, com o uso das mesmas, acabamos por nos afastar (Turkle, 2011).

Tal afastamento acontece no filme. Após uma das personagens cometer um pequeno erro numa das suas tarefas, decide deixar de lado a sua personalidade fictícia e abandonar, por algum tempo, o grupo de trabalho.

Turkle (2011) dá-nos mais uma via por onde podemos levar este pensamento: "*Overwhelmed by the volume and velocity of our lives, we turn to technology to help us find time. But technology makes us busier than ever and ever more in search of retreat. Gradually, we come to see our online life as life itself*" (Turkle, 2011, p. 17).

Até que ponto a percepção da nossa vida online como sendo a nossa própria vida, se torna algo tangível? Até que ponto ou por que motivo é nos mais complicado parecer do que ser?

São todas questões que se definem a partir da idealização e desconstrução do objeto da comunicação nos dias atuais. Ou ainda como, através da mesma comunicação, nos damos a perceber ao nosso mundo envolvente, afetando, por isso, a partir de como nos mostramos, como nos rotulamos e como entendemos o mundo em redor.

E estas são perspetivas bastante presentes no filme: "Os Estagiários" (Levy, 2013). Somos acompanhados, frequentemente, pelos rótulos a que as personagens se submetem a nível digital e online para que consigam ser aceites, não como são, mas como aparecem.

Conclusão

Num mundo no qual, a tecnologia e o mundo online imperam, somos obrigados, constantemente, a observarmo-nos de duas maneiras: como somos e como aparecemos ser. O filme "Os Estagiários" (Levy, 2013) tenta retratar este elemento da realidade social na actualidade. Até que ponto temos de deixar de sermos nós próprios para conseguir atingir o que pretendemos? De que modo esta ideia afeta a nossa percepção do mundo? Seremos nós, meramente, aquilo que mostramos e expomos?

Ao observar o que foi possível analisar ao longo deste trabalho, este acompanhamento e distorção do que pensamos ser a realidade, começa pela percepção de como a tecnologia veio afetar um pilar basilar do ser humano: a comunicação.

Perceber que a passagem para o mundo digital desta faceta diferenciadora do ser humano, veio alterar, estruturalmente, a nossa cultura sendo, por isso, obrigatório a que, qualquer pessoa, tenha acesso e saiba sobre qualquer tipo de informação para se sentir integrado e incluído na comunidade.

Somos, frequentemente, obrigados a rotular-nos assim, de modo a esconder as nossas reservas e as nossas inseguranças e vulnerabilidades. E estas são algumas das possibilidades que as redes sociais nos oferecem.

Podemo-nos esconder no anonimato. Ser quem realmente somos sem haver a possibilidade de sermos marcados como quem não somos.

Contudo, até que ponto não estamos a perder a essência humana do ser humano?

Sermos livres, capazes e dotados de pensar e de ser quem somos.

Referências bibliográficas

- Bem, D. (1972). Self-Perception Theory. Stanford University: Academic Press. Obtido em 06 de 05 de 2023
- Castells, M. (2000). A Sociedade em Rede (8^a ed., Vol. 1). Paz e Terra. Obtido em 06 de 05 de 2023
- Chambers, D. (2013). Social media and personal relationships: Online intimacy and relational ambiguity. Palgrave Macmillan
- Couldry, N.; Hepp, A. (2017). The mediated construction of reality: society, culture, mediatization. Polity Press: Cambridge.
- Jenkins, H. (2006). Convergence and Culture: Where Old and New Media Collide. New York: NEW YORK UNIVERSITY PRESS. Obtido em 06 de 05 de 2023
- Levy S. A. (2013) (Filme) Os estagiários. EUA, 20th Century Fox.
- Turkle, S. (2011). Alone Together: Why we expect more from Technology and less from each other. Basic Books. Obtido em 06 de 05 de 2023

